



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO**

DOUGLAS MARTINS LIMA DE MOURA

**A PROCURA DE UMA NOVA VIDA: HISTÓRIAS ORAIS DE MIGRANTES
NORDESTINOS EM VICENTINA/MS A PARTIR DE 1950.**

DOUGLAS MARTINS LIMA DE MOURA

A PROCURA DE UMA NOVA VIDA: HISTÓRIAS ORAIS DE MIGRANTES NORDESTINOS EM VICENTINA/MS A PARTIR DE 1950.

DOURADOS/MS

2024

DOUGLAS MARTINS LIMA DE MOURA

**A PROCURA DE UMA NOVA VIDA: HISTÓRIAS ORAIS DE MIGRANTES
NORDESTINOS EM VICENTINA/MS A PARTIR DE 1950.**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Fronteiras, identidades e representações.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Barros Gonçalves.

DOURADOS/MS

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M929p Moura, Douglas Martins Lima De

A procura de uma nova vida: Histórias orais de migrantes nordestinos em Vicentina a partir de 1950. [recurso eletrônico] / Douglas Martins Lima De Moura. -- 2024.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Barros Gonçalves.

Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Migração. 2. Memória. 3. Nordestinos. 4. Vicentina. I. Gonçalves, Prof. Dr. Carlos Barros.

II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

DOUGLAS MARTINS LIMA DE MOURA

**A PROCURA DE UMA NOVA VIDA: HISTÓRIAS ORAIS DE MIGRANTES
NORDESTINOS EM VICENTINA/MS A PARTIR DE 1950.**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em ____ de ____ de 2024

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientador: Dr. Carlos Barros Gonçalves (UFGD)

1º Examinador: Dra. Adriana Aparecida Pinto (UFGD)

2º Examinador: Dr. Rogério Sávio Link (UNIR)

DEDICATÓRIA

Para meus avós Raimunda Dina de Moura
(in memorian), Expedito Martins de Moura,
José Soares de Lima e Terezinha
Damasceno de Lima.

AGRADECIMENTOS

No decorrer desses mais de três anos de pesquisa pude contar com o apoio de várias pessoas, que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal.

Gostaria de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas (PPGH/FCH).

A empresa Sanesul (por concordar em flexibilizar meu horário de trabalho para cursar as disciplinas e outras atividades durante a pós-graduação).

Aos professores da banca de qualificação Prof. Dra. Adriana Aparecida e a Prof. Dra. Claudia Regina pelos apontamentos realizados durante a qualificação.

Aos professores da banca de dissertação Prof. Dra. Adriana Aparecida e o Prof. Dr. Rogério Sávio Link, por terem aceitado o convite de participar da análise do meu trabalho final e pelas colocações pontuadas para a melhoria da organização do texto.

À comunidade nordestina de Vicentina, através de todos os colaboradores e seus familiares.

Aos meus pais Evando Martins e Maria Cristina pelo apoio e pela educação no decorrer da vida, a minha companheira Gislaine pelo apoio durante esse período de caminhada, com a alegria da chegada do Davi, nosso primeiro filho em julho de 2024.

Aos colegas de curso das turmas de 2022 e 2023 do Programa de Pós-Graduação.

Aos docentes, Prof. Dr. Eudes, Prof. Dr. Fernando Perli, Prof^a. Dr^a. Claudia Regina Nichnig e ao Prof. Dr. Daniel Afonso, que puderam contribuir ministrando as aulas das disciplinas que participei.

Ao Prof. Dr. Leandro Seawright Alonso que foi orientador da maior parte do meu trabalho, grande incentivador e exemplo, por ter mostrado novas possibilidades de conhecimentos dentro e fora da academia.

Ao Prof. Dr. Carlos Barros Gonçalves que orientou a reta final do trabalho, a partir do ano de 2024 e me mostrou diversas possibilidades dentro da pesquisa.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivos trabalhar a migração e memória de nordestinos na formação no município de Vicentina/MS, no qual está inserida a CAND (Colônia Agrícola Nacional Dourados), criada por Getúlio Vargas no período do Estado Novo, nordestinos viram a possibilidade de um novo lugar para refazerem suas vidas, assolados principalmente pelo fator climático das secas que tornavam suas terras improdutivas. Nesse sentido a memória aparece como uma expressão da história oral de vida. Compreende a análise da trajetória de homens e mulheres que chegaram ao município de Vicentina/MS a partir da década de 1950, com a investigação da memória oral desses sujeitos, entender as formas de trabalho, as relações familiares, as experiências do que é ser um migrante nordestino, e do protagonismo exercido no referido município, ao narrar suas histórias, retratam a fala de uma história que em escala maior abrange o território nacional, que é a migração de nordestinos para todos os cantos deste país. Portanto, suas memórias são individuais, mas também coletivas, tendo em vista que falam de si, mas também de uma história partilhada, sobre a égide de um grupo de nordestinos que fazem parte da história local.

Palavras - chave: Migração. Memória. Nordestinos.

ABSTRACT

The present study aims to work on the migration and memory of northeasterners in the formation in the municipality of Vicentina/MS, in which the CAND (Colônia Agrícola Nacional Dourados) is located, created by Getúlio Vargas during the Estado Novo period, northeasterners saw the possibility of a new place to rebuild their lives, devastated mainly by the climatic factor of droughts that made their lands unproductive. In this sense, memory appears as an expression of the oral history of life. It comprises the analysis of the trajectory of men and women who arrived in the city of Vicentina/MS from the 1950s onwards, with the investigation of the oral memory of these subjects, understanding the ways of working, family relationships, the experiences of what it means to be a northeastern migrant, and the leading role played in that municipality, when narrating their stories, portray the speech of a story that on a larger scale covers the national territory, which is the migration of northeasterners to all corners of this country. Therefore, their memories are individual, but also collective, considering that they talk about themselves, but also about a shared history, under the auspices of a group of northeasterners who are part of local history.

Keywords: Migration. Memory. Northeasterners.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo trabajar sobre la migración y la memoria de los nordestinos en la formación en el municipio de Vicentina/MS, en el que se ubica la CAND (Colônia Agrícola Nacional Dourados), creada por Getúlio Vargas durante el período del Estado Novo, los nordestinos vieron la posibilidad de un nuevo lugar donde rehacer sus vidas, devastadas principalmente por el factor climático de las sequías que volvieron improductivas sus tierras. En este sentido, la memoria aparece como expresión de la historia oral de la vida. Comprende el análisis de la trayectoria de hombres y mujeres que llegaron a la ciudad de Vicentina/MS a partir de los años 1950, con la investigación de la memoria oral de estos sujetos, comprendiendo las formas de trabajo, las relaciones familiares, las experiencias de lo que significa ser migrante nororiental, y el protagonismo que juega en ese municipio, al narrar sus historias, retrata el discurso de una historia que a mayor escala abarca el territorio nacional, que es la migración de nordestinos hacia todos los rincones de este país. Por tanto, sus memorias son individuales, pero también colectivas, considerando que hablan de sí mismos, pero también de una historia compartida, bajo el auspicio de un grupo de nordestinos que forman parte de la historia local.

Palabras - clave: Migración. Memoria. Nordestinos.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAND – COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS

CDR – CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO REGIONAL

CTN – CENTRO DE TRADIÇÕES NORDESTINAS

EAD – EDUCAÇÃO Á DISTÂNCIA

FCH – FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

PPGH – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TSE – TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL

UEMS – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UFGD – UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Colônias.....	24
Quadro 2 - Redes	25
Quadro 3 - Relação dos colaboradores	30
Quadro 4 - Local de origem e ano de chegada ao município de Vicentina/MS	33
Quadro 5 - Assuntos mais citados pelos colaboradores	36
Quadro 6 - Locais de transição dos migrantes.....	149

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Livro Lampião.....	43
Imagem 2 - Título de cidadania Expedito Martins de Moura.....	50
Imagem 3 - Histórico Escolar José Martins Neto.....	67
Imagem 4 – Escola Estadual Padre José Daniel.....	68
Imagem 5 - Salão Paroquial de Vicentina.....	68
Imagem 6 - Livro 1 Patativa do Assaré.....	83
Imagem 7 - Livro 2 Patativa do Assaré.....	83
Imagem 8 - Livro 3 Patativa do Assaré.....	84
Imagem 9 - Livro 4 Patativa do Assaré.....	84
Imagem 10 - Livro 5 Patativa do Assaré.....	85
Imagem 11 - Livro 6 Patativa do Assaré.....	85
Imagem 12 - Livro 7 Patativa do Assaré.....	86
Imagem 13 - Chapéu de couro José Alexandre Filho.....	104

LISTA DE FLUXOGRAMAS

Fluxograma 1 - Temporalidade da Memória.....	31
--	----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização de vicentina e da CAND	143
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA ORAL COMO POSSIBILIDADE	222
1.1 Tema	23
1.2 O espaço da pesquisa	28
1.3. Tempo e documento	30
CAPÍTULO 2 – HISTÓRIAS DE VIDA DE MIGRANTES NORDESTINOS.....	37
2.1 Rede 01	38
2.1.1 Expedito Martins de Moura.....	38
2.1.2 José Martins Neto (Martinzinho).....	53
2.1.3 Jose Bernaldo dos Santos (Zé Vermelho)	69
2.2 Rede 02	87
2.2.1 Otacílio Dutra Duarte	87
2.2.2 José Alexandre Filho (Zeca Alexandre)	98
2.2.3 Antônio Fernandes de Souza (Biba).....	105
2.3 Rede 03	119
2.3.1 Idelfonso Soares Barbosa (Dézinho)	119
2.3.2 José Rodrigues de Alencar (Zé Miguel)	124
2.3.3 João Possidônio da Silva	133
2.3.4 Josefa Tereza da Silva	138
CAPÍTULO 3 - DE LÁ PARA CÁ E DE CÁ PARA LÁ: A EXPERIÊNCIA DE VIDA DOS MIGRANTES NORDESTINOS. ANÁLISE TRANSCRITIVA E DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA.....	142
3.1 O processo de formação da cidade de Vicentina.....	143
3.2 A Colônia Agrícola Nacional de Dourados, os migrantes e a historiografia.	147

3.3 Vidas em trânsito: o processo migratório	149
3.4 Entre idas e vindas: nordestinos em Vicentina.....	150
3.5 Amor, trabalho e esperança: a presença feminina no processo migratório	159
3.6 Memórias do tempo presente.....	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	179
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	183

INTRODUÇÃO

Sou natural de Fátima do Sul (nasci no Hospital Nazareno na cidade de Fátima do Sul), mas vivo desde os meus primeiros dias em Vicentina, sempre gostei de falar sobre a minha cidade. Filho de um professor de história e de uma professora dos anos iniciais, a educação sempre foi importante em nossa casa. Estudei toda a minha formação básica na Escola Estadual Padre José Daniel em Vicentina e de lá iniciei o gosto pelas ciências humanas.

No ano de 2013 cursando Geografia pela UFGD, trabalhei com Geografia Econômica, sob a orientação da Prof. Dr^a. Lisandra Lamoso Pereira¹, com o tema: O circuito produtivo da Doux Frangosul na Região da Grande Dourados, pesquisa que envolvia a agricultura familiar e a relação com o comércio exterior, na cadeia produtiva de aves, no caso específico da empresa Doux Frangosul.

Na referida pesquisa consegui trabalhar com avicultores da região da Grande Dourados, especificamente com avicultores dos municípios de Vicentina, Fátima do Sul e Dourados. Após o término da minha graduação em 2013, foquei no mercado de trabalho, e só retornei a um curso de pós-graduação no ano de 2016, cursando Gestão Ambiental na Unigran e em 2019 cursando uma pós-graduação em Geografia Ambiental pela Universidade Cândido Mendes, ambos os cursos, escolhi devido à proximidade com a área laboral, o saneamento básico.

Após o afastamento da presidenta Dilma Rousseff², o Brasil passou por algumas reformas que afetaram diretamente a classe trabalhadora, que me fizeram repensar algumas ideias a respeito do mercado de trabalho, então, no ano de 2020, a partir de março, o mundo teve a incidência da pandemia do COVID-19, e aprofundou ainda mais os problemas do mercado de trabalho em nosso país. Com tais fatores influenciando e modificando as relações de trabalho, no início do ano de 2020, me surgiu a vontade também a necessidade de ampliar o conhecimento e a formação acadêmica, então me matriculei no Curso de História – segunda licenciatura, no formato EAD, pela Universidade Estácio, pois assim conseguiria manter meu trabalho e seguir os estudos dentro da minha rotina, com a possibilidade de mais uma área de formação. Pensando

¹ Lisandra Pereira Lamoso é Licenciada e Bacharel em Geografia pela Unesp de Presidente Prudente (1990), Mestre em Geografia pela mesma instituição (1994) e Doutora em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2001).

² O processo de impeachment ocorreu na data de 31 de agosto de 2016, quando Dilma foi afastada da Presidência da República.

no futuro, migrar para a licenciatura com um segundo curso de graduação, poderia me ajudar nesse sentido. E no decorrer da graduação, mesmo à distância, pude entender que as disciplinas de história me conquistou, pois, desde o ensino fundamental sempre gostei das ciências humanas, e no curso pude ter contato com temas que gostei muito de estudar, a Escola dos Annales, os estudos culturais e com a memória, principalmente na figura de Maurice Halbwachs.

O referido projeto de pesquisa surgiu em meados do ano de 2021, a partir de diversos fatores que vão de cunho pessoal ao profissional, pois, já que sou neto de migrantes nordestinos, sempre ouvi relatos sobre o Nordeste, foi algo muito recorrente em diálogos com os pais, avós, tios e conhecidos. Com o passar dos anos e um alargamento das funções e relações sociais, pude compreender que o município de Vicentina, cuja nossa família, no caso o meu avô paterno, reside desde o ano de 1954, possui uma forte influência dos nordestinos.

No ano de 2021 pensei em me inscrever para o processo seletivo de mestrado em História na UFGD, por três fatores: continuidade na vida acadêmica através de um curso de aperfeiçoamento (pós-graduação); busca por novas oportunidades profissionais; possibilidade de contribuir com a sociedade através da pesquisa acadêmica, tendo em vista, poder trabalhar um tema relativo às trajetórias que fazem parte da cidade de Vicentina, ou ainda, trabalhar com histórias de vida das pessoas da comunidade, que se confundem em alguns momentos com a própria história da comunidade. A influência familiar sem dúvidas foi um fator diferencial na escolha do tema, desse modo, a identidade com a comunidade nordestina me aproximou da discussão do tema.

A partir do momento da delimitação do tema, iniciei a pesquisa com a leitura de alguns textos, artigos e livros, relacionados a assuntos como: a migração nordestina; história oral como metodologia ou como disciplina; processo de colonização e formação da região da Grande Dourados; movimentos migratórios e memórias (individuais e coletivas).

Esta pesquisa teve a contribuição da orientação do Prof. Dr. Leandro Seawright na maior parte do processo, porém, devido a algumas mudanças administrativas no PPGH/UFGD, foi necessário mudar de orientação para o Prof. Dr. Carlos Barros Gonçalves, mas vale destacar a importância do Prof. Dr. Leandro Seawright na pesquisa realizada.

Neste momento do trabalho, busco apresentar aos leitores, os aspectos principais que trabalham a memória, a narrativa e a produção de um projeto de história oral,

apresentando as razões e motivos trabalhados na referida publicação e nos instigaram a sair do “pessoal” para o “público”.

A história oral é dimensão prática e organizada de projetos que exploram nuances da memória (Meihy e Seawright, 2020, p. 21), mostrando que a história oral não se resume apenas às entrevistas, mas que as entrevistas estão inseridas num contexto maior, que envolve todo o projeto de pesquisa.

O conjunto de entrevistas, para a boa dimensão dos projetos, precisa evoluir de maneira a possibilitar resultados que tenham alcances sociais e públicos (Meihy e Seawright, 2020, p. 21), mostra a importância das entrevistas para além das entrevistas, das entrelinhas, que a condução dos procedimentos deve estar dentro do alinhamento planejado para o andamento da pesquisa.

Antes de iniciar a organização do projeto, deve-se ler, instruir, preparar o campo do trabalho. A preocupação sobre as novidades em termos de resultados da investida é fundamental para o sucesso de seu percurso (Meihy e Seawright, 2020, p. 39), isso mostra que a história oral vai muito além das entrevistas, são pautadas em procedimentos, que devem ser respeitados para o bom andamento do projeto.

Paul Ricoeur³ (2012) defende o conceito de representação, ou o ato de representar, o passado ou presente? Algo novo ou algo velho? A partir da ideia de arquivo – documento – rastro, assim, volta a trabalhar com Marc Bloch⁴, com os rastros da história, ou melhor, com os rastros que fazem a história e compara o enigma do rastro ao enigma da marca.

Um ponto crucial na leitura e na compreensão é a chamada transição que é propiciada pelo testemunho, na qual se pode passar da memória para a história. No comparativo das semelhanças e das diferenças é que se pode voltar a ideia inicial de fiabilidade para a compreensão do acontecimento que está sendo narrado. (Ricoeur, 2012).

A história oral está no ar e é de todos e para todos. Como protagonistas ou consumidores, o direito de se exprimir autentica a condição de cidadania graças à eletrônica e à passagem do oral para o escrito (Meihy e Seawright, 2020, p. 16), a história oral busca ouvir, todos e todas, pluralizando as falas, principalmente através da escuta. O aprendizado de escutar é um dos maiores que a história oral me proporcionou.

³ Paul Ricoeur foi um filósofo e pensador francês, desenvolveu contribuições para a fenomenologia e a hermenêutica, em constante diálogo com as ciências humanas e sociais.

⁴ Marc Léopold Benjamin Bloch foi um historiador francês e um dos fundadores da Escola dos Annales.

Por possuir procedimentos bem definidos, a história oral estabelece alguns parâmetros, de modo que a organização do projeto deve seguir algumas perguntas: “de quem”, “como”, “quando”, “por quê”, “por quem” e “para quem” (Meihy e Seawright, 2020, p. 27), com o norteamento dessas perguntas foi possível estabelecer o que se deseja trabalhar no decorrer do projeto.

A partir da aprovação e da escolha do orientador foi possível discutir sobre as três obras principais que serviram de referência para este trabalho: o livro de Maurice Halbwachs, “A memória coletiva”, o livro “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, da brasileira Eclea Bosi, pois tais obras e autores são referências no estudo das memórias, de como as memórias se constroem na sociedade, no tempo e no espaço, autores que são de outras áreas do conhecimento, mas que contribuem para o estudo histórico, da memória e das imbricações sociais. Também iniciei o levantamento das fontes orais e escritas que seriam utilizadas para o desenvolvimento do projeto e outras possíveis fontes que poderiam ser usadas no projeto.

Devido tais fatores destaco alguns dos trabalhos que ajudam a compreender a dinâmica regional a partir do processo de colonização, da influência da Igreja Católica no processo colonizador. Muitos dos colaboradores em suas memórias relataram momentos sobre o processo de colonização da cidade de Vicentina e da Região da Grande Dourados.

Destaco alguns autores e obras: Adnara Thais Bordan Aranda Moya (2017), Uns partiram, outros ficaram: análise sócio histórica do processo de colonização de Vicentina no antigo sul de mato grosso (1954-1987); Benícia Couto Oliveira (1999), A política de colonização em Mato Grosso (1937-1945); Claudete Soares de Andrade Santos (2007), Os colonos e a Igreja Católica no contexto da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (1940-1970); de Nilton Paulo Ponciano (2006): Fronteira, Religião, Cidade: o papel da Igreja Católica no processo de organização sócio-espacial da cidade de Fátima do Sul/MS (1943-1965);e de Suzana Batista Gonçalves Naglis (2007), Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND (1943-1960).

O trabalho não apenas preenche uma lacuna historiográfica, mas destaca-se por ter uma abordagem diferente de uma temática pouco retratada, pois tratar especificamente de um processo de deslocamento populacional de uma determinada área para outro determinado lugar nem sempre é uma tarefa simples. Neste sentido, a relevância da pesquisa também se destaca ao registrar e analisar as memórias dos

moradores vindos da região nordeste, especificamente de migrantes cearenses e pernambucanos, e ao apresentar uma nova história, uma nova narrativa por meio de análises da memória coletiva.

Com os procedimentos definidos, bem como a metodologia a ser utilizada, o projeto dá escuta para a história de vida de migrantes nordestinos que buscavam em outro espaço a realização de uma vida melhor, venceram as dificuldades como a fome e a pobreza, a falta de oportunidades e a falta de recursos, com a seca que assola parte da região como o semiárido (local caracterizado por pouca incidência de chuvas regulares).

Ressalto ainda que os migrantes nordestinos que chegaram ao município de Vicentina conseguiram ocupar posições de grande influência na sociedade, na política, no ramo empresarial, entre outros. Ao narrarem suas vidas e os acontecimentos relacionados a ela, com suas impressões e opiniões dos fatos, os narradores o fazem a partir de suas memórias pessoais. Deste modo, “toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões” (Meihsy, 2005, p. 56), enfim, um produto da memória.

As narrativas de história oral, tornadas públicas, poderiam ter o poder de afrouxar o nó que tensiona as relações entre o imigrante e a sociedade receptora, diminuindo não só a distância física, mas, sobretudo a distância cultural, para tornar a imigração não um motivo de desintegração, de disputas, de brigas, mas de interações entre mundos diferentes (Osman, 2019, p. 309).

O projeto foi elaborado a partir da inexistência de documentos escritos ou gravados a respeito da memória de migrantes nordestinos que moram no município de Vicentina. A migração é um tema que podemos considerar como multidisciplinar, e os trabalhos científicos voltados para essa temática utilizam a metodologia da história oral, tendo em vista seus procedimentos. Existem diversos estudos sobre a migração nordestina, pois esse fenômeno foi e ainda é um processo que acontece, não somente para a região da Grande Dourados, mas para outros pontos do país e outros pontos do mundo. Esse foi o pontapé inicial deste projeto, trabalhar histórias de vidas, a partir da metodologia de história oral, suprimindo uma demanda que há na cidade e na região sobre tal assunto.

A história local tem uma dinâmica muito peculiar, realizada no cotidiano, nas relações mais próximas. A ida ao mercado, à farmácia, pode representar o cruzamento de trajetórias que se relacionam mesmo sem perceber. Através desses encontros com as

peessoas consegui encontrar muitos profissionais que ajudaram diretamente e indiretamente na construção do projeto, que é uma construção coletiva.

A migração é um tema interdisciplinar com muitos estudos na arqueologia e na geografia, porém, muitas vezes não é dada atenção aos motivos pelos quais as pessoas migram, que vão desde o econômico até culturais, ou traumas coletivos e individuais. Na história oral, o foco principal não é o tema migração, mas a história de vida do migrante.

Nesse aspecto, trabalho com a entrevista de dez colaboradores, todos migrantes nordestinos e que vivem no município de Vicentina/MS, para contar a partir da sua própria visão sobre a sua história de vida, a partir dos recortes que ele mesmo escolhe através dos estímulos da memória. Entrevistas realizadas no decorrer do ano de 2022 e que foram sistematizadas nos últimos dois anos, possibilitando compreender sobre a história de vida e sobre o processo migratório. Mais do que estudar o tema migração nordestina, a metodologia de história oral nos proporciona estudar as subjetividades, possibilitando aprofundar na história do migrante, do sujeito, do real e do abstrato, das alegrias e das decepções que cada ser carrega. Neste aspecto, as singularidades são valorizadas, sem perguntas fechadas, mas com diálogos abertos. É possível dizer que fui escutador de histórias no desenvolvimento deste projeto.

De início perguntei se tentaria escrever uma história do nordestino, ou uma história da colonização de Vicentina, mas com o processo da escrita, deparei-me com sujeitos e trajetórias mais significantes que uma afirmativa clássica. Sujeitos que trazem consigo cargas e conquistas, tristezas, alegrias, carregam em seus corações traumas, preconceitos sofridos e que também tem em relação à figura da alteridade, sempre contestada e contrastada quando trabalhamos com as diferenças entre seres humanos. Nesse sentido, trabalhar com pessoas é abraçar as perspectivas de âmagos diferentes, isso foi inferido conforme o trabalho empírico foi se dando. Dentro da perspectiva histórica, que trabalha com a ação humana no tempo e no espaço, a pesquisa se tornou mais consolidada e está pautada nas teorias e metodologias da história.

O entrevistado que deu início a pesquisa empírica foi o senhor Expedito Martins de Moura, nordestino, natural da cidade de Brejo Santo/CE, meu avô, chegou ao local onde hoje é o município de Vicentina em 1954, nascido em 1923. Expedito tem muitas lembranças da época do Nordeste, bem como da vivência em Vicentina, desde quando ainda não existia nenhuma casa onde hoje é a cidade. A nossa última colaboradora foi a senhora Josefa Tereza da Silva, natural da cidade de Pau Ferro/PE. Ela migrou por

outros lugares, como o interior do estado de São Paulo e do Paraná e chegou na década de 1960, onde hoje se encontra a cidade de Vicentina.

A partir da colaboração do senhor Expedito, iniciamos a construção das colônias e das redes do nosso projeto, tendo em vista que a comunidade de destino eram os migrantes nordestinos residentes no município de Vicentina, onde as histórias de vida dos migrantes, suas alegrias, saudades, recordações, amores e dissabores são o foco do nosso trabalho. No início tinha uma ideia formada do que poderia ser realizado, porém, devido ao andamento do projeto e as orientações, tive uma nova compreensão das fissuras que havia dentro dos grupos, das redes e das vivências.

As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre do ano de 2022, a maioria foi realizada aos sábados e domingos, aos feriados e quando realizadas durante a semana, algumas também foram realizadas no período noturno, devido ao meu horário de trabalho.

No decorrer das entrevistas com os colaboradores, tive algumas dificuldades, alguns possíveis colaboradores não puderam participar, devido a problemas de saúde, à falta de lucidez e devido a algumas recusas de pessoas que não desejaram participar. A maioria dos colaboradores são homens, uma parcela considerável deles são viúvos, um dos colaboradores estava com sua esposa doente, o senhor Joaquim e a esposa não aceitaram participar do trabalho.

A comunidade de destino é a parcela que permanece viva, com um conjunto de afetos e afetados, que resistem ao tempo e através da capacidade de oxigenação da memória, continua se fazendo presente. Ao praticar o ato de escuta, os vai e vem da memória são manifestados através das lembranças dos colaboradores, que coletivamente constroem o espaço vivido.

Com a comunidade de destino composta por migrantes nordestinos, realizamos a entrevista com nossos dez colaboradores, Expedito, José Martins, José Alexandre, Ildfonso, Antônio Fernandes, João Possidônio, Josefa Tereza, José Rodrigues, Otacílio, José Bernaldo. Cada colaborador com histórias singulares e que ao mesmo tempo possuem um nexos no tempo, no espaço, no sentido de compreender a vivência dos migrantes nordestinos em terras vicentinenses.

Ao compreender a história oral de vida e trazer para a perspectiva histórica, nosso trabalho tem como objetivo, entender como se deu o processo migratório, tendo a história de vida de cada um contada por ele próprio, com suas lembranças e formas de

interpretar como as lembranças de sua memória impactam em sua vida, na vida de sua família, no seu bairro, na sua cidade.

Compreender os meandros do movimento migratório, as dificuldades encontradas para chegar até a cidade de Vicentina, bem como o processo de adaptação a um novo modo de vida, com novos costumes, alimentação, a influência da religião e da religiosidade, dos políticos e empresários, entre outros aspectos, são bases desta pesquisa. Diante disto, tomo como objetivo compreender o processo migratório a partir das histórias de vida dos migrantes que saíram do Nordeste e chegaram até Vicentina em busca de uma nova realidade de vida para suas famílias, histórias que serão retratadas nos capítulos a seguir.

CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA ORAL COMO POSSIBILIDADE

O município de Vicentina por ser considerado um município jovem, é chamado carinhosamente de “cidade menina”, assim há poucos estudos sobre o processo migratório, especificamente da migração nordestina. Nesse sentido, possui uma lacuna referente à pesquisa, que acredito ser preenchido parcialmente através desse trabalho, executado no decorrer do programa de Pós-Graduação em História da UFGD, não só como uma contribuição ao município, mas principalmente para a comunidade vicentinense, em especial aos nordestinos.

Com uma grande parcela da população de origem nordestina ou descendente de migrantes nordestinos, o município conserva algumas tradições nordestinas, como a popularização das festas juninas nas escolas, nas famílias e outros agrupamentos, nos bairros, bem como na música, através do xote, do forró, ritmos sempre usados nas confraternizações no Centro de Convivência do Idoso, popularmente conhecido como Conviver, em que semanalmente se reúnem uma comunidade da terceira idade para integração e relacionamento social, como um espaço de interação e encontro de trajetórias. Porém não há, especificamente, um “espaço das memórias”, um espaço físico, tipo um CTN (Centro de Tradições Nordestinas), onde a comunidade nordestina realiza o seu encontro e guardam objetos que representam uma identidade regional.

Este trabalho tem como objetivo compreender o processo migratório, prezando pela história de vida do colaborador. A oralidade traz consigo muitas possibilidades, bem como a história oral consegue extrair as singularidades que muitas vezes outras metodologias utilizadas na história não conseguem extrair. Com isso, a metodologia da história oral foi a escolhida para esta pesquisa, permeando as necessidades e como diretriz do nosso estudo.

Após definição do tema, da metodologia que seria trabalhada, passei então a analisar os possíveis colaboradores, mais especificamente qual seria o ponto zero deste trabalho, o colaborador que acreditava ter a maior reserva de memória e que conseqüentemente melhor iria contribuir no início do trabalho. A primeira entrevista do projeto, na data de 06/04/2022, foi com o senhor Expedito Martins de Moura.

Posteriormente, encontramos outros colaboradores que auxiliaram bastante na construção das redes, tendo em vista que o colaborador Expedito, na época da entrevista em 2022, estava com 99 anos e muitos dos que ele havia citado na entrevista já não se encontravam mais vivos ou com lucidez para que pudéssemos também entrevistar.

Outros colaboradores como o senhor José Martins Neto (popular Martinzinho) e o senhor Ildefonso Soares (popular Dezinho) também foram muito importantes no decorrer do trabalho.

Com uma melhor definição do espaço e do tempo, periodizei a década de 1950, quando inicia a chegada de migrantes nordestinos na região onde seria posteriormente formada a cidade de Vicentina. Há momentos relatados nas histórias de vida que antecedem ao período de 1950 e mesmo assim serão apresentados no trabalho. Relativo ao recorte espacial, a cidade de Vicentina é a referência, tendo em vista que a origem das pessoas também é considerada. Dentro das redes trabalhadas estão dois estados do Nordeste, Ceará e Pernambuco.

A pesquisa se baseou na história de vida e no processo migratório de homens e mulheres para a compreensão de como os movimentos migratórios de cearenses e pernambucanos ocorreram dentro do município de Vicentina, que recebeu migrantes de diversos lugares, sobretudo da região Nordeste. Todas as entrevistas foram devolvidas para os entrevistados, mostradas na íntegra e todos os entrevistados concederam a Carta de Cessão das entrevistas, para que o pesquisador pudesse usar as mesmas no referido trabalho.

1.1 Tema

A migração é um processo que ocorre devido a vários fatores, talvez os maiores na época do recorte selecionado para essa pesquisa, fossem a busca por uma vida melhor e a fuga da seca e da fome. Muitos dos nossos colaboradores relataram no decorrer do projeto, das suas necessidades, das dificuldades enfrentadas por eles, por seus pais, por seus avós, enquanto moravam na região Nordeste.

O município de Vicentina faz parte da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados), mesmo estando numa região de forte presença indígena, pelos relatos ouvidos, o território onde se encontra o município de Vicentina é descrito pelos colaboradores como um lugar “despovoado”, resumido a poeira e mata. Diante deste aspecto, advém a figura do migrante como sujeito que iniciou o processo de povoamento daquela mancha territorial. Ao escutar as histórias dos colaboradores, nota-se que outras situações também influenciaram nesse processo e que a seca e a fome poderiam ser um preâmbulo, mas que a migração é um processo mais complexo.

Conforme análise no decorrer da pesquisa, a migração familiar se destacou, com a vinda em conjunto com outros familiares, por isso, ainda que haja a migração solitária, em que o indivíduo migra sozinho, esse fenômeno ocorre, majoritariamente, de forma conjunta, com pais, avós, tios, esposa, filhos etc.

É possível perceber inicialmente a comunidade de destino também chamada de comunidade afetiva, que depois de definida, necessita de delimitações, identificar as suas colônias, que são ramificações menores dentro da comunidade. Se a comunidade de destino é um todo, a colônia é sua primeira divisão, ainda que composta por um bloco grande de agentes que procuram explicá-la (Meihy & Seawright, 2020). Após análise e organização, foi possível identificar quatro colônias conforme quadro abaixo:

Quadro 1-: Colônias

Colônia	Nome	Transição
01	Migrantes nordestinos moradores em Vicentina/MS	Vieram direto para onde atualmente é MS (na época MT)
02	Migrantes nordestinos moradores em Vicentina/MS	Moraram em outro estado antes de chegar ao MS
03	Migrantes nordestinos moradores no distrito de São José	Vieram direto para onde atualmente é MS (na época MT)
04	Migrantes nordestinos moradores no distrito de São José	Moraram em outro estado antes de chegar ao MS

Fonte: Organizado pelo autor, 2024.

Após a definição das colônias surgem as redes, que são as menores partes dentro da comunidade afetiva, elas se formam de modo natural, a partir da transição com o ponto zero da pesquisa, que irá orientar os próximos passos da pesquisa, trazendo a necessidade e os possíveis colaboradores que serão trabalhados. As redes são derivações da colônia e se refazem às menores parcelas das comunidades de destino. As redes devem ser plurais porque nas diferenças internas aos diversos grupos residem as disputas que se perfazem no cotidiano das comunidades (Meihy & Seawright, 2020, p. 101).

Devido às peculiaridades da memória, das colônias e da comunidade de destino, as redes se dividiram em três. A primeira rede se iniciou com o colaborador Expedito Martins de Moura, que apontou novos colaboradores e esses novos apontaram outros, e a última rede se encerrou com a colaboradora Josefa.

Para uma melhor compreensão das redes, realizamos o levantamento através da tabela a seguir:

Quadro 2 - Redes

Colaborador	Rede
Expedito Martins de Moura	01
José Martins Neto (Martinzinho)	01
José Bernaldo dos Santos (Zé Vermelho)	01
José Alexandre Filho (Zeca Alexandre)	02
Otacílio Dutra Duarte	02
Antonio Fernandes de Souza (Biba)	02
Idelfonso Soares Barbosa (Dézinho)	03
José Rodrigues de Alencar (Zé Miguel)	03
Joao Possidonio da Silva	03
Josefa Tereza da Silva	03

Fonte: Organizado pelo autor, 2024.

As relações cotidianas moldadas pela multiplicidade de culturas são perceptíveis conforme as entrevistas foram realizadas. As colônias, as redes de pesquisa, relações de espiritualidade, o sagrado e o profano, as lendas e mitos, a leitura romantizada do nordestino, eufórica, heroica, é muito presente nas declarações de nossos colaboradores. As lembranças dos colaboradores trazem uma carga de emoção muito intensa em alguns trechos das entrevistas. A história oral é um campo de pesquisa muito importante na compreensão do processo migratório, trazendo para a centralidade a figura do migrante.

O historiador enquanto atua de forma a auxiliar na compreensão de como esses acontecimentos passados se fazem presentes ainda na atualidade. Partindo da premissa do autor de que o historiador possa operar uma intervenção intelectual em seu próprio tempo, situando-se no presente e pensando o presente, é que a migração tem sido pensada na contemporaneidade (Osman, 2019, p. 307). Diversos exemplos temos de processos migratórios, em muitos casos conflituosos, tensionados e de muitas resistências, o muro dos Estados Unidos para conter a migração mexicana é um exemplo, de processo migratório conturbado, tensionado e desdobramentos para ambos os países.

Uma grande contribuição da história oral para os estudos sobre migração, do ponto de vista das histórias de vida e da valorização da experiência e da subjetividade no processo migratório. As emoções, as paixões, as fantasias; as visões de mundo; a seleção dos fatos; o que foi dito e o que não foi dito; a negociação da memória do que foi esquecido, a elaboração da experiência individual dentro de um contexto coletivo, tudo isso, e talvez ainda mais, é o conteúdo fundamental de histórias de vida ligadas ao deslocamento populacional (Osman, 2007, p. 35).

A história oral expressada pela memória é sempre detalhista e, assim, comporta-se na condição de “micronarrativa”, com escalonamentos analíticos menores (Meihy & Seawright, 2020, p. 48), caracterizando singularidades gramaticais em cada grupo estudado.

Entendendo a história oral como um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com um grupo de pessoas a serem entrevistadas, a fim de se promover análises de processos sociais do presente (Meihy & Ribeiro, 2011), a história oral como uma disciplina ou como metodologia, vem com a perspectiva de exercitar a escuta cujas preliminares se dão pela organização do projeto de pesquisa e que caminha na busca da valorização da memória. Neste sentido, não estabelecemos a disciplina como sinônimo de entrevistas, mas como algo analítico que traz consigo uma carga emocional de vivências que serão refletidas nos trabalhos.

O campo de pesquisa da história oral é recente, iniciado após a Segunda Guerra Mundial, quando ouvir os relatos de soldados e participantes da guerra, médicos, viúvas etc., se fazia necessário para entender tal processo e as implicações que trariam ao seu país.

Levando em consideração o papel da entrevista no trabalho de história oral, entende-se por fonte oral toda manifestação que tem cuidado de armazenamento (Meihy & Seawright, 2020, p. 32), por isso o cuidado na escolha e na elaboração dos colaboradores deste trabalho foi muito importante, tendo em vista que rememorar passagens da sua história de vida, também passa pela seletividade do entrevistado, que escolhe quais trechos quer relatar. A história de vida, relatada pela própria pessoa, e a subjetividade de cada narrativa, pois, cada colaborador pode trazer para a entrevista, explorando melhor uma situação, ou temática de sua vida. Alguns colaboradores podem rememorar mais situações relacionadas ao trabalho, a educação, as relações familiares, a espiritualidade, ou coisas consideradas exóticas, como a fofoca ou a coisas banais, por exemplo.

Ainda que as entrevistas tenham sido realizadas individualmente com cada colaborador da pesquisa e que as memórias aí evocadas sejam, portanto, memórias pessoais de cada indivíduo, sabe-se que essas memórias são também coletivas, pois “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda de acordo com o lugar e as relações que a pessoa possui” (Halbwachs, 2006, p. 51). As figuras que sempre aparecem nas falas, como Luiz Gonzaga, padre Cícero, padre José Daniel, Lampião, estão inseridas na memória coletiva da sociedade, seja pela lembrança dos irmãos, pais, avós ou outros membros da comunidade.

Uma característica da memória que tem destaque é a seletividade, resultado de uma memória coletiva. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história (Le Goff, 1992, p. 426), em que há momentos que a memória se retrai e outros momentos em que ela transborda, mostrando como essa seletividade, está relacionada ao momento e ao contexto em que está inserida.

As entrevistas foram realizadas no decorrer dos meses de março a junho de 2022, sempre em locais que o entrevistado desejava, e em horários que ele poderia nos atender. Uma abordagem relevante do trabalho de Alessandro Portelli⁵ é sobre o espaço em que são realizadas as entrevistas, mostrando a multiplicidade de espaços que o ser humano habita. Um seu trabalho há entrevistas com intensa participação de crianças, outras em que se ouve o barulho de caminhões, entrevistas realizadas embaixo do pé de manga, o que torna a história oral ainda mais próxima da realidade humana.

A metodologia utilizada foi a história oral de vida, hibridizando os indicativos argumentativos, mas também realizando uma análise conjunta das entrevistas, numa perspectiva analítica, cruzando passagens de temas relacionados nos vestígios da memória do grupo.

Para a realização das entrevistas foi utilizado o aparelho celular Android, as datas e horários foram previamente estabelecidos com nossos colaboradores, o deslocamento ocorreu de diversas formas, a pé, de bicicleta, de motocicleta e de carro, sempre carregando o caderno de campo para observar as situações inusitadas que a pesquisa de campo proporciona.

Após a gravação, inicia o processo de transcrição, na qual se transmite o que foi gravado para o escrito, iniciando o processo de materialização do oral para o escrito, a

⁵ Alessandro Portelli é um historiador italiano referência nos estudos de História Oral.

transcrição é o primeiro passo a ser dado nesse processo. A transcrição equivale a passagem dos enunciados orais para a forma escrita o mais próximo do que foi transmitido (Meihy & Seawright, p. 131, 2020). A transcrição é o primeiro passo para construção de um documento em história oral. Após a transcrição das entrevistas, a pesquisa entrou em seu segundo processo, que foi a textualização das entrevistas, em que se busca ordenar as ideias emitidas pelo entrevistado, independente da ordem em que ele expôs (Meihy & Seawright, p. 134, 2020), mas de uma forma que possa ser compreendida pelo leitor dentro do contexto, fazendo com que o leitor se sinta inserido na respectiva narrativa.

Partindo da textualização, entramos no terceiro momento, que é a verificação do tom vital de cada entrevista, o tom vital é entendido como o ponto central, a síntese da visão do narrador, pode ser a frase que mais utilizou, bem como a frase que mais marcou a entrevista, serve como um guia para compreensão do eixo narrativo. Para as entrevistas o tom vital equivale ao título do projeto (Meihy & Seawright, 2020).

A última etapa é a transcriação, na qual é aperfeiçoado os outros três pontos (transcrição, textualização, tom vital), e que é caracterizada pelo texto aperfeiçoado, com requintes de recriação, (re)imaginação, a fim de trazer o leitor para o ambiente da entrevista. Porém, a legitimação do texto só pode ser exposta ao público após a Carta de Cessão de Direitos Autorais pelo narrador, em que ele autoriza e reconhece o texto final. A transcriação deve buscar a boa comunicação com o leitor do texto (Meihy & Seawright, 2020).

1.2 O espaço da pesquisa

Este trabalho decorre no município de Vicentina, com residentes de Vicentina no período da pesquisa. Foi pensado diante da memória de pessoas que chegaram ao município. O entrevistado mais antigo, chegou no ano de 1952 e o que chegou por último no ano de 1982. As entrevistas foram transmitidas no ano de 2022.

No primeiro momento foram realizadas as entrevistas em modo presencial, sendo orientado pelas redes. Todas as entrevistas foram realizadas de forma presencial, algumas de forma múltipla e outras de forma única, entrevistas abertas, sem perguntas fechadas, deixando sempre o colaborador a vontade para relatar sobre a sua história de vida.

De início priorizei as pessoas com mais idade e que conseqüentemente eu acreditava ter uma maior reserva de memória, com uma maior possibilidade de contribuição. Ao entrevistar tais pessoas, priorizei que eles pudessem relatar suas experiências no Nordeste, uma vez que deixaram a região já com uma idade avançada, para a partir disso compreender as relações de entre lugar, as experiências da migração, da adaptação ao novo, das relações de poder, da forma como foi ter contato com pessoas de outras culturas, bem como entender o processo de formação da sociedade vicentinense.

A comunidade de destino já era perceptível desde o início organização da pesquisa, em seguida foi identificado o ponto zero para realizar as entrevistas por meio da captura de áudio e a partir dele definir as colônias e redes. O tempo das entrevistas varia entre trinta minutos até duas horas e meia. Em termos gerais, mesmo em alguns momentos sobre chuva, frio, período noturno, os encontros ocorreram sem nenhum problema ou contratempo, todos os colaboradores se sentiram dispostos para serem escutados, pois foram pautados no respeito e valorização de sua condição verbal. No decorrer do projeto também tivemos rejeições, de pessoas que não aceitaram participar do projeto, por motivos pessoais, de doença, ou de não querer contar sua história, por algumas pessoas, cito um homem e quatro mulheres, que por motivos de força maior não aceitaram participar do projeto.

De cunho democrático, a história oral além de valorizar a fala, também respeita a não fala, o que iremos trabalhar mais adiante, trazendo perspectivas de quais motivos do não aceite a participação no projeto.

Não foi organizado um roteiro de perguntas. De início um bate-papo, e durante a entrevista fazia a pergunta de corte: qual o motivo de sair do Nordeste em busca de um novo lugar? Em entrevistas realizadas em forma de parceria entre colaborador e entrevistador, em que o colaborador tinha total autonomia para falar sobre sua história de vida, sem intervenções para não influenciar nas respostas e nos estímulos da memória do colaborador.

Conforme análise foi estipulada à colaboração de no mínimo 10 (dez) colaboradores. Foram realizadas 6 (seis) entrevistas únicas e 4 (quatro) entrevistas múltiplas, totalizando 14 (quatorze) entrevistas, todas realizadas de forma presencial, com horário e data marcados pelo colaborador. Esse é um dos motivos da realização dessa pesquisa. Aponto os colaboradores diante da organização das redes, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 3 - Relação dos colaboradores

Colaboradores (as)	Data	Hora	Tempo da entrevista	Local da entrevista
Expedito Martins de Moura	06/04	18:00	13:26	Chácara Boa Vista, Linha do Iguassú.
	04/06	10:30	01:17:22	
José Martins Neto (Martinzinho)	22/04	18:30	33:58	Rua Vicente Palloti, N. 658
	08/06	18:40	01:08:18	
José Bernaldo Dos Santos (Zé Vermelho)	13/05	15:00	01:32:00	Chácara, Vicentina/MS
	21/05	18:00	01:13:22	
Jose Alexandre Filho (Zeca Alexandre)	26/04	19:00	50:10	Hanae Yasunaka, N. 1658
Otacílio Dutra Duarte	29/05	09:00	01:19:01	Rua Getúlio Vargas, N. 1147
	04/06	08:30	38:55	
Antonio Fernandes de Souza (Biba)	19/06	14:00	02:26:07	Rua Vicente Palloti, N. 1194
Idelfonso Soares Barbosa (Dezinho)	08/05	09:20	23:31	Av. Major P. H. Cavalcante, S/N
José Rodrigues de Alencar (Zé Miguel)	22/05	10:00	43:44	Rua Projetada, S/N
Joao Possidonio da Silva	11/06	15:00	47:30	Rua Santa Maria, S/N
Josefa Tereza da Silva	11/06	14:10	29:33	Rua Santa Maria, S/N

Fonte: Organizado pelo autor, 2024.

1.3. Tempo e documento

Outro momento de grande valia para o desenvolvimento desta pesquisa se define na temporalidade dela. De início o projeto se estabeleceu na cronologia histórica da década de 1950 até a década de 1990, pois dentro deste período se inicia o processo de colonização por meio dos primeiros fluxos migratórios, com a CAND e a emancipação político-administrativa. Porém, diante do andamento da pesquisa de forma empírica e principalmente devido a leitura de textos que auxiliaram na construção deste trabalho, a temporalidade trabalhada aqui se torna o tempo da memória.

Neste sentido, a temporalidade definida aqui é diferente do tempo empregado pela disciplina de história, sendo cheia de vaivéns, de modo que o leitor consegue compreender a temporalidade da memória que é distinta da linearidade da história. Para exemplificar o tempo da memória, cito um exemplo sobre como se dá o tempo da memória, em que as mudanças no decorrer da entrevista, no caso do senhor Expedito Martins, ocorrem de forma recorrente.

A temporalidade ligada à memória do migrante se dá a partir de estímulos e da seleção de fatos que ele irá relatar, pois a memória tem a lembrança e o esquecimento, além da seletividade do que o colaborador irá falar durante a entrevista. A comunidade de destino já era visível desde os primeiros passos da organização da pesquisa, bem como as possibilidades que poderiam auxiliar melhor na pesquisa, em seguida foi identificado o ponto zero para realizar as entrevistas por meio da captura de áudio, considerando o ponto zero, como um dos pontos chaves da pesquisa, devido a maior reserva de memória coletiva do referido grupo. A partir do ponto zero defini as colônias e redes, que nortearam o desenvolvimento do projeto em história oral.

No fluxograma 1, temos um exemplo da temporalidade da memória, na qual se inicia um pensamento na década de 1930, depois mudando o tema para o golpe de 1964, decorrente disso há um retorno para a chegada em Mato Grosso no ano de 1952 e depois relatando acontecimentos da década de 1990, mostrando que não há na memória a mesma linearidade que pode ser colocada na história, a temporalidade da memória possui muitas idas e vindas, como está apresentada na figura abaixo:

Fluxograma 1 - Temporalidade da memória



Fonte: Organizado pelo autor, 2024.

A percepção temporal da memória de expressão oral é diferente da empregada pela disciplina História. A dimensão verbal da memória é mais acelerada, desafiando inclusive a organização do mundo. Trata da memória não como algo já pronto e consolidado, mas sim como algo do tempo presente e que possui sempre transformações, inclusive mesmo quando as pessoas morrem, a sua memória ainda é

alvo de discussões, um grande exemplo é Getúlio Vargas⁶, que além de discussões, sua memória é alvo de uma disputa política, num primeiro momento entre Ivete Vargas⁷ e Leonel Brizola⁸, e posteriormente entre outras correntes do pensamento político brasileiro.

Devido à necessidade de definição do tempo e do espaço da pesquisa, utilizamos como data referencial do trabalho, a partir dos anos 1950, devido ser um período intenso de migração nordestina para onde hoje é localizada a cidade de Vicentina. Contudo, os estímulos e lembranças de nossos colaboradores, que fazem alusão a acontecimentos anteriores a essa data, também significam. Portanto, a temporalidade da memória é respeitada e as entrevistas foram utilizadas de forma integral.

Inicialmente pensei em trabalhar com história oral testemunhal, que se dá a partir de traumas, mas no decorrer da pesquisa ocorreu a interpretação, através das falas dos entrevistados, de que esse processo de migração não é considerado traumático por todos, há uma multiplicidade na forma de entender esse processo, uns entendem como um livramento, uma alegria, outros com tristeza. Devido a tal entendimento, passei a trabalhar com história oral de vida, que abarca uma abordagem mais ampla, dando maior protagonismo a pessoa entrevistada, deixando-a mais à vontade para discorrer sobre as situações de vida que ela quis relatar.

A história oral aplicada traz a memória de expressão oral disponibilizada pelo gênero de história oral de vida, que oportunizou o diálogo com a comunidade de destino dos migrantes nordestinos e suas ramificações. Neste sentido, dividimos o grupo em quatro colônias de migrantes nordestinos no município de Vicentina, conjunto que forma a comunidade de destino com 10 (dez) colaboradores, os quais formaram 03 (três) redes: rede 01, rede 02 e rede 03. São pessoas que possuem idade acima de 60 anos, que têm seu espaço narrativo apoiado por divergências, dessemelhanças e diferenças internas sobre o contexto migratório e sobre as adaptações ao novo lugar, pois os motivos de migração são muito semelhantes em alguns casos e muito

⁶ Getúlio Vargas presidente do Brasil no período de (1930 – 1945) e de (1951 -1954). Considerado uma das maiores figuras políticas da história do Brasil.

⁷ Ivete Vargas foi jornalista e política brasileira, eleita por seis mandatos Deputada Federal por São Paulo, na década de 1980 conseguiu o controle do Partido Trabalhista Brasileiro, quando travou uma disputa pelo comando da sigla com Leonel Brizola.

⁸ Leonel Brizola foi o único brasileiro até os dias atuais a comandar dois estados diferentes. Foi governador do Rio Grande do Sul (1959 – 1963) e governador do Rio de Janeiro em dois períodos (1983 -1987) e de (1991 – 1994), considerado um dos principais líderes do trabalhismo no Brasil.

discrepantes em outros. A história oral de vida, portanto, é essencialmente subjetiva e tem como base dois pilares fundamentais: a memória e a identidade.

Quadro 4 - Local de origem e ano de chegada ao município de Vicentina/MS

Colaborador	Nascimento	Local	Saída	Chegada
Expedito Martins de Moura	1923	Brejo Santo/CE	1952	1954
José Martins Neto (Martinzinho)	1950	Brejo Santo/CE	1952	1954
José Bernaldo dos Santos (Zé Vermelho)	1928	Assaré/CE	1954	1957
José Alexandre Filho (Zeca Alexandre)	1945	Iguatu/CE	1957	1967
Otacilio Dutra Duarte	1928	Exu/PE	1942	1982
Antonio Fernandes de Souza (Biba)	1961	Mombaça/CE	1970	1974
Idelfonso Soares Barbosa (Dézinho)	1947	Jardim/CE	1953	1954
José Rodrigues de Alencar (Zé Miguel)	1942	Jardim/CE	1953	1955
João Possidonio da Silva	1939	Pau Ferro/PE	1958	1961
Josefa Tereza da Silva	1943	Pau Ferro/PE	1945	1961

Fonte: Organizado pelo autor, 2024.

A partir da organização da tabela acima, é possível ter uma noção espacial da origem dos colaboradores, bem como o momento histórico que cada um saiu e chegou no estado de Mato Grosso, mais especificamente onde hoje está localizado o município de Vicentina/MS.

A memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas do indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional (Rouso, p.94, 1996), mostrando que sempre existe uma seleção do que é lembrado e daquilo que é esquecido pelo colaborador e que o contexto coletivo influencia diretamente nas suas relações interpessoais e na sua memória individual.

O ponto zero do trabalho formado pelo senhor Expedito Martins de Moura, meu avô, migrante cearense, que deixou o Ceará no ano de 1952, e veio para o Mato Grosso, chegou em 1952 no distrito de Indápolis e posteriormente em 1954 no lugar que se tornaria o município de Vicentina, pelo senhor José Martins Neto e pelo senhor José Bernaldo dos Santos, os três formam a primeira rede, que tomo como ponto zero. A

partir da colaboração do senhor Expedito, foi possível formar a primeira rede. Inicialmente, pensei em realizar um recorte com apenas migrantes cearenses, por ter entrevistado 5 (cinco) colaboradores vindos do Ceará, porém com o decorrer da pesquisa e das citações e formação de redes, os estados de origem foram ampliados e trabalhamos com colaboradores de origem cearense e pernambucana em nossa pesquisa.

Uma grande dificuldade do trabalho foi ausência feminina, fechamos com 10 (dez) colaboradores, nove homens e uma mulher. Não que tenhamos buscado hegemonicamente trabalhar no sentido de uma história masculinizada do nordestino, mas no decorrer da formação das redes, apenas colaboradores homens se dispuseram, e quatro possíveis colaboradoras não aceitaram participar do projeto, uma devido a não disposição para contar sua história, outras duas mulheres por residirem com um parente com problemas psíquicos, e outra que estava doente, acamada, a participação de mulheres constitui a falta na visibilidade das migrantes nordestinas neste projeto.

Os colaboradores, em sua maioria, são de idade avançada e foi possível compreender através das entrevistas, não só o processo migratório, mas dar protagonismo a história do migrante. Histórias de vida que têm semelhanças e diferenças, que é possível compreender no seio da sociedade, mas que trazem em suas falas e em seus silêncios, muitas significâncias.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva dominante que representa interesse de elites econômicas ou que estão no poder (Pollak, 1989, p. 06). Além do que se diz e do que se, porventura, esquece de propósito ou por uma falha mnemônica, as relações com o passado também possuem fraturas, tensões. A interpretação social de Halbwachs sobre a capacidade de lembrar é radical. Entenda-se que não se trata apenas de um condicionamento externo de um fenômeno interno, isto é, não se trata de uma justaposição de "quadros sociais" e "imagens evocadas" (Bosi, 1994, p. 22).

A história se constrói no cotidiano, nas relações mais simples possíveis, no boteco, na barbearia, no campo de futebol, nas igrejas etc. Através dessas relações cotidianas, pude ter contato com muitas pessoas e em muitos casos através dessas conversas corriqueiras, consegui entender um pouco sobre suas origens e como a migração nordestina era uma presença tão forte no município de Vicentina, uma vez que tal presença estava em âmbitos e camadas sociais diferentes, com origens de cidades e

estados diferentes, mas em comum, migraram do Nordeste para a cidade de Vicentina/MS.

A história oral é a história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. Nesse contexto, a memória não atua como depósito de informações, mas como um processo contínuo de construção e reconstrução de significados (Portelli, 2016, p. 18).

As histórias dos lugares, as paisagens, a influência da religiosidade, algo que está presente ainda no nosso cotidiano. Não precisamos ser “bairristas” para compreender que as relações sociais são pautadas também pela religiosidade e pela presença de figuras lendárias imbricadas de muitas representações, como Lampião; herói ou bandido, vários autores trabalharam sobre tal figura, que é algo recorrente na memória dos migrantes nordestinos. “Ah, meu avô conheceu Lampião...”, “Ah, o bando de cangaceiros...”. Recorrentemente nos deparamos no decorrer das entrevistas com tais reflexões, lembranças resultantes de memórias, de perspectivas imaginárias e muitas vezes de tradições e costumes que são passados de geração a geração.

Muitas das práticas cotidianas são táticas, a fala, a leitura e até o modo de preparar as refeições, de modo geral, uma grande parte das “maneiras de fazer” são relacionadas a essas disputas do cotidiano (Certeau, 1994, p. 47). Ainda parafraseando e citando estudos de Foucault⁹ e Bourdieu¹⁰, Certeau¹¹ indica que as teorias não se aplicam sem tentar explicar ou modificar uma determinada realidade. Neste trabalho, parto da atividade empírica, que são as entrevistas com nossos colaboradores, para depois buscar embasamentos em trabalhos escritos sobre os assuntos citados pelos colaboradores, através das redes que foram se formando no decorrer do projeto. O cotidiano existe e é a partir dele que as realidades vividas podem ser discutidas.

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas são cocriadas pelo historiador, somente existindo através do estímulo e do papel ativo do historiador na entrevista realizada em campo (Portelli, 2016, p. 10). A grande importância do estímulo realizado pelo historiador, para que o colaborador possa rememorar passagens que considera importante da sua história de vida.

⁹Michel Foucault; foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France.

¹⁰Pierre Bourdieu foi um sociólogo francês. Foi docente na École de Sociologie du Collège de France.

¹¹Michel de Certeau foi um historiador francês. Intelectual jesuíta dedicou-se, principalmente, ao estudo nas áreas da psicanálise, filosofia, ciências sociais, teologia e teoria da história.

Quadro 5 - Assuntos mais citados pelos colaboradores

Tema	Entrevistas	Semelhanças	Diferenças
A vinda do nordeste	10	7	3
Padre Cícero	5	4	1
Colonização da Grande Dourados	8	6	2
Pentecostalismo	2	Nenhuma	Nenhuma
Doenças	5	Nenhuma	5
Padre José Daniel	5	3	2
Política	2	Nenhuma	2
Ditadura Civil-Militar	2	Nenhuma	2
Getúlio Vargas	2	Nenhuma	2
Retorno ao Nordeste	6	Nenhuma	6
A casa no Nordeste	4	3	1
Trabalho na lavoura	9	8	1
Grilagem de terras	3	3	Nenhuma
Lampião e o cangaço	4	4	Nenhuma
Sentimento de ser nordestino	6	3	3
Alimentação no Nordeste	4	4	Nenhuma
Seca e fome	10	5	5
Traumas	3	Nenhuma	3
Lula	2	2	Nenhuma
Artistas nordestinos	3	Nenhuma	3

Fonte: Organizado pelo autor, 2024.

O recorte dos temas mais citados pelos colaboradores possibilitou a análise dos fatos e desdobramentos, para em seguida tratar através de outros capítulos e tópicos a serem trabalhados em nossa pesquisa. Tendo em vista, que parto das entrevistas para a análise dos fatos, a entrevista é o ponto principal do trabalho, e o colaborador e a sua história de vida base para o desenvolvimento da pesquisa.

Com os principais assuntos que serão abordados nos capítulos a seguir, é possível ter o entendimento de que o processo migratório é algo bastante dinâmico, moldado por diversas relações sociais, com fatores que vão do familiar ao poder público. Na organização da vida das pessoas e a ação humana no espaço, o processo migratório é o que torna este trabalho específico, cujo objetivo é compreender os deslocamentos populacionais dentro do país. Sigo para o desenvolvimento dos próximos capítulos, que irão sustentar o trabalho, pensado e organizado para preencher lacunas existentes no campo historiográfico e para viabilizar uma contribuição para as futuras pesquisas relacionadas aos migrantes nordestinos na cidade de Vicentina e temas que possam aparecer no decorrer da pesquisa.

CAPÍTULO 2 – HISTÓRIAS DE VIDA DE MIGRANTES NORDESTINOS

Traga-me um copo d'água, tenho sede
E essa sede pode me matar.
Minha garganta pede um pouco d'água
E os meus olhos pedem teu olhar.

(Dominginhos¹² e Anastácia¹³)

¹² Dominginhos (1941 – 2013) foi cantor, compositor e músico, muito conhecido no Nordeste e em todo o Brasil.

¹³ Anastácia é uma cantora e compositora brasileira, foi esposa e parceira musical de Dominginhos.

2.1 Rede 01

2.1.1 Exedito Martins de Moura

Naquela hora Deus me chamou, foi a mão de Deus que me tocou.

O senhor Exedito Martins de Moura, meu avô paterno, foi o primeiro entrevistado. Inicialmente falei com ele no mês de janeiro de 2022 sobre a possibilidade de participar do nosso projeto como colaborador e ele aceitou. Cearense, pai de 15 filhos (10 homens e 5 mulheres), 30 netos (24 homens e 6 mulheres), 29 bisnetos (14 homens e 15 mulheres), é bastante conhecido na região, pois mora desde o início da década de 1950 na região de Vicentina, tem na figura de Getúlio Vargas a admiração e grande respeito. Cristão da Assembleia de Deus há 60 anos, é Lulista assumido, sempre gostou muito de falar sobre política e religião, respeitando quem pensa de forma contrária, pois não gosta de criar contendas.

Realizei duas entrevistas com o senhor Exedito, numa segunda-feira na data de 06/04/2022. Nesse dia, na parte da manhã, entrei em contato com a senhora Neliete Martins via Wathsap, perguntando sobre o estado de saúde e se havia disponibilidade para conceder a entrevista no final da tarde, ela disse que poderia ir sem nenhum problema. Então, no período vespertino, aproximadamente às 18 horas. Saí do meu serviço na Sanesul, em Fátima do Sul/MS e me desloquei até a Chácara Boa Vista, localizada na Linha do Iguassú, município de Vicentina. Na viagem pela linha vicinal, contemplei as paisagens, algumas delas bastante modificadas pela ação humana, sendo perceptível um dos processos que tem ocorrido muito nas cidades pequenas, que é a migração campo-cidade. As pessoas deixam primeiramente o sítio e vão para a área urbana, um local que foi um núcleo muito povoado, hoje se anda mais de 2 km em alguns casos para encontrar algum morador. Chegando no sítio, encontrei o senhor Evaldo Martins, que estava a passeio, porque atualmente mora em Campo Grande. Já na entrada ele me recebeu sorrindo e disse que Exedito estava se arrumando para a entrevista. Entrei e estacionei o meu carro, cumprimentei minhas tias e primos e logo chegou meu avô. Vestia uma calça social, camisa manga longa, sapato e um chapéu na cabeça (diga-se de passagem, ele adora chapéus), como ele diz sempre sorrindo “O cara fica diferente”. Sentamos no sofá da sala e iniciamos a entrevista. Confesso que entrevistar o meu avô foi algo bastante diferente, pois era minha primeira entrevista

tendo como metodologia a História oral de vida. Deu um “frio na barriga” e estava meio perdido, mas conseguimos realizar uma entrevista de cerca de 20 minutos.

Após a entrevista fomos até a cozinha, e dialogamos sobre a vida, a igreja, sobre o processo político que iria ocorrer neste ano. Ele me disse que iria votar no Lula e disse também para que eu acompanhasse o Lula na eleição de outubro. Tomamos um café, conversamos com os tios e primos que estavam lá. Nesse dia o senhor Evaldo já havia feito um tipo de bordão para a eleição que iria ocorrer. “E é por isso meus amigos que eu vou votar no Lula”, dizia e repetia sempre dando risada. Ficamos por mais de 30 minutos na área anexa à casa do Senhor Expedito, também conhecida como “área da verdade”. Após isso me despedi de todos e retornei para a área urbana de Vicentina, já no período noturno.

A segunda entrevista foi realizada na data de 04/06/2022, um sábado, cerca de 09 horas e 30 minutos quando cheguei a residência dele. Fui de carro até o local, fazia um pouco de frio, cheguei ao local, cumprimentei minha tia Neliete, conversei brevemente com ele e depois fomos realizar a entrevista. Sentamos no sofá da sala de estar da residência e iniciamos a entrevista, o mesmo trajava calça social, camisa manga longa, blusa de frio e calçava um sapato social. Nessa data nossa entrevista durou mais de uma hora, foi extensa, com momentos de risos e de tensões, as dificuldades sempre que instigadas pela memória, causam uma reação no colaborador. Após a entrevista como de costume, fomos até a cozinha, e dialogamos sobre a vida, tomamos um café e após alguns minutos retornei para a casa.

Infância

Olha meu filho, não gosto de nem lembrar lá do Nordeste. De criança não posso contar não, de tanta miséria que eu vi, eu fui criado numa situação tão difícil que Deus me livre e guarde. Eu me lembro mais ou menos de 1929, meu pai estava fazendo uma casa, estava meu tio fazendo um barro e eu da beirada do barreiro cai de cisco, tio Pereira falava assim: – Sai daí menino. E eu continuava ali vendo ele trabalhando, aí meu pai pegou um cipó (rapaz) eu corri, ele me pegou e me deu uma surra medonha, essa é a primeira lembrança que tenho da casa que ele estava fazendo, isso no Sítio São Felipe, município de Brejo Santo/CE, sítio de Neco Jó. Em 1932, a casa de meu pai, estava cheia de mantimentos, e vendeu e o coitado de meu pai não sabia que a lagarta vinha rasgando as coisas, chegou e acabou, o milho maduro, quase seco e a lagarta subia

pelo cabelo do milho, aí estava o olho do milho todo comido, estava só o seco, nunca vi lagarta daquele jeito, meu filho, deu uma praga de lagarta, umas bicha desse tamanho, mandruvá enorme. Meu pai trabalhando, trabalhando um dia de serviço por um litro de milho e ainda ficava devendo 10 centavos, isso em 1932, um dia de serviço custavam 50 centavos, e um litro de milho custavam 60 centavos.

Aonde morávamos era na fazenda de meu padrinho, Neco Jó, lugar muito especial, lugar era bom e o patrão também era bom. Nunca vi ele na porta de meu pai falando nada não. Trabalhávamos arrendado, e de ameia, depende do negócio. Plantava arroz, feijão mulatinho, feijão de vara, algodão, mandioca. A base de alimentação, era feijão com pão, de manhã era feijão com pão e de noite pão com feijão, lembro sorrindo para não chorar. Tinha tempo que dava arroz, mas arroz lá é meio difícil.

A casa de meu pai era de barro, coberta de palmeira, mas era bem arrumadinha, a casa dele era bonitinha, por isso que somos sadios, porque casa de telha respinga, mas casa de palha bem coberta, nem respingo não aparece. De andar levando chuva não, dormia sossegado.

Minha Raimunda, eu servi de guarda para a mãe dela, a mulher lá no Norte, naquela época quando ia para um canto, ela ia com uma companhia, ela me chamava, eu já era grandinho, quando chegávamos ela me dava um tostão (risos). 1 tostão é 5 vinténs, do tempo do Vintém. Esse tostão dava para comprar 5 ovos de galinha lembro com alegria. Conheci ela pequenininha, era prima terceira, morava vizinha de casa.

Deixemos lá, tem cara mentiroso falando que tem fazenda lá no Ceará, o cara mentiroso, um fazendeiro lá no Ceará não vem para cá andar à toa não. La quem tem terra pode ficar sossegado, o cara está tranquilo. O sítio onde eu morava era 1 légua quadrada, rapaz dava muitos lotes, uns quarenta ou cinquenta lotes. Depois foram comprando, ficou bem umas três léguas de terras das famílias. O cara quando é fazendeiro é rico mesmo.

Lá tinha a família Chicote, são duas, Chicote de couro e Chicote de cipó. O chicote de couro é rico e o Chicote de cipó é pobre. Após algumas risadas, Joaquim foi quem falou, Joaquim chicote, o avo da menina que o velho Nelson criou, acho que ela está na Igreja Deus é a Verdade, neto de Antônio da Terceira, Antônio Santana.

O ano de 1932 e as dificuldades

Comecei a trabalhar tinha uns 8 anos, trabalhava na roça, em 1933 quando meu pai foi fazer a conta mais o patrão ficou devendo 360 dias de serviço, 1 ano todinho, aí fazia umas empreita com ele, aí foi pagando pagou tudinho graças a Deus. Daí adiante, nós não passamos mais necessidade não. Vinha o tempo ruim, mas a gente tinha o mantimento em casa, graças a Deus. Em 1932, passamos fome! De lá para cá, não.

A relação com os familiares

Éramos em 9 irmãos, morreram 3 irmãos, dois irmãos morreram de necessidade, e outro morreu já grandinho, adoeceu e morreu, morreram de fome. Eu fui criado assim, se a gente adquirisse um ovo cozinhava e partia para os quatro. Era em 1932 tinha quatro, os novinhos morreram bem novinho, poucos meses, deu uma fome lascada lá, e morreram de necessidade. Dava uma comidinha para eles, mas uma comidinha fraca. Papa d'água, tipo um mingau. Um era Vicente, a outro era Vicentina, um casalzinho de gêmeos, depois o outro que morreu chamava Maria. Os outros irmãos eram Raimunda, Antônia, Naiza, irmãos Manoel, Antônio e Expedito, sou o mais velho e todo mundo já viajou, só estou eu aqui ainda nesse mundo.

A vinda para um novo lugar

Me casei, meu sogro veio aqui para o Mato Grosso, eu vim mais ele, meu pai queria ir lá para o Maranhão, eu disse não meu pai nós vamos para Mato Grosso, ajudei a trazer ele para cá, trouxe ele, minha mãe, meus irmãos, viemos tudo para cá, graças a Deus. Viemos para um lugar bom, no lugar bom a gente se vira. Até hoje estou aqui, morei dois anos mais o compadre Sérgio, ali na Colônia, lugar mais terrível que eu já vi! Ali perdi meu filho e só encontrei um homem que me ajudou, foi Manoel Eduardo, foi o homem que me ajudou, me forneceu mantimentos, quando sai de lá, fiquei devendo, oitocentos e cinquenta reais para ele, o compadre Sérgio nunca me auxiliou com nada não, ele também não tinha, vim para cá, cheguei aqui na Vicentina, desci aqui para o Iguassú, eu trazendo um galinheiro nas costas com as galinhas, e a minha Raimunda puxando uma cabrita, com um cabrito ou era dois, e meus dois filhos (José e Francisco), estamos aqui até hoje. Hoje eu me considero um homem muito feliz. Tenho minha família, todos eles vivem bem, graças a Deus, meus netos e bisnetos, tataranetos

não apareceu ainda não (risos) ... Viemos os seis para o Mato Grosso, com meu pai e minha mãe, meu sogro com a família dele também viemos todos.

Meu sogro veio primeiro, depois viemos todos juntos, saímos num sábado, na quinta feira ele morreu, na estrada, lá na Bahia. Durante a viagem de Pau de Arara, vinte e três dias de viagem, meu filho, sofri tanto que não gosto de viajar de jeito nenhum. Teve coisa mais difícil que essa viagem, graças a Deus tínhamos um dinheirinho e quem tem dinheiro não sofre muito não.

Vendemos tudo que tínhamos para vir para cá, meu tio me deu uma casa e meia tarefa de terras. Hoje estou morando no que eu adquiri. Sofri muito, mas Deus me deu vitória, Deus é bom! Hoje eu me considero um homem muito feliz, graças a Deus. Não tenho inveja de fazendeiro nenhum. Sou um homem feliz!

Lampião e padre Cícero, fé e ciência

De Lampião eu ouvi falar, mas ainda vi a tropa perseguindo ele ainda, a derradeira vez que ouvi falar de Lampião lá no Ceará foi em 1936, no lugar chamado Olho D'água, ele apareceu por lá, e o homem que era dono do sítio sofreu um pouco, depois vendeu o terreno e sumiu, veio morar depois com cinquenta ou sessenta anos, eu vi ele falando que tinha vindo para Espírito Santo. Eu vi ele dando uma entrevista. Mas Lampião era homem de verdade, viu!

Na fotografia abaixo, a imagem do Livro; Lampião: herói ou bandido do autor João Firmino Cabral, livro que o senhor Expedito tem em sua coleção.

Imagem 1 - Livro Lampião Herói ou Bandido?



Fotografia: Douglas Martins. Data 04//06/2022.

Bem, tem uns que tem ele como homem de verdade e tem outros que tem ele como bandido, porque quando não tem quem faça justiça, as vezes o cara vai fazer justiça também, porque as vezes precisa mesmo, não é verdade? Lampião vinha a Juazeiro para dar cobertura ao Padre Cícero, naquele tempo, no tempo dos revoltosos, Padre Cícero chamou ele para reforçar a segurança, deram uma farda a ele de capitão, uma farda falsa, né.

Não conheci o Padre Cícero, mas o dia que ele morreu ainda chorei por ele, todo mundo chamava ele de meu padim. Naquele tempo eu era criança, foi em 1935, parece que foi em 1935 que ele morreu, todo mundo chorou lá, eu chorei bastante. Minha vó era devota do Padre Cícero.

Deu uma doença naquele lugar ali, era chamada de doença do rato, todo mundo se vacinou, a doença do rato era assim: tinha a pulga, a pulga saia do rato e mordia o povo e o rato estava doente, e a pessoa não passava mais de 24 horas, antes de 24 horas já morria todo mundo, vieram os doutores de Crato, vacinaram todo mundo, minha vó disse não vou me vacinar não, porque eu acredito no meu Padre Cícero, tenho muita fé nele. Bem, minha irmã Raimunda era pequenininha, passou uma tarde dormindo mais ela, ela já estava começando a ter febre da doença, minha irmã dormiu mais ela, Raimunda estava vacinada não teve nada e ela não amanheceu o dia, morreu. Depois que vacinaram o povo não morreu mais ninguém, morreu ela porque não se vacinou.

Mais ou menos em 1929 para 1930, doença do rato, deu naquele pé de Serra, acho que vinha lá do Pernambuco.

Getúlio: admiração e devoção

Getúlio foi um governo muito especial, botou ordem no país, me lembro do ano de 30, ele tomou conta do país, houve uma revolução, naquele tempo, soldado andava de a pé. Passava duzentos soldados um atrás do outro assim, uns de cavalo e outros de a pé. Encontrava o cara se o cara estava armado apanhava, e se não tivesse apanhava também (risos e risos).

Lampião e a polícia perseguindo Lampião encontrou um cara e perguntou: – Você conhece Lampião? Sim, ele está por aí mesmo. A polícia disse: – você vai acompanhar nós e achar Lampião. Chegando na casa do tio de João Bastião, tinha uma área que nem essa aqui, o velhinho armou a rede e estava deitada, chegaram e arrodaram o velho, o velho disse: – Oxente Pedro, que que tu está fazendo aí? – É que vim junto procurar Lampião. Aí o senhor disse: – Não rapaz, esse homem aí é um doido, tudo que procurar a ele, ele é doido. É doido, então vai embora doido.

Tinha um bananal, numa baixada, o homem saiu numa carreira, entrou na mata, ficou assombrado, muito tempo, o seu Pedro. Essa força que vinha, chegou num canto tinha o genro do compadre Neco Jó, um pé de laranja amarelinho, bem grande, o cara chegou e falou: Sobe aí para tirar laranja para nós. O cara ficou assim. Você quer apanhar primeiro para depois fazer ou não? (risos)

Os caras chegavam na casa de quem tinha animal, pegava e carregava, aquele pai do João Bastião, ele era um homem novo, tinha animal em casa e uns arreios, bateram papo, o velho era meio metido a galo cego, Expedito foi chamar: – Pai, lá tem um homem carregando a força do cavalo e a sela. Quem é esse vagabundo? Quando chegou lá eram dois soldados, aí quando deu fé, lá vem uns vinte ou trinta caras atrás do Manoel Bastião, aí ele caiu na quiçaga, pegou o riacho, sumiu e desapareceu. Uns três dias depois que ele veio chegar em casa.

Mas nesse tempo, na época de Getúlio, se tivesse dez homens na casa, cada um tinha um rifle e um punhado de balas (um tanto assim, ó). Os patrões a hora que precisava era só dar um grito, um monte de cangaceiro.

A espingarda e as crianças: revolução de 1964

Quase todo cearense é meio bravo, né. Nunca possuí rifle, mas possuí uma espingarda e um facão eu tinha (risos). Aqui eu ainda comprei um trinta e oito, mas quando eu me converti eu tinha um revólver, eu tinha uma espingarda, eu tinha um facão, eu tinha uma faca, me converti, vendi o revólver, depois a espingarda, naquele tempo, não sei se os caras estavam caçando maconheiro, e o avião passou perto de casa baixinho, sabe. Evaldo era grandinho, pegou a espingarda e deu dois tiros, diz que chegou a sapear o cabelo de teu pai (risos). Isso foi em 1964 mais ou menos. Fui para a igreja voltei com Raimunda, peguei a espingarda e peguei o cartucho que estava carregada, deixava a espingarda descarregada, quando fui para entrar na mata, fui carregar, dois cartuchos tinham disparado, mas quem disparou esse negócio? Dei uma volta no mato e não encontrei nada, fui na casa de Antônio e disse: – Antônio, me diga uma coisa, tu pegou nessa espingarda, não? Rapaz, o cartucho estava carregado, e dois tiros estão faltando. Aí juntei os meninos. Evaldo, Fernando, José, Francisco, Evando, Elias era menor. Aí chamei: – Vem cá, meninos. Me diga uma coisa: – Qual foi de vocês que pegou nessa espingarda? Evando os olhos dele ficaram que nem olho de pomba, em tempo de soltar (risos), aí ele falou: – Pai, não foi eu não. Foi Evaldo, deu dois tiros no avião. Vem cá Evaldo, vou dar uma coça em você, para você não pegar mais nessa espingarda. Dei uma solva nele, e guardei essa espingarda, depois peguei essa espingarda e troquei em um cavalo, o revolver já tinha vendido, de lá para cá, minha arma é a Bíblia.

Comunismo e relações de poder

Eu era católico de primeira qualidade, vim morar aqui, os comunistas me ganharam, tinha bastante, aqui tinha muito, pregavam o socialismo, o povo tem medo do socialismo, mas tem que ter o socialismo, mas se não tiver não adianta. Hoje estamos no socialismo, antigamente, primeira coisa que os comunistas, elegemos um homem para deputado, quando ele foi eleito, ele foi para Cuiabá. O povo fez um abaixo assinado, no tempo que existia a Glória de Dourados, fizeram uma grande festa lá, era Glória, mas o Padre Daniel que colocou o nome é Glória é, mas é Glória de Dourados. Quando fizeram a pedra fundamental de Glória de Dourados, eu estava lá. Morava aqui, mas eu fui lá. Fizeram uma festa, meu filho, ninguém sabe nem a quantidade de gado que mataram, mais quarenta cabeças de gado. Era uma festa tremenda. Tiraram o nome

do pessoal daquela época. Escrevi Expedito Martins de Moura, tiraram o nome de bastante gente, a pedra fundamental, dessa altura, quando acabaram de tirar as assinaturas, pegaram e colocaram lá dentro, só para abrir quando fizer cem anos, já deve ter uns 65 anos.

Fizeram outra festa, quando o deputado veio aqui. Deputado estadual, fizeram um abaixo assinado, pedindo para cortar Glória de Dourados, Jatei, Vila Rica e Fátima do Sul, Vicentina não, Vicentina é dos colonos. O governo mandou cortar, outras coisas ele pedia, preço mínimo da mercadoria, tanta coisa que ele pediu, e hoje apareceu. De primeiro se plantava de tudo, feijão, milho, mandioca, cana. Quando a roça é do governo, se for algodão é só algodão, se for feijão é só feijão, para tudo o governo fornecia, mas quando plantasse era só aquilo mesmo. Agora arroz, para comprar animal, eu ainda cheguei a comprar alguns animais, fui lá ao banco, peguei o dinheiro e comprei animal, comprava traia para trabalhar, máquina para passar veneno. Antigamente a gente plantava milho e se perdia, ninguém comprava, quando aparecia queria pagar baratinho. Quem comprava muito era o exército e levava para Ponta Porã. Hoje o banco fornece tudo para a pessoa. Trator, máquina etc.

Quando fui um dia, numa eleição que teve para Presidente da República, teve umas reuniões por aí, estávamos bem animados, nós votamos em Teixeira Lott, tinha um general aposentado que falou: - Se Teixeira Lott ganhar, vai ter vinte anos de atraso, vinte anos, se ele não ganhar (naquele tempo era Jânio Quadros, o homem da vassoura), se Jânio ganhar talvez não tome posse, e se tomar posse não vai governar. O cara falou e foi desse jeito mesmo. Tomou posse e ficou sete meses e ele saiu. Quando passou a eleição, tinha o Zé Paraíba aí, chamou companheiro. Companheiro vamos lá à Vila Brasil, ele morava em frente aos Kiquiqui. Os crentes o chamavam de Luiz Satanás, fomos para lá, chegando lá falamos com Luiz como estava à política, ele respondeu: - Muito bem! Você não sabe que a gente só vive nas costas dos outros. Ora o cara me enganou, vivia igual um parasita. O homem falou: - Não rapaz, a gente perdeu a eleição porque Deus quis. Rapaz, esse homem abriu a boca a falar tanta coisa contra Deus, eu fiquei com medo, porque eu já tinha visto falar (ele era comunista), por isso os caras o chamavam de Luiz Satanás. Ele disse tanta coisa que até eu fiquei com medo. Fiquei com medo daqui. A pessoa que é temente a Deus, ele não se assenta na roda dos escarnecedores, você sabe o cara sentar num lugar, uma pessoa está escarnecendo de Deus, aquele homem que é temente a Deus ele não fica naquele lugar. Eu era um comunista também, quando eu vi aquilo, eu fiz um propósito dentro do meu coração: -

Se Deus não mandar fogo agora e queimar, porque para mim que Deus ia mandar fogo e queimar aquele lugar naquela hora. Se eu escapar dessa, nunca mais quero me ajuntar com esse povo. Nunca mais fiquei sabendo daquele homem, não vou mais acompanhar mais esse povo não.

Conversão: o fogo do espírito santo

Depois minha mãe se converteu. Para a Igreja Católica eu não ia porque era coisa da mentira, lugar da mentira. Manoel meu cunhado se converteu, o dia que minha mãe se converteu foi um dia de geada, meu filho vai assistir meu batismo: - Vou não mãe, ver um filho de uma égua jogar você na água não. Tá bom.

Quando foi um dia, vem Paraíba. Compadre Expedito, eu vou te chamar para um culto lá em casa, quero que você lá no culto mais a dona Raimunda, me avisou uns dois antes, mas eu me esqueci, me lembrei na hora, já estava escurecendo, aí Raimunda agora eu me lembrei, compadre nos chamou pra assistir o culto e você vai? – Eu não vou não. Então eu vou. Do jeito que eu estava eu fui, sabe. Quando eu cheguei já tinha começado o culto, era aqui onde é a casa de Paulinho, bem do lado. Me sentei ali, o pastor leu a palavra, depois veio a pregação, assisti a pregação, assisti os hinos cantando, aquele hino estava falando comigo... Quando o homem terminou. O hino salvo engano era: Vem enquanto Deus te chama, e tu sente o teu amor, pois o céu porque derrama para salvar o pecador. Rapaz, aí quando fez o apelo meu filho, veio um negócio que me tocou que eu fiquei que nem fogo. Eu fiquei que nem fogo tocou em mim, dei sinal com as duas mãos, acabou o culto, pedi uma oração. Desci dali, lá para lá tinha mata, parece que eu ia voando meu filho, parece que eu ia voando, eu não ia caminhando não, ia voando (em tom de choro as palavras de Expedito), cheguei em casa e falei para Raimunda: – Raimunda, agora eu sou crente (tom do choro). Ela disse: – Com essa cara? – Sim. Com essa mesma. Até hoje tem seguido a Jesus Cristo, meu filho. Foi em 02/01/1963. Naquela hora Deus me chamou, eu sei que foi a mão de Deus que me tocou!

A relação com o padre José Daniel

Tinha uma relação muito boa com o Padre Daniel. No outro dia minha sogra foi lá no Padre Daniel. Padre Daniel vai lá em casa que o Expedito os crentes ganharam ele

(risos). Ela foi chorando. Nesse dia eu já ia de bicicleta, ia na esquina do compadre Pedro Marcelino, ali já foi um patrimônio, tinha bastante casa ali, tinha um rapaz e eu ia assoviando o Hino 15 (da Harpa Cristã, hino Conversão), eu já sabia um bocado de hino, já tinha 10 anos de evangelizado. O Cara foi e falou assim: olha a cara do crente sem vergonha. Eu fiz de conta que nem ouvi. Lá na frente encontrei Joaquim, um cachaceiro, boca porca. O Expedito eu ia lá em sua casa. Sua sogra chegou lá na Igreja chorando, que você tinha passado para crente, e o Padre mandou que eu fosse lá. Eu disse: – Olha seu Joaquim, me diga uma coisa, o senhor tem uma bíblia na sua casa? – Tenho. Então pegue a sua bíblia, e vai levar no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo nove, o senhor vai levar. Até hoje, nunca mais veio me encher o saco. Depois era o Padre, ele veio na minha casa, disse: – Mas Expedito. Outra vez foi na casa dele. A gente tinha os meninos estudando e ele queria que a gente arrumasse alguma coisa para ele e tal. Então tá bom. Quando eu fui saindo, cai uma coisa de repente. O padre disse assim: - Venha para cá Expedito, vamos conversar. Como é esse negócio de crente? Os crentes lhe enganaram. Eu disse: – Não Padre, contei a história para ele, nunca pensei de ser crente e na hora. Padre deu um fogo que me tocou, se eu não aceitasse Jesus naquele dia eu morria. Olha Padre, o homem perante a palavra de Deus se derrete que nem uma cera. Eu me derreti que nem cera. O Padre falou: – E é assim, Expedito? – É assim, Padre. Ninguém engana ninguém, não. Nunca mais ele procurou nada. O Padre sempre vinha trazer os alunos de jipe na casa da gente. Ele foi um grande professor aquele homem. O Manezinho do irmão Toinho, o dia que meus meninos tiraram a primeira série. Naquele tempo tinha o ginásio, o padre mandou um recado para mim. Fala para seu irmão mandar os meninos para estudar o ginásio. Meu irmão disse: Não, eles já sabem ler e sabem escrever, sabem contar. Quantas vezes o pessoal me chamava de sem-vergonha, que eu estava criando os filhos que nem moça, criando vagabundo, mas graças a Deus, todos eles estudaram, dos 15 filhos somente um não tem curso superior.

As relações com os vizinhos

Aqui a primeira pessoa que eu conheci foi o irmão Expedito, o rancho de noite se ajuntava, eu, meu pai, irmão Expedito, irmão Doquinha (alagoano), mas ele morava no Ceará, ajuntava um monte de gente. Quando eu vim para cá já tinha uma rocinha de arroz ali. Rapaz, as primeiras pessoas que conheci foram o irmão Toinho, o povo do pai de Lucas Mamédio, Jubelino Mamédio. Padre Daniel em 1955, mais ou menos 1955 ou

1956, eu estava lá no dia e o João, ele falou com o Padre. O padre disse que não atendia no meio da rua. Eles foram para o escritório. João de Alencar era o nome dele. – Demore aí filho de uma... que eu te ensino com que atende o pessoal. Jubelino saiu na frente dele – João de Alencar, você não faça isso não – pisou no calcanhar dele. Até quando João de Alencar montou no animal e foi embora.

Minha vida foi só trabalhar na roça. Tudo era no braço. Graças a Deus, Ele me deu saúde, trabalhei para criar essa família, para não andar pedindo em casa de ninguém. Deus me colocou num lugar que eu vi muita fartura na minha casa. Hoje eu falo de peito aberto: Se Jesus me levar hoje eu vou satisfeito, porque deixo toda minha família num lugar muito especial, no Mato Grosso do Sul, não existe lugar melhor do que este na face da terra.

Recebimento do título de cidadão vicentinense

O Senador Rachid Saldanha Derzi o dia que recebeu o título de cidadão vicentinense disse: - Nunca que eu pensei de receber o título de Vila Vicentina. Ele recebeu no mesmo dia em que eu recebi. O filho do seu Aldo que estava dando esses títulos. Na época o prefeito era o Cláudio da Silva e o Presidente da Camara era o Valfrido. Eu estava de terno e o finado Lili. Ele Lili tem uma neta que é casada com o filho do Londres Machado. Só nós dois estávamos de terno, nem o Rachid que era senador estava de terno. Foi um dia especial, ser reconhecido como cidadão vicentinense.

Na fotografia abaixo, o Título de Cidadania do Município de Vicentina que foi concedido a ele no ano de 1993.

Imagem 2 - Título de cidadania seu expedito



Fotografia: Douglas Martins. Data 04/06/2022.

A terra natal e a transição para a chegada à colônia federal

Eu nasci em 1923 no município de Brejo Santo/CE, me casei com Raimunda Dina de Moura (in memorian) aos 26 anos idade, tivemos 15 filhos, saímos do Ceará, lá do sítio São Felipe, no município de Brejo Santo/CE, fizemos uma viagem prolongada, passamos 23 dias e 23 noites num pau de arara, viajando para chegar nesta terra abençoada, chegamos aqui procurando a Colônia federal, naquela época então, chegamos em 1952 nesse lugar, graças a Deus, Deus tem nos abençoado ricamente, moramos numa terra que é virtuosa.

Uma promessa de Deus, como foi a terra prometida para o povo hebreu

Vimos pegar o nosso terreno aqui, saímos de lá pra vir pra aqui, tínhamos uma promessa, é igual ao povo que saiu do Egito e tinha uma terra prometida, viemos de lá com essa promessa de pegar um terreno e pegamos, dou graças a Deus por ainda possuir esse terreno que ganhamos.

Uma viagem muito sofrida

A viagem foi muito sofrida, 23 dias de viagem, o meu sogro morreu no caminho, ele faleceu de derrame cerebral durante a viagem, pois ele comeu fígado de porco assado, foi pro bolicho e bebeu cachaça, aí deu um desmaio nele e daquele desmaio deu esse derrame cerebral, esse fato ocorreu na cidade de Barra do Mundo Novo na Bahia. Foram 23 dias de viagem, viemos em sete famílias no pau de arara, todo mundo tirou lote, destes sete só eu ainda estou com o terreno, o restante os familiares venderam tudinho, que eu conheço e que estão vivos desta viagem, são os seus 2 filhos (José Martins e Francisco Martins), das outras famílias não sei. A gente sofreu muito, mas graças a Deus, chegamos aqui nessa terra virtuosa.

Trabalho análogo à escravidão

A lembrança que tenho do Ceará, é que quando era menino em 1932, o meu pai trabalhou 1 dia de serviço por 1 litro de milho e ainda ficou devendo 10 centavos, quando passou a crise, meu pai foi fazer a conta mais o patrão, ele estava devendo 360 dias de serviço, aí foi pagar isso aí, eu ajudei a trabalhar para pagar essa conta, era um regime pior que escravidão, pois na escravidão o cara dá a roupa e dá a comida, hoje o povo diz assim: tá tudo caro! Tá nada rapaz! Aqui tudo é baratinho, por que caro era nessa época, as coisas eram caras, 1 dia do serviço do homem para valer 1 quilo de milho, e ainda ficar devendo 10 centavos, viu! Lá no Ceará, um dia de serviço era 5 cruzeiros, eu trabalhei de ameia, de terça, e arrendado também, no terreno arrendado, a gente pagava $\frac{1}{4}$ de mantimentos por tarefa, ou então 1 arroba de algodão.

Religiosidade dos cearenses e a fé em padre Cícero

Lá no Ceará só tem católicos, uma vez o Padre Daniel foi casar uma moça, precisava de testemunhas e ele perguntou: – Você é batizada? – Bom, eu acho que eu sou. Disse a moça, mas quem é que prova, a única pessoa que a moça conhecia era eu, eu estava na Vicentina e ela me procurou, pois, o padre mandou me chamar, para ele servir de testemunha para a moça se casar, aí chegou lá e o padre perguntou se eu conhecia aquela moça, eu disse que sim, conhecia ela desde pequena. Então o padre Daniel perguntou: – Ela é batizada? Eu então disse: – Sim, padre, ela é batizada, porque no Ceará nunca ouvi falar no nome de crente, nunca ouvi falar no nome de crente, lá

quando nasce já leva tudo para a igreja para ir batizar, então Padre, eu não vi batizando ela, mas acredito que ela é batizada, porque lá, negócio de crente lá não tem. Padre Cícero era meu padrinho, na verdade era padrinho de todo mundo.

A rotina nos primeiros anos em vicentina

Aqui quando chegamos na década de 1950, a nossa rotina era trabalhar, ir à missa, só tinha lama e mato, hoje graças a Deus, está em cima das estradas bem feitas, chegou o progresso.

O orgulho romantizado de ser nordestino, mas o passado tenebroso

Eu carrego no peito o prazer de ser um cearense, graças a Deus, cearense, nortista, Homem de verdade (risos)! Depois que vim do Ceará nunca mais retornei pra lá. Meu filho, o Ceará hoje diz que está um paraíso, mas mesmo que esteja um paraíso, eu não quero nem saber de Ceará, por que o que eu passei lá no Ceará, Deus me livre e guarde, eu não gosto nem de me lembrar. Os cearenses que estão lá aguenta o gás, eu tô aqui muito bem, graças a Deus, risos... pode falar para os cearenses, aqui estou muito bem, risos... graças a Deus, vim do Ceará, trouxe uma cearense e ela viveu a vida comigo, agora eu estou sozinho, igual um passarinho sem ninho (risos), só tenho a família, a esposa Deus a levou, graças a Deus, foi uma mulher de grande respeito...

A literatura de cordel, rimas do povo do Ceará

Em cima daquela serra, passa boi e passa boiada,
Também passa a mulatinha do cabelo cacheado.

(Risos)

2.1.2 José Martins Neto (Martinzinho)

A figura suprema é muito forte, sempre se coloca Deus na frente.

O senhor José Martins Neto faz parte da primeira rede deste trabalho. Após a entrevista com o senhor Expedito, entrei em contato com ele no dia 14/04/2022, numa quinta-feira, após o culto da igreja que frequenta, na Igreja Assembleia de Deus Mato Grosso, próximo a residência do meu pai Evando Martins. Conversamos sobre o projeto e o mesmo se mostrou disposto a colaborar.

José Martins é meu tio, primogênito dos filhos do senhor Expedito, casado com a senhora Olinda, pai do Rui, e do Reinaldo (in memoriam) e avô de duas netas. Ele foi professor por muitos anos na rede estadual atuando no município de Vicentina, foi vereador do município de Vicentina na legislatura (1997 – 2000), e sempre tive contato com ele, devido à proximidade de nossas residências, de nosso parentesco e de nossa crença religiosa.

Realizei duas entrevistas com o senhor José Martins, na data de 22/04/2022 após a saída do meu trabalho, passei em minha casa, tomei um banho e desci com meu carro até a residência do senhor José Martins, por volta das 19:00 horas da noite. Conversamos um pouco sobre como havia sido o dia e entramos para a sala. Cada um se sentou em um sofá e iniciamos a entrevista. Nesse dia o tempo estava bastante nublado e parecia que ia dar um temporal, mas acabou nem chovendo.

Após a entrevista ficamos dialogando na sala, cumprimentei os demais que estavam na casa, suas netas, nora, filho e esposa, tiramos uma foto para registrar a entrevista. Falamos sobre o processo político, sobre o andamento da igreja, sobre a família, por volta das 20 horas, eu retornei para a minha residência.

A segunda entrevista foi realizada na data de 08/06/2022, após a saída do meu trabalho, passei em casa, tomei um banho e desci com meu carro até a residência do senhor José Martins, por cerca das 18 horas e 40 minutos, conversamos um pouco sobre como havia sido o dia, o tempo estava abafado e parecia que iria chover. Sentamos cada um em uma cadeira de fio na área na frente da sua casa e iniciamos a entrevista. Após a entrevista que durou mais de uma hora, ficamos dialogando na área de sua residência, até que apareceu o senhor Evando Martins, e ficamos conversando sobre vários aspectos, sobre política, sobre a Escola Padre José Daniel que passa por uma reforma no prédio. Ambos falaram sobre as lembranças que tem da escola e sobre como pensam

que a escola ficará após a reforma. Cabe salientar que o senhor José Martins mora em frente ao prédio da Escola Estadual Padre José Daniel. Nesse período pós-entrevista, caiu uma chuva e refrescou o ambiente. Por volta das 20 horas e 30 min retornei para a minha residência.

A busca por um novo lugar e as dificuldades da viagem

Nasci em Brejo Santo/CE no ano de 1952, sou o mais velho numa família de 15 irmãos, frutos do casamento do seu Expedito e Dona Raimunda (in memoriam), sou casado com Olinda e desse casamento tivemos dois filhos, Rui o primogênito e Reinaldo (in memoriam) falecido de um trágico acidente de carro.

O objetivo de vir para cá, naquela época Mato Grosso, era devido às dificuldades no nordeste, pois, para se tirar um cabo de enxada, um cabo de foice, o dono da propriedade lá, dizia que era proibido, então naquela determinada situação em que não possuíamos nada, o estado de Mato Grosso do Sul era o objetivo de vir para cá, devido a Colônia Agrícola Federal de Dourados, pois, o nosso avô por parte da mãe, já havia vindo 1 ano antes para olhar o lugar, porém, foi buscar a gente no Ceará e infelizmente ele faleceu na viagem do Nordeste para Mato Grosso, em Minas Gerais, faleceu de congestão, ele não recorda a cidade em que faleceu, pois na época tinha apenas 2 anos de idade.

Não tenho recordação da viagem, apenas no meu inconsciente, segundo o que consta pelos relatos do seu pai, a casa em que eles moravam era distante de 80 a 100 metros da casa do seu avô e ele era chamado no Ceará de “molequinho de cera”, pois ele saía para levar alguma coisa para seu avô ou para a sua Mãe Dina e todos falavam fica cuidando do menino de cera.

Os barrigas verdes

Na chegada ao Mato Grosso não sofremos preconceito, pois éramos considerados “barrigas verdes”, ou seja, aqueles que vinham do Nordeste com suas tradições e costumes. E aqui o pessoal tinha outra cultura, então o nordestino, com as suas vestes, o chapéu de couro e arma branca (na década de 1950 era uma regra). Era difícil um nordestino rapaz formado com mais de 20 anos que não usava uma arma branca.

Espiritualidade do cearense

Lá no Ceará, propriamente, não se falava do catolicismo, a principal figura do catolicismo era endeusada pelo Padre Cícero Romão Batista, principalmente as regiões mais próximas da cidade do Crato, milhares de pessoas são devotas do Padre Cícero Romão Batista, que chamam de Meu Padim Ciço.

Adaptação ao novo

Quem chega a um novo lugar, tem que se adaptar à realidade, os nordestinos vindos do Ceará, podemos dizer que somos privilegiados, pois temos duas línguas, o cearamses e o português correto, por exemplo. No Nordeste quase todos lá tem apelido, é um costume de lá.

Ele conta que não tiveram problemas com paulistas, japoneses, mineiros, foi um clima amistoso, pois as dificuldades eram para todos.

A formação da sociedade vicentinense

Aqui em Vicentina chegamos em 1954, vimos a realidade de Vicentina se transformar no dia a dia, pois, desde os 7 anos de idade ele estudou aqui em Vicentina/MS, aí depois foram transferidos para a escola mista do Iguassú, depois retornaram para cá na Escola Rainha dos Apóstolos, que é atualmente a Escola Padre José Daniel, tem a lembrança de muitas coisas que existiram e com o tempo desapareceram, casas de pasteis, garapa, guaranazinho. Existia a feira livre, era localizada ao lado da atual Câmara Municipal de Vicentina/MS, lembro bem do Tabajara um circo que veio aqui na década de 1950.

Herança nordestina

O principal fator nordestino que herdamos foi a alimentação, a base alimentar, cuscuz, mungunzá, xerém, arroz, feijão, carne de porco, o nordestino não gosta muito de peixe não, o peixe é uma especiaria que o nordestino não se adapta muito não, se adapta mais a caça, na década de 1950, o meu pai amanhecia o dia caçando, para buscar a sobrevivência.

Relações de poder, convivência e religiosidade.

As lembranças transmitidas pelo meu pai da figura do nordestino, muitas estão ligadas ao compadrismo, pois todos eram compadres, pois em sua visão, quando terminou o período da escravatura, aí utilizaram o apadrinhamento. Porque o nordestino dificilmente ele não cita o compadre A, compadre B, a comadre tal, é um costume nordestino.

No Nordeste tinha o atestado de batismo, e esse atestado de batismo servia como se fosse um registro civil, ao menos na nossa região em Brejo Santo, o meu avô e meu pai casaram no mesmo dia no casamento civil, casaram no civil para conseguir a documentação para ganhar a terra, lá no Nordeste não, lá o que se vê é o atestado de batismo. Já aqui na Colônia Federal se pedia o registro civil, a colônia era planejada para ter 33 mil lotes de 28,5 hectares cada lote.

Eu fui batizado e crismado na Igreja Católica, e todo sábado tinha que se confessar para comungar no domingo, na sala de aula que estudava tinha o Augusto Barros que posteriormente se tornou padre, cada um de nós da sala que comungávamos recebíamos uma imagem, chamávamos de santinho, e doávamos todos para ele, mais tarde Augusto foi para o convento e se tornou padre. Na época a escola Rainha dos Apóstolos que tinha como diretor o Padre José Daniel, ele era o pároco, mas ele não fazia distinção de credo, tratava todos de maneira igual, nesse aspecto era um sujeito de caráter louvável.

Em 1964 o meu pai se converteu para o protestantismo e devido a obediência a ele e a sua mãe, eu também me converti, na época as maiores influências eram os pais, diferente de hoje que existe internet, televisão e redes sociais. Na época os grupos familiares eram mais concentrados, o ajuntamento familiar era a principal fonte de comunicação, com o uso principalmente da forma oral para transmissão de conhecimentos e costumes. Tínhamos o tio chamado Ti Toin (in memorian), que ele contava histórias do arco da velha, muitas verdades e muitas inventadas. O nordestino tem uma forma peculiar de comunicação que são os livretos de cordel, lampião, o pavão misterioso que se tornou música, mas na época, era uma moça que era muito bonita e aparecia uma vez por ano, para tirar retratos e vender os tais retratos, histórias de cobras muito grandes, mas era mais analogia do que realidade.

Movimento migratório e recordações

O movimento migratório até a década de 1970 foi muito intenso, tinha pessoas que vinham de 8 a 10 vezes, seu Fortunato era trabalhador morava na Paraíba, trabalhava na colheita do arroz, trabalhava aqui, chegava o frio ele retornava para a Paraíba, ele cortava o arroz e nós juntávamos, tinha também o Antônio Paraibano, diz ele que era casado com uma professora, ele vinha com sua esposa, e ela de aula para mim e para meu irmão Francisco para aprender as 4 operações matemáticas, o seu pai pagava pra ela por essas aulas particulares.

Do nosso grupo de 29 pessoas que vieram do Ceará, teve o Raimundo da Cruz o seu Mundim, veio o seu Antônio Paulo, que era propriedade do seu Pedro Marcelino na esquina da Linha do Iguassú, ele veio para cá ficou 5 anos e depois retornou para o Ceará, aí ficou o seu Mundim, ficou o tio Manoel Martins (in memorian), e a primeira pessoa que encontramos aqui quando chegamos foi o Seu Manoel Nonato, mas hoje propriamente ele não tem lembranças.

Início da alfabetização

Essa história com H que eu estou falando, sobre, naquela época, dezembro, janeiro e fevereiro era férias, essa professora que era esposa de um determinado senhor que trabalhava para nós, que vinha da Paraíba, então o pai pagava esses três meses de aula particular para ela. Na verdade, eu fui alfabetizado na escola mista do Iguassu, tinha uma senhora chamada dona Leta, que era esposa do Washington, ali na escola do iguassu tinha uma influência muito grande. Em época de 1957 a 1959, eu acredito que aquela escola tinha mais alunos do que na sede do município, aqui na Vicentina. Tinha a escola Rainha dos Apóstolos, fundada pelo Pe. José Daniel e tinha a escola doutor Arguir que era da Prefeitura de Dourados, funcionava onde está hoje o Posto Texaco, tinha duas salas na frente, inclusive eu frequentei uns dias de aulas ali, depois, fui transferido para o Iguassú. Naquele local funcionava 2 salas de aula na frente no meio um salão onde o Padre José Daniel fazia as missas e depois na outra parte do fundo, tinha o escritório que era a parte administrativa da subsede. A escola mista do Iguassu, era onde hoje está o lote do Porangaba, seria talvez o quinto lote, onde hoje e da dona Maria Porangaba, fiquei lá até o ano 1959, aí depois vim estudar na escola Rainha dos Apóstolos no terceiro ano primário.

Reprovação na escola devido doença

Em relação ao ensino da escola do Iguassu e uma doença do último trimestre do ano, eu repeti no terceiro ano primário, eu fiquei adoentado, a doença era uma espécie de uma leita, eu tinha febre a tarde, tinha uma tremura, e via as coisas uma parte normal e outra amarelada, fiquei uns 30 dias com essa doença. Fomos a Fátima do Sul, naquela época Vila Brasil e o doutor Blasco Miranda de Ouro Fino, que era um médico conceituado, me receitou os remédios e logo em uma semana eu recuperei.

Prosseguimento nos estudos

Depois fizemos o exame de admissão, nós éramos pobres, achávamos que não tínhamos condição de continuar os estudos, naquela época pra começar um colegial, um ginásio, era preciso fazer o exame de admissão, nós terminamos o quarto ano e estávamos fazendo uma carpa de arroz, quando o pai veio na Vicentina fazer compra o Padre José Daniel falou: - Cadê os Martinzinho que não vi mais, será que eles não vão fazer a admissão para entrar no ginásio, manda eles depois de amanhã já vai ser o exame de admissão, o pai disse: - Mas precisa fazer? Sim, para entrar precisa fazer. Nós viemos fazer o exame de admissão e eu tive a felicidade de quase alcançar nota 10 em todo o tipo de conhecimento, isso eu tinha menos de 12 anos.

Continuei os estudos, ali onde está a praça que tem a estátua do Padre José Daniel, ali era a Escola rainha dos Apóstolos, depois do ginásio, mudamos para onde hoje está a escola Padre Daniel, eu lembro bem dos professores, lá eu fiz a quinta e sexta série, depois mudamos para onde hoje está a escola padre José Daniel, só a parte de baixo.

A disciplina do padre José Daniel

O Pe. José Daniel, que era diretor, lecionou para nós (quinta, sexta, sétima e oitava série) e os três anos do segundo grau, língua portuguesa era com ele e no ginásio, toda semana a gente tinha uma redação, também tinha o ditado, cada erro valia, descontava 0,5, pra tirar nota boa tinha que ter boa ortografia e boa caligrafia, porque quem tinha caligrafia muito ruim, ele chamava de cacografia (risos)... Fizemos de

propósito na oitava séria salvo engano, tinha o seu Antônio Nascimento filho do seu Osvaldo Nascimento, irmão do Antônio Nascimento que tinha a melhor caligrafia.

Padre Daniel dizia o seguinte: - É para passar de ano quem sabe! Porque quando iam fazer concurso na década de 70, se fossem dez pessoas fazer concurso do Banco do Brasil, oito passavam. Eu posso citar o Fernando Martins de Moura, o meu irmão, o Getúlio Takahashi, João Marques, Januário Arriero, Antônio Rodrigues de Souza, então são pessoas saiam da escola já empregados.

Professores importantes no decorrer da sua vida

Boa parte das professoras do primário, eram pessoas vinda de descendência nordestina, entendiam realmente a situação da gente, agora no segundo grau a coisa propriamente foi mais diferente, então teve personalidades que lecionou para nós aqui, em nível de conhecimento para a sociedade, tivemos o hoje, eram os irmãos maristas que vinham de dourados, nós tivemos também o Professor de História Econômica e Administrativa do Brasil que depois se tornou deputado o senhor Londres Machado, que está até hoje deputado, tivemos também o juiz de direito que vinha de Gloria de Dourados, o doutor Nilton de Carvalho, ele contava histórias de quando estudava em Campo Grande, com o passar do tempo ele passou até ser, o presidente do tribunal de Contas, do tribunal de justiça de mato grosso do sul, duas personalidades, que eram linha de frente como educadores. Teve também o Professor Bernardo Baur, em contabilidade, e o Padre José Daniel em língua portuguesa, o Kyioshi Rachi, que foi diretor da Universidade estadual de Mato Grosso do Sul, na época Centro Pedagógico de Dourados.

Início dos estudos acadêmicos em dourados

Após o ensino médio, fomos para o Centro Pedagógico de Dourados, iniciei os estudos no ano de 1973, graduação Estudos Sociais que hoje é Ciências Sociais, havia uma dificuldade grande. No primeiro ano o prefeito Odilson Roberto Dias comprou uma Kombi 0 km, naquela época ele foi nosso amigo íamos em 13 pessoas dentro dessa Kombi daqui pra dourados, naquela época estava fazendo a terraplanagem onde está o asfalto hoje e algumas vezes ficamos em Indápolis e perto do Potreirito ficamos

atolados durante a noite, podemos contar que ele sofreu juntamente conosco nessa empreitada. De segunda a sexta-feira ele levava a gente, no sábado íamos de ônibus.

Impactos da universidade

Ao chegar à universidade sentimos um impacto, imagine como era em 1973 em Dourados. Só tinha a rádio do Jorge Antônio Salomão, chegando Lá a primeira coisa no primeiro dia foi o trote, viemos com a cabeça toda cortada e meio pintados, chegamos aqui em Vicentina e no outro dia tínhamos que trabalhar. Eu trabalhava na Escola Weimar Torres, e meu irmão Francisco, que hoje é advogado, trabalhava na escola Padre José Daniel, tivemos que acordar um barbeiro de nome Renato, onde era a pensão da dona Noêmia, hoje fica perto da Auto Escola Nota 10, descendo para a linha do Iguassu. Acordamos o Renato, mais de meia noite, para que ele cortasse o nosso cabelo, no outro dia cedo tínhamos que trabalhar. Outro fato também, onde tínhamos uma casa perto da Câmara Municipal de Vicentina, onde hoje mora o Soró, aquela casa era nossa, nós havíamos comprado colchão, cama e mesa, na Móveis Brasília de Fátima do Sul, e quando nós chegamos, não tinha nada, pessoal não veio deixar naquele dia, porque havíamos comprado na parte da tarde. O pai havia trocado a casa em uma chácara que ele tinha, fomos a pé para a casa do nosso pai na Linha do Iguassú, e chegamos quase duas horas da manhã e no outro dia cedo, sete horas estávamos de pé, eu na escola Weimar Torres e o Francisco na Escola Padre José Daniel. O deslocamento era sempre de a pé ou de bicicleta.

Devido ao grau de ensino na Escola Padre José Daniel, chegamos à universidade e não encontramos dificuldades, em relação às notas era sempre notas muito boas. O Dr. Francisco, a Professora Raquel, a Professora Alice, a Professora Cleide, a irmã da Professora Raquel, o meu irmão Francisco, essa turma só ficou residindo a minha pessoa, os demais estão em outros locais. O curso foi em 1973 e 1974, dois anos, nunca fiquei de DP.

Um sonho que se tornaria realidade

Em dezembro de 1975 eu tive um sonho que estava em um determinado lugar, eu via um rio, estava na cidade numa parte mais alta e via um rio e uma cidade mais baixa, aí em julho de 1976, naquela época tinha as faculdades de férias e fizemos uma

inscrição para o curso de administração escolar em pedagogia, e eu vendo pelo mapa, achava que era perto. Era em Barra do Garças, tinha a Professora Zoraide lá de Vila Rica, João Bosco, de Vila Rica, a Luiza Rodrigues, de Fátima do Sul, e nós fizemos inscrição para Barra do Garça, fomos pra lá, era curso de pedagogia, especialidade em administração escolar, todas as férias nós íamos, faculdade de férias. Íamos no mês de julho e dezembro e janeiro, quando a gente estava de férias, estava estudando em Barra do Garça, iniciamos 1976 e a graduação foi em abril de 1979, naquela época Barra do Garça já era uma cidade bastante interessante. Como eu falei do sonho, foi em dezembro de 1975, em julho de 1976 quando estávamos no aeroporto de Aragarças-GO, que ali só atravessa o rio Araguaia que ali só atravessa o rio e está a cidade de Aragarças. Quando nós entramos no aeroporto, eu olhei para a direção do poente e vi a cidade de Barra do Garças, pensei comigo, estive aqui há 6 meses antes, pelo sonho, quando fomos fazer nossa formatura foi o hoje senador da República Wellington Fagundes, foi o paraninfo da turma, e o homem prosperou bastante. No concurso do vestibular lá tiramos em sexto lugar, terminamos ali.

Um novo desafio da vida acadêmica

Em 1983 fomos fazer a complementação dos estudos em Geografia, em Andradina/SP, a gente embarcava meio-dia na Viação Queiroz, seis da tarde a gente embarcava de trem em Campo Grande e amanhecíamos o dia em Andradina, aí depois pegávamos o ônibus, o que vinha pelo interior de São Paulo, até chegar em Presidente Venceslau. De Venceslau esperávamos o ônibus da Viação Motta e chegávamos aqui em Vicentina, propriamente de onze e meia até uma hora da manhã. Saíamos na sexta-feira, na parte da tarde, fazíamos o curso no sábado e voltávamos no sábado à tarde, porque na segunda-feira tinha que estar ali no batente. Essa rotina era a cada quinze dias. Era eu, o professor Marcelino, a Julieta, e a professora Zaira.

Chegávamos em São Paulo a noite, as luzes estavam acesas ainda, só que a coisa era corrida para fazer os trabalhos lá e tinha que correr na biblioteca e fazer pesquisa, não foi fácil. Foi o momento mais difícil academicamente, porque já estava meio cansado. Já estava casado, trabalhava a semana inteira, casei em 1979. Fizemos a licenciatura plena em Andradina, mas acho que era uma representante de São Carlos, porque o diploma veio registrado de São Carlos, na faculdade Rui Barbosa.

O cansaço e uma pausa necessária

Na Faculdade de Fátima do Sul, na FIFASUL, naquela época era da doutora Ively, eu ainda fiz o primeiro semestre de Metodologia do Ensino Superior, já era para ser professor universitário, tipo um mestrado. Fiz o primeiro semestre, o ano não tenho certeza, mas na década de 1980. Em Andradina encerrei no ano de 1983, lá aproveitamos os créditos de Estudos Sociais e da Pedagogia de Barra do Garça, que corresponderiam a carga horária. A gente fazia final de semana e estava acarretado com dois períodos de aula, então, era necessário dar uma pausa para descansar.

A carreira como professor

Comecei a lecionar no dia 01 de março de 1970, já concursado pela Prefeitura Municipal de Fátima do Sul/MS, em 1971 eu comecei na Escola Weimar Torres, ali na Rua Costa e Silva onde hoje é o Chapeuzinho Vermelho, até 1975, quando os “Araújos” que mudaram para Rondônia, naquela época perdemos trinta e dois alunos de uma pancada só, é do pessoal do Enoque Araújo, aí eu vi que a escola estava diminuindo o número de alunos, como eu já tinha a licenciatura em Estudos Sociais eu vim para a Escola Padre José Daniel e fiquei aqui na escola Padre Daniel, até que fui nomeado diretor da escola, no ano de 1988.

Na aula de Geografia eu fazia uma radiografia da situação, eu levava o desenho passado pela xerox, de um mapa do Brasil, para mim ter conhecimento da origem do aluno, eu pedia para que ele pintasse de uma cor onde ele nasceu e de outra cor onde os pais deles nasceram, dessa forma eu descobria o processo de deslocamento de cada aluno e cada família. Era uma estratégia de tratar a migração. O nordestino tem duas linguagens, cearenses e o português.

O processo migratório foi de 1950 a 1980 foi intenso, período também do êxodo rural, com o encarecimento e o melhoramento da região Nordeste, os que ficaram aqui se adaptaram melhor ao sul. É mais fácil sair de uma situação difícil e se adaptar a uma situação favorável, até o comportamento é diferente, do que o elemento sair de uma situação melhor e piorar.

Lecionando na ditadura militar

Fui aluno do padre José Daniel por 8 anos, e depois convivemos de 1976 como professor. A primeira aula de OSPB em 1976, como era o período da ditadura e o Padre José Daniel ele era firme na parada, a primeira aula foi numa sala na parte de baixo, durante esse período de 45 minutos que estava lecionando, eu vi que ele passou por duas ou três vezes. Talvez ouvindo se a gente tinha mesmo capacidade para falar dentro da estrutura daquele determinado período. Depois não mais fiscaliza a forma do nosso trabalho (risos).

Na ditadura a gente ficava de orelha em pé. Sempre se tinha notícias que elementos ficavam infiltrados, para poder colocar determinado professor, dentro do esquema para ser demitido. Lembro bem do José Vicente de Souza, hoje ele está em Dourados, sargento da polícia militar, quando ele veio de Brasília, eu desconfiava que ele talvez fosse um agente secreto, a gente trabalhava com responsabilidade dentro dos limites daquela época.

Convivência com nordestinos na atualidade

Posso citar, com mais de sessenta anos que estamos aqui, na obra da subestação de energia que está sendo construída, o pessoal veio do Nordeste, são do Maranhão e do Piauí e tinha dois do Ceará, a gente sente o respeito das pessoas que vem do Nordeste, são pessoas respeitadoras e conversador também, nordestino é um pessoal que nunca desiste, é lutador, sempre procura melhora. O nordestino não gosta de fazer serviço mal feito. Ainda existe a cultura em nossa região, o nordestino é mais acolhedor, mais mão aberta para ajudar, são características, o nordestino é um sujeito mais humanista.

A participação na política

O homem é um ser social por natureza, Sócrates que dizia isso, em Vicentina de Subsede, desde 1950, Vila Vicentina, Distrito de Vicentina, e depois o movimento para a emancipação política e administrativa de Vicentina, todos os plebiscitos. Nós tivemos a oportunidade de fazer todas as linhas e conversar com o pessoal e pedir para que o pessoal votasse nas eleições, também acompanhávamos as votações, sempre fui presidente de mesa, eu trabalhava junto com o saudoso Davi Arriero e o seu João Amaro. Foram vários os plebiscitos que tivemos a participação, inclusive o mais recente, que deu origem ao nosso município, foi o plebiscito de 07 de fevereiro de 1987,

em que o presidente da República José Sarney, baixou uma determinada situação, em que o país inteiro tinha que fazer o recadastramento. Uma vez fizemos uma reunião na Escola Padre José Daniel, em um sábado à tarde, já haviam combinado para fazer uma associação de amigos, e naquela época já estava em campanha eleitoral no ano de 1986. O Deputado Londres Machado vinha da cidade de Angélica, junto de Ivo Cerzósimo, que foi candidato a deputado federal naquela época. Fizemos a reunião na sala da escola Padre José Daniel, e o Londres falou: - Vocês façam a associação de amigos de Vicentina, porque fica mais fácil para encaminhar determinadas situações e no que depender de mim, a gente encaminha na Assembleia - e o Ivo Cerzósimo falou uma determinada coisa que até hoje não esqueci. Ele dizia assim: - Olha, vocês votam para deputado federal para o Ivo Cerzósimo que mora em Dourados, porque os outros só passam por aí e deixam poeira depois para vocês. Uma questão do regionalismo.

A abertura de espaço para novas figuras na política municipal

Na faculdade de Dourados, a faculdade de Estudos Sociais, dava o direito de ser professor de Organização Social e Política Brasileira, o padre José Daniel me deu essa matéria para que eu lecionasse de primeiro grau na oitava série e no segundo grau, então, eu tive essa oportunidade de trabalhar politicamente a minha mente e também os jovens, é tanto que abri a porteira de uma determinada forma para muita gente, porque aí teve o Gerson Pereira que foi vereador, teve o Prefeitinho Antônio José dos Santos, tem e o Geovani de Jateí, que tem oito ou nove mandatos, teve o professor Aurélio, atualmente ainda tem Juraci Rodrigues de Carvalho que é o vice-prefeito Japão, foi aluno nosso aqui, e também eu tive a oportunidade em um semestre de lecionar para o atual prefeito que é o Marquinhos do Dedé.

A atuação enquanto vereador e o destaque para a cultura nordestina

Enquanto vereador, falei muito na tribuna para que fosse homenageado Odílio e Odilon, que haviam feito uma música, no ano de 1975 foi município durante 12 meses, aí Odílio e Odilon (nordestinos), fizeram uma música em relação a homenagem a Vicentina, eu pedi na tribuna que trouxessem esses artistas que moram em Campo Grande, para que fizessem a apresentação. Também eu trouxe a memória do Antônio

Guimarães, major da polícia militar, que propriamente fez um samba em homenagem ao padre José Daniel, ele é cearense de Quixeramobim.

Na participação das festas juninas durante esse período que fomos vereadores, a gente contribuiu para as escolas, além da contribuição a gente também se fazia presente, não só aqui na sede em Vicentina, mas também nos distritos de São José e Vila Rica. Quando a gente tem a vida pública a gente tem que mostrar serviço.

Relação do padre José Daniel com os nordestinos

Quando ali hoje está a Igreja Matriz e toda a quadra, o padre José Daniel convocou a população para que viessem arrancar aqueles tocos, limpar o local para a construção da igreja de madeira, a primeira igreja, o bispo de Dourados veio e falou assim, segundo o que o meu Exedito Martins conta: – Vocês nordestinos façam com o padre José Daniel igual os romeiros fazem com o Padre Cícero, porque logicamente o bispo sendo conhecedor de Sociologia, então, aproveitou, um terreno fértil para falar isso, o Padre Cícero de Juazeiro/CE, tinha adeptos de todo o Nordeste. Naquela época de 1953 a 1955, quase 90% era nordestino, então, aproveitando essa oportunidade, o bispo fez essa solicitação aos migrantes nordestinos.

Podemos citar as pessoas de confiança do padre Daniel, era o seu Eutácio Caetano Braz, o seu Francisco Romeiro popular Inácio, o seu Zé Vermelho. Numa sala de 15 alunos ficava o professor e o seu Eutácio na porta cuidando, então só tirava nota boa quem sabia. Eles tinham o papel de impor respeito, principalmente no segundo grau. Padre Daniel o grande educador, não só da forma religiosa, mas não fazia distinção de pessoa de qualquer denominação de estudar no seu educandário.

Romantização da figura de Getúlio Vargas

O PTB ainda tem força, porque Vargas criou a Colônia Federal de Dourados, de Rondonópolis e de Cáceres, para poder o estado de Mato Grosso se desenvolver, agora o núcleo colonial de Dourados, e aqui onde está o município de Vicentina, enquanto tiver geração com vocação agrícola, vai ter que saber que foi Getúlio quem criou essa colonização em uma terra muito produtiva nessa região.

Relação mística, amorosa e afeituosa com Vicentina

Eu acredito que quem chegou aqui com 4 anos, e mais 68 anos que aqui estou, posso contar história com H, e em todos os sentidos, de uma forma humilde, a gente se sente recompensado por todos os esforços que nós fizemos, e gratificando a Deus acima de tudo e aquelas pessoas que deram oportunidade no decorrer da vida. Fomos quase que uma espécie de profeta, trabalhamos incansavelmente em todos os plebiscitos acreditando que aqui teríamos um progresso muito maior, tinha um determinado livro de Geografia em que um escritor africano dizia que era muito melhor, ter uma independência própria do que depender dos outros, em 1976 fizemos um comício lá em São José, no seu Gonzagão, naquela época no João Duda, falamos que se tornasse independente, ia ter ônibus, e um cara lá de baixo falou: – Como é a história? – Repita. Eu repeti. Você ainda vai ter a oportunidade de ver o progresso de Vicentina, e hoje temos uma emissora, na época dizíamos que estávamos inaugurando a rádio Cipó, naquela época o candidato a deputado estadual Walter Pereira, ele dizia que rádio Cipó, era passar de boca em boca a notícia para as pessoas.

A luta pela sobrevivência

O nordestino ele nunca desiste, enquanto tiver nordestino, são pessoas que lutam pela sobrevivência.

Retorno ao nordeste e o olhar do outro

Nunca retornei ao Nordeste, mas a grande herança do Nordeste, mesmo sendo uma região sofrida é de um pessoal trabalhador, é um povo que não desiste, é um povo persistente, você trabalha, trabalha, trabalha e sempre agradece a Deus, independente de religião, a figura suprema é muito forte, sempre se coloca Deus na frente, é uma grande força espiritual que o Nordeste tem. Dos 15 irmãos da sua família, 3 foram até o Nordeste, a Neli foi até o sertão e voltou se arrenegando de lá, disse que foi a melhor coisa que nosso pai fez por nós, o Elias foi até um Congresso em Fortaleza, mas não chegou próximo da região que morávamos, e Elizeu já foi três vezes, mas somente vai a Fortaleza e Araucária, e em outros lugares que tem parentes que são políticos, ou seja, ele não vai até onde nós moramos no passado.

Alguns outros nomes nordestinos de Vicentina são: Zé Vermelho, Biba, Jose Possidonio, Dezinho, Seu Otacílio, Seu Zeca Alexandre.

Nas imagens abaixo. A primeira é do Histórico Escolar do ano cursado em 1963, na Vila Vicentina, documento que o colaborador encontrou, tirou uma xerox e entregou para o pesquisador que o entrevistou. Na segunda uma foto da Escola Padre José Daniel, que está passando por uma reforma completa desde o ano de 2022. Na terceira foto onde é o Salão Paroquial, onde o colaborador cursou a catequese, porém, em instalações diferentes, tendo em vista que a foto é atualizada.

Imagem 3 - Histórico Escolar de seu Martinzinho

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

GIÁSTIO COMERCIAL "SANTO ANTONIO PALLOTTI"
(Nome do estabelecimento)

VILA VICENTINA MATO GROSSO
(Cidade) (Estado)

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO EM EXAMES DE ADMISSÃO
À 1.ª SÉRIE NORMAL** N.º 0

Certificamos que **JOSE MARTINS NETO**
filho de **Expedito Martins de Moura**
e de **Raimunda Dina da Conceição**
natural de **Brejo Santo CE** nascido em **7 de junho de 1950**
foi considerado aprovado em exame de admissão à **1.ª Série Normal**,
prestado em **19 de dezembro de 1963**, nos termos
da LEI ORGÂNICA DO ENSINO SECUNDÁRIO (Decretos-leis n.º 4244 de
9 de abril de 1942 e 8.347 de 10 de dezembro de 1945), tendo obtido os
seguintes resultados:

Português oito (8)	Matemática dez (10)
Geografia nove (9)	História do Brasil dez (10)
Media geral nove int. e dois déc. (9,2)	

Vila Vicentina 19 de dezembro de 1963

[Assinatura] Diretor
[Assinatura] Inspetor

GIÁSTIO COMERCIAL "SANTO ANTONIO PALLOTTI"
VILA VICENTINA
M. G.

Fotografia: José Martins Neto. Data 12/02/2023.

Imagem 4 – Escola Estadual Padre José Daniel



Fotografia: Douglas Martins. Data 05/02/2023

Imagem 5 - Salão Paroquial



Fotografia: Douglas Martins. Data 05/02/2023.

2.1.3 Jose Bernaldo dos Santos (Zé Vermelho)

Através da sua fé você consegue alguma coisa, porque você não vai trocar a sua fé por qualquer coisa.

Seu José Bernaldo dos Santos, conhecido como Zé Vermelho, figura carismática e muito conhecida na cidade de Vicentina, de uma família grande, muitos filhos, netos, bisnetos e trinets. Realizei duas entrevistas com o senhor José Bernaldo. A primeira na data de 13/05/2022, uma sexta-feira, cheguei em sua chácara por volta das 15 horas e 40 minutos. Entrei na chácara dele que fica na área urbana da cidade de Vicentina, encontrei sua filha Joana e o Seu José.

Iniciamos nossa entrevista cerca de 16:00 horas, ele já havia sido contatado através de seu neto Thiago e de sua filha Joana, sobre a entrevista, eles disseram que ele estava bem de saúde e gostaria muito de contribuir para o trabalho, quando cheguei ele estava esperando para nosso diálogo. O senhor José trajava calça moletom, calçava meias em seus pés, bem como sandália, camisa social e um casaco. Sentamos na área de sua residência, expliquei sobre o meu projeto e iniciamos a conversa. A entrevista durou mais de uma hora, após a entrevista tomei um café, fazia frio, e retornei para a minha residência.

A segunda entrevista foi realizada na data de 21/05/2022, um sábado, na parte da tarde, a partir das 15:00 horas cheguei em sua residência para dialogarmos sobre o projeto, neste dia encontrei também as suas filhas Joana e Maria José, tomamos café, comemos pamonha, realizamos outra entrevista com mais de 1 hora de duração, após a entrevista, tiramos uma foto, e dialogamos por mais de 1 hora sobre diversos assuntos. Seu José possui uma família muito grande, que sempre se reúne em sua residência, são 10 filhos, 21 netos, 38 bisnetos e 4 tataranetos, a casa está sempre cheia.

Infância

Nasci em Assaré, cidade do poeta Patativa do Assaré, ele, Patativa, era parente da minha mãe, conheci Patativa do Assaré... – Sente aqui mais pra perto... Eu conheci Patativa do Assaré, todo ano ele fazia uma cantoria na casa de meus pais. Naquele tempo ele era um dos maiores repentistas, o nome dele é Antônio Gonçalves da Silva, eu tenho 4 livros dele, 1 entrevista que fizeram com ele, ele nasceu em 05-03-1909, eu nasci em 1928, 25 de julho de 1928. Quando eu nasci, ele já cantava, já era um grande

poeta, ele fez uma viagem pro Pará, quando ele voltou do Pará, a mãe dele ficou viúva, ela tinha 5 filhos, 4 homens e 1 mulher e o Patativa era o segundo filho, o primeiro se chamava Joaquim, e ele, Patativa, se dedicava. Era um negócio de folheto, ele queria uma viola, e a mãe dele falava não, ajude o Joaquim na roça, eles moravam numa serra, na serra de Santana, serra e rio, serra plana, aquela serra tinha uma lagoa, e muita água, secava, mas a água era rasa.

Lembranças do Ceará

Porque aonde meu pai morava não tinha terra pra plantar arroz, meu pai plantava, o arroz na terra de Zé Romeiro, na ribeira, na beira do rio, eram 2 léguas de onde o pai morava. Seu pai, Antônio Bernardo, planta aqui. Nós morávamos na Fazenda Riacho Verde, fazenda que era do meu avô, tinha um açude, não conheci meu avô, meu avô foi casado duas vezes, da primeira família 2 homens e 2 mulheres, viuvou e casou, com a mãe de meu pai, a Rita. Meu pai era o primeiro filho do segundo casamento, eles tiveram nove filhos no segundo casamento, todos nasceram lá no Ceará. Meu pai também teve 9 filhos, eu sou o caçula da família, sete mulheres e dois homens (tenho 9 filhos), o João e a Zenilda vieram do Ceará, João era um grande construtor, João tinha 2 anos quando veio do Ceará, a Zenilda completou ano durante a viagem. A minha esposa, fez 3 anos que ela faleceu no dia 23 de abril.

Lá no Ceará eu tinha a casa, mas era do Zé Romeiro, era na terra do sogro, meu pai tinha terra, mas eu não fiz casa no terreno dele, eu ia fazer a casa no terreno de meu pai, mas aí Zé Romeiro disse para fazer na terra dele.

Memórias da morada no Ceará

Eu vim porque, eu fiz a casa na terra de Zé Romeiro, Zé Romeiro trabalhava numa fazenda de um major Gonçalo e ele morava no rio de janeiro, aí ele trabalhava lá e fez um acerto de ficar 4 anos administrando lá, e lá tinha muita cana, pra fazer rapadura, mel, aí ele sempre fazia, quando eu casei, que eu fiz a casa, casei em 16-12-1950, aí ele, Zé Romeiro, da casa de Zé Romeiro beirando o rio era 200 metros, morávamos próximo do rio, quando eu casei Zé Romeiro queria que eu fosse lá, fiz uma casa de material, fiz telha, fiz tijolo, essas coisas é do cara que tem vontade de aprender, porque o homem trabalhador, ele se esforça pra aprender, de tudo que ele vê ele quer aprender, se é de

bom, se for de mal não, depois que eu fiz essa casa, aí uma família lá encostado, de um deputado e conseguiram fazer uma escola, bem pertinho de onde eu fiz a minha casa, minha casa tinha salas (jantar e visita), 2 quartos, cozinha, tudo de tijolo, piso era no contra piso.

Momento de decisão: ficar no Ceará ou procurar um novo rumo

Zé Romeiro, quando ele venceu o tempo de lá com o coronel Gonçalo, ele teve 3 filhas, a Antônia que a gente chamava Totonha era a minha esposa. O Zé Romeiro nunca falou, era um homem até bem de vida, chegava lá ele dizia: - Ah, eu comprei isso. Quando ele saiu de lá, ele achava que ia ganhar de dinheiro e comprar uns terrenos, saiu devendo de lá da fazenda, o pai dele que falou pra mim. Ele que criou a minha mulher. Com 14 anos que ela foi pra casa de Zé Romeiro, a mulher de Zé Romeiro, que era minha sogra, minha prima legítima, era filha de um irmão do meu pai, do primeiro casamento, aí o Zé Romeiro resolveu vender a Timbaúba, a região onde a gente morava no Assaré, para pagar o coronel Gonçalo, ele não falou nada pra mim, eu já fiquei meio.... eu tinha, nós tínhamos a nossa casa, colheita boa, arroz, feijão, tinha coisa pra comer 2 anos ou mais, com essa conversa, do Joaquim pai do Zé Romeiro, eu cheguei em casa e disse o Totonha, a conversa do seu avô, padrinho romeiro, ele disse que Zé Romeiro vai vender pra pagar o coronel Gonçalo, aí a Totonha falou: - Não é possível, quem falou foi o seu avô, se ele vender aqui com certeza vai pra cidade e pra cidade eu não vou, eu não sou da cidade, sou do trabalho. Aí eu fui em riacho verde e contei a história para meu pai, aí ele disse você quer fazer casa aqui no riacho verde, eu digo oh meu pai eu vou pensar depois eu falo pro senhor, nós já tinha um cavalo muito bom, eu era caprichoso, e tínhamos 8 cabeças de gado. Quando eu casei a Totonha tinha 3 vacas, esse cavalo era de uma égua que ela tinha, eu vou pensar, Totonha vamos decidir o nosso destino, se eu fizer casa lá, o meu pai não vai vender. Dito e feito, ainda hoje está lá, os terrenos que eram do meu avô, eu tenho minha área de terra, umas sobrinhas que tomam conta. Aí conversei com Totonha e disse vamos pra Mato Grosso, lá pra onde está o Chagas, que era casado com a tia dela, a gente tinha notícias. Um dia cheguei do serviço da roça, aí estava Zé Romeiro mostrando as terra pra um cara, ai Totonha falou: - Pai está mostrando pra vender, pro Citõe da velha Donana. Era um cara bem de vida dentro do Assaré, vamos vender o que tem e vamos se arrancar.

A compra da passagem e a viagem até o Mato Grosso

Tinha um cara lá no Assaré, caminhoneiro, ele carregava carga de algodão, aí eu fui falei pra ele, eu quero você compra 2 passagens para mim lá no Crato, o nome do caminhoneiro era Marmiles, foi quando saiu uma empresa Chagas Bezerra. Viemos de ônibus até São Paulo, não viemos de pau de arara, saímos do Ceará e a Chagas Bezerra deixou até São Paulo foram 4 dias de viagem, vieram 3 rapazes com nós, que eram vizinhos, 2 veio pra Mato Grosso, 2 tinha gente lá em Poxoréu/MT e outro ficava em São Paulo.

Chegada em São Paulo, a estação do Brás

Quando chegamos lá em São Paulo naquela igreja, parava tudo aqueles carros, que vinham do Nordeste, na Estação do Brás, era de um cara do Ceará, paramos lá e chegaram um cara – A turma aí quer trabalhar? Nós temos serviço, eu queria um casal pra cuidar da fazenda, de uns 10 peões, eu pago bem, Zé Bernardo. Aí o cara falou: – A fazenda fica perto da cidade, pra tomar conta de 10 peões, pago um salário pro senhor e 1 salário pra mulher. Eu pensei assim, ôh Totonha que você acha dessa proposta? Ela disse: - é uma proposta até boa, ah, mas não me agrada, cuidar de 2 crianças e cuidar de 10 peões. eu disse pra Totonha: – Vamos cumprir o destino que nós já fazemos. No fim da conversa nós paramos em Mato Grosso.

Ida para o tão sonhado Mato Grosso

Pegamos um trem da capital lá até chegar em Bauru, chegando em Bauru pegamos a Noroeste, trem velho, cansado... To to to to to.... do Ceará a São Paulo levamos 4 dias, pegamos o trem, mas se fosse de a pé acho que andava mais rápido (risos).... fomos até Três Lagoas, aí tem que trocar de trem, o trem de Três Lagoas vinha pra Ponta Porã, o cara lá de Três Lagoas eu falei, que iria vir pra Dourados, tem que ir até Itahum, tem que procurar tudo direito, chegando em Itahum pega uma jardineira mista pra Dourados. A jardineira atrás a carroceria pra mudança, no meio fechado, quando chegamos em Itahum nós descemos, a jardineira do Loureiro, logo quando encostou ele perguntou, é gente do Ceará que vai pra Dourados. Loureiro, que era dono da Queiroz, também veio do Ceará. Chegamos em Dourados.

A chegada em Dourados e a procura por parentes na colônia

Chegando em Dourados, ficamos numa pensão, barraco velho de madeira, fazia até vergonha dizer que aquilo ali era uma pensão, levamos 9 dias de São Paulo até Dourados, era de um catarinense essa pensão lá de Dourados, tudo cheio de buraco, molhava tudo, tábua estava podre. Eu procurava Francisco Felizardo era o Chagas, ele procurando uns vizinhos dele, aí o vizinho foi me procurou pra dar notícia dele, tem que ir na administração, disse o senhor vai no Panambi, lá no Panambi tem um cara, que chama César, entrava ali onde hoje é presídio, do lado de baixo, fomos até lá, esse César era administrador da colônia, pegamos a jardineira e fomos lá, o motorista falou quando chegou em frente à casa do César, café de um lado e outro, uns 100 metros de cafezal, chegamos a tardezinha, Totonha com Zenilda no braço, uma trouxa na cabeça, com uma mala, João já andava bem, tinha 2 anos, chegamos lá estava seu César juntando café no terreirão, ele nos avistou e perguntou se éramos do Nordeste, eu disse olha seu Cesar eu vim aqui por que me informaram, se sabiam de uns parentes meus que moram aqui na colônia, mas eu não trabalho mais, tem o livro da colônia e dá pra ver certinho, já veio a mulher do seu Cesar, a noite ele procurou no livro e encontrou, naquele tempo Cruzaltina, chamava curva do mercado, do jeito que saia ali logo atravessava na fazenda, ele deu o número do lote e da quadra, lá na cooperativa era melhor de pegar carro, lá tinha mercadão da colônia, ferramentas para trabalhar, chegamos na cooperativa, ficamos lá, veio um caminhão para o Barreirão, o senhor conhece onde é o mercado, Expedito Lopes já estava aqui comprava milho e farinha para mandar pro Laucídio Coelho lá em Campo Grande, peguei o caminhão e paremos em frente o Nezinho esse pernambucano, a é gente do nordeste (risos), eu quero ir na casa do Chagas, Chicaltino era irmão do Alexandre, Alexandre morou aqui também.

Ficamos 3 anos lá. Quando eu cheguei lá, Dourados não tinha a ponte ainda, depois que fizeram a ponte, tinha a tal da balsa. Andou morrendo muita gente nessas travessias, todo mundo querendo ganhar terra, aí lotava a balsa e acabava derrubando a balsa, fiquei 3 anos lá, aí arrumei uma marcação no Carajá, perto de Vila Rica. Quando cheguei lá, o Antônio Moraes dos Santos era o prefeito de Dourados, aí uma turma invadiu a fazenda dele do outro lado do Córrego Laranja Doce, travessa a ponte pra ir pra campo grande. Aí esse cunhado de Zé Romeiro, a turma invadiu aí, mas o Moraes vai cortar, quem sabe sobra algum lote aqui, minha ideia era pegar ali na ponte onde atravessa o rio brilhante, vamos na serraria em Indápolis, lá tem a administração da

colônia federal, vamos fazer um requerimento, quem sabe dá certo, aí eu vem com ele, ali era a administração da colônia, o administrador que estava lá disse: – É bom fazer, mas é se sobrar daqueles que foram despejados da colônia lá da fazenda do Moraes, se não sobrar, aí você vai ter que passar para o outro lado do rio, com aquele requerimento. Como não deu certo, resolvi vir para o outro lado, quando entrei lá o seu avô Expedito já tinha o lote dele lá, tinha o seu Antônio Martins, o seu Manoel Martins, irmãos do seu avô, depois ele Manuel foi embora para Manaus.

Tinha um pernambucano lá na Cruzaltina que comprava para revender o arroz que a gente produzia, ele comprava, levava pra Dourados, em Dourados tinha uma máquina da mãe do Moraes, que era o prefeito, beneficiava aquele arroz, depois ia vender, ele tinha um Chevrolet velho, antigo, tocado a manivela, ele era bom motorista, no boliche ficava a mulher dele, ele era muito sabido, Nezinho Sato, lá de Salgueiro na divisa com o Ceará, a da divisa chama-se Jati, ele procurou o Sergipano, chamava José Joaquim, por quanto você derruba um alqueire de terra, eu cheguei ainda com um pouco de dinheiro do Ceará, mas ele acabou, né (risos).

Eu vim do Ceará e cheguei aqui com 25 anos, vim em 1954, eu fiquei na casa dos parentes no lado de lá, na colônia velha, porque ali tinha um cunhado do meu sogro, o José Romeiro, você lembra do Zé Romeiro, fazia rede, tarrafa, o Inácio também era sobrinho do Zé Romeiro. Joaquim é de 1930, agora o Joaquim saiu de lá do Ceará primeiro do que eu, ele foi pra Goiás, e eu vim pra Cruzaltina em 1954, depois da vila Vargas, ali o cunhado do meu sogro ganhou um lote da colônia federal. O nordestino vinha para cá, para ganhar lote da colônia federal. Aí aquele cunhado do Zé Romeiro ganhou um lote lá, fazendo fundo pro córrego, chama Laranja Lima, depois vem o Laranja Doce, o Laranja Lima caia no laranja doce, eu fiquei 3 anos lá na Cruzaltina, aí eu falei com o cunhado de Zé Romeiro, chamava-se Francisco Chagas, eu queria ganhar um lote pra mim trabalhar.

Admiração por Patativa do Assaré

O Patativa era parente da minha mãe, conheci Patativa do Assaré... (sente aqui mais para a perto) ... eu conheci Patativa do Assaré, todo ano ele fazia uma cantoria na casa de meus pais, naquele tempo ele era um dos maiores repentistas, o nome dele é Antônio Gonçalves da Silva, eu tenho 4 livros dele, 1 entrevista que fizeram com ele, ele nasceu em 05-03-1909, eu nasci em 1928, 25 de julho de 1928, quando eu nasci, ele

já cantava, já era um grande poeta. Ele fez uma viagem para o Pará, quando ele voltou do Pará, a mãe dele ficou viúva, ela tinha 5 filhos, 4 homens e 1 mulher e o Patativa era o segundo filho, o primeiro se chamava Joaquim, e ele, Patativa, se dedicava, era um negócio de folheto, ele queria uma viola, e a mãe dele falava: – Não, ajude o Joaquim na roça! Eles moravam numa serra, na serra de Santana, serra e rio, serra plana, aquela serra tinha uma lagoa, e muita água, secava, mas a água era rasa.

O processo de aquisição do lote em Vicentina

Consegui o lote em 1957 no Carajá, aqui já tinha feito a ponte, o governo de Cuiabá já havia feito a ponte, mas muitas dificuldades, do rio pra lá era um varjão só, lá na Cruzaltina tinha uns conhecido do Chagas, um rapaz disse olha seu Zé, lá onde eu tô, eu arrumei uma marcação no Carajá, é longe hein, mas anda tem uma área lá, a área até boa que está vazia, ele já havia vindo primeiro, na área dele já havia feito um barraquinho velho, tem arroz, não colhi mas está empilhado lá, tenho feijão pra comer, eu já estava casado, ai passei pra cá e minha esposa ficou lá do outro lado do rio, lá tinha um cara que tinha feito pra colocar um bolicho, fechado de tabua, coberto com tabuinha, como fizeram aqui também a escola, aí eu fiquei, aí o Chagas falou se estava bom lá pra mim, eu disse que sim. Fomos arrancar sapé pra fazer uma cozinha e fizemos, encostado, rodeado de barrote, lá tem muito coqueiro chamado pindó, coqueiro bem miúdo, o rapaz que me trouxe chamava Deuziro, ele já morreu, ele disse que essa área daqui pra lá, não tem ninguém não, nem picada pra atravessar tinha, tinha uma picada feita pelo Zé Baiano, essa picada saia de lá de baixo do Córrego, na divisa do Oculito com a Colônia, ai eu fui mais o Deuziro, você vai me ajudar, vamos abrir lá, eu era bom de vista, eu vou marcar pra não sair muito errado, no dia que eu fiz aquela picada, o Deuziro o lote dele era no oculito fazendo fundo pro Carajá, o seu Pedro da mocinha, o sogro do Jura, aquele lote dele era no oculito, e o que eu marquei, ficou no fundo do lote do cunhado do seu Pedro, ali tinha um sergipano, dos caras que vem e marca, fomos na casa dele, a ele mandou eu vim pra cá, eu tocava terra arrendada lá na Cruzaltina, no lote do cunhado do Zé Romeiro.

Um grande amigo: Padre José Daniel

Depois viemos aqui pra vicentina através do Padre Daniel, eu conheci o padre Daniel na colônia velha, ele veio em 1953, vi ele no outro lado do rio, na Igreja da Vila Soa Pedro ele e o padre Luiz, em 1953 ele veio fazer missão, ficou em Amambaí, naquele tempo dourados não tinha bispo, era frei, frei Teodario, que se tornou o primeiro bispo de dourados, aí foi que o padre queria vir e o frei disse, mas é bom, ele voltou pro RS, pra pedir licença pro chefe dele lá em Santa Maria, pra construir um lugar do nordestino e do bugre, aí ele voltou, eu tenho uma foto lá em Juazeiro com o Padre Cicero, eu a Totonha e a minha neta Jessica, tem um cantador, que sempre vinha aqui, o ponto dele era aqui em casa, Silvio Granjeiro, meu pai era Romeiro, meu pai conheceu o Padre Cicero, meu pai era religioso, muita gente não quer sofrer, mas o sofrimento é bom, ninguém quer, através do sofrimento as vezes o cara é mau e se torna bom, eu vivi com minha esposa 68 anos. Eu e minha companheira para criar nossa família a gente sofreu, vim 3 vezes da Cruzaltina até o Carajá de a pé, levava 3 dias de viagem. Chico Piranha, bebia uma cachaça (risos), Francisco Martins e apelidaram ele de Chico Piranha, dele até o meu lote dava uns 2 km, mas sempre na fé que um ia acabaria essas dificuldades, mandei furar um poço, o poço com 19 metros, foram uns pernambucanos que fizeram pra mim, o colégio e aquelas casas as primeiras foram eu que fiz, o padre Daniel me trouxe de lá pra formar um café, pra mostrar pros gaúchos a folha do café, o padre era de uma cidade de nome Vale Veneto, comprei esses 2 alqueires aqui, formei mais de 10 mil pés de café, no ano de 1962, vendi para um cunhado do seu Pedro do Jura, o Padre Daniel me conheceu lá na vila rica, os alagoanos fizeram uma igrejinha, na época o João tinha 9 anos, quando apareceu a escola aqui o João foi e a Zenilda e a marina foram para a escola, a gente sofreu mas está bom, graças a Deus....

Quando eu cheguei, em Vila Brasil era chamado porto Ubatuba, era um administrador da colônia, nós viemos quando chegamos na esquina do Potreirito, no cavalo, na carrocinha o velho, a Totonha e os 2 meninos, mudanças não tinha, fazíamos a mudança quando chegavam, comprei minha primeira cama em 1960, quando eu vendi o lote em 1960, antes era 4 forquilhas, umas varas, um colchão cheio de palha de banana, não podia querer coisa melhor, porque não tinha.

Trabalho e dificuldades encontradas no Ceará

Trabalhei no Ceará desde pequeno, na roça, eu nunca fui mole para serviço, tem cara que está atrás de serviço, mas a hora que encontra o serviço ele acha pesado, ele num quer trabalhar, eu não, eu de tudo fazia. Vim para cá estava com vinte e cinco anos, comecei a trabalhar da idade seis para sete anos, já ajudava meu pai na roça, acompanhava ele, ele ia trabalhar e eu ficava sentado lá, sempre lá na roça. Meu pai fazia uma casinha desses cocos aqui catolé, fazia um almoço, ia pra roça. Eu era o caçula, os outros dois eram mulheres, só levava o almoço para nós. Toda a vida eu fui ativo.

Lá tinha aquelas farinheiras, puxavam uma roda em dois companheiros, uma roda um companheiro de um lado e o outro do outro, eu gostava de puxar roda com companheiro bom, companheiro ruim não. De tudo eu gostava. Quando era na ribeira, terra de Zé Romeiro, meu sogro, à noite, terça-feira, minha sogra, que era minha prima legítima, o pai dela irmão do meu pai, só que o pai dela era do primeiro casamento, o meu pai era do segundo casamento, nas terças feiras ela falava: – O José tem que fazer umas tapiocas. Todas as terças feiras, era fazer as tapiocas. De todo serviço eu fazia.

A casa na infância

A casa que eu morava com meu pai, era de taipa, aqui chamam barrote, era de barro, lá no Riacho Verde (fazenda do meu avô), aí Zé Romeiro disse: – Não, faz aqui, aqui tem terras, lá na Ribeira. Lá na terra do Zé Romeiro, na beira de um rio dos Bastião, tinha terra pra arroz e tudo, e terra boa, lagoa, e meu pai plantava arroz nas terras de Zé Romeiro, lá na Ribeira, duas léguas lá do Riacho Verde, porque lá nas terras dava de tudo, tinha um açude, tinha um engenho velho, meu pai reformava aquele engenho, todo ano fazia rapadura pra despesa. Não passamos necessidades lá no Ceará. Durante o meu tempo, a seca maior foi a seca de 1932, mas eu tinha quatro anos, lembro muito pouco dela. A comida sempre vinha, não sabia as dificuldades que era dos pais da gente, e graças a Deus, meu pai tinha uma vaquinha ou duas para tirar o leite para a gente, nunca faltou para a criançada. Era uma vida boa.

Memórias da ribeira e do riacho verde

Quando foi para mim casar lá no Riacho Verde, aí Zé Romeiro me falou, não, faz aqui teu pai planta arroz aqui para levar lá para o Riacho Verde e sempre nós

tínhamos aquela fartura. A boia de cada dia, graças a Deus, nunca faltou. Eu fiz a casa no terreno de Zé Romeiro, lá eu fiz de tijolo, de material. Fechar os olhos e enfrentar, ainda hoje acho que é, quando tinha um filho para poder casar, o pai chamava ele ou os irmãos que estivesse em casa e mandava fazer a casa para fulano que ele vai casar. Agora eu que era só, se tivesse feito lá no Riacho Verde, lá tinha meu pai, minha família, mas fui fazer casa lá na Ribeira, fiz sozinho. Um tio, irmão do Zé Romeiro, ele me ajudou cortar a madeira no mato, derrubar árvore, angico, e fazer aquelas madeiras roliças, as vigas. O resto foi sozinho. E pra ajudar a carregar no ombro foi três vezes, arrumavam os companheiros, lá na Ribeira a madeira para buscar era longe, nas terras de meu pai era mais perto. Com três vezes encostamos a madeira. Pra fazer a casa eu não sabia, empreitei, tinha um cara muito bom, empreitei a casa para ele levantar, chamava-se Antônio Targino, esse homem que fez a minha casa. Duas salas, dois quartos, cozinha, e uma área na frente, era uma casa grande, tinha dois companheiros, eles trabalhavam de carpinteiro, tiraram a madeira no serrote para fazer as portas, janelas, mesa, cadeira, tudo isso.

Depois apareceu um prédio para poder fazer pelo estado. Bem pertinho de casa, daqui até o asfalto (cerca de 300 metros) emendado de uma tia minha na Ribeira. Eu lanceava telha, o tempo é quem manda (risos). Eu mais um companheiro, chamava Joaquim Leandro, nós pegamos as telhas daquele colégio, fizemos quatro mil telhas, e o colégio ainda hoje está lá. Nas terras, bem vizinho de Zé Romeiro, o nome da escola era o nome do lugar, Timbaúba, era um lugar cheio de casas, cada propriedade tinha umas duas ou três casas. A escola que eu estudei, ficava mais perto do Riacho Verde, onde eu nasci e me criei, tinha um lugarzinho encostado que chamava Oiti, e tinha um homem lá naquele lugar, ficava légua e meia da casa do meu pai até lá. Esse homem lá do Oiti chamava-se Zeca Pedoca, ele arrumou a professora no Assaré na cidade, ele era muito amigo do meu pai, tinha outros vizinhos do meu pai também, ele falou: - Antonio Bernardo, arrumei uma professora e vai dar escola lá em casa, o Amado Caboclo que era casado com a sobrinha do meu pai, tinha um filho da minha idade chamava Francisco, e o Amado Caboclo vai mandar o Francisco também, estuda a semana, quando é sábado aí vem, ficava a semana todinha na casa do Zeca Pedoca, foi a escola que eu tive, quatro meses. A professora voltou para a cidade, que ela dava aula na cidade, aquilo ali foi uma folga que teve aquilo ali, o companheiro de meu pai levou pra lá. Ele tinha seis filhos em casa e a professora dava aula para os seis filhos e eu e o Francisco. A professora se chamava Helena Tajujá (risos). Aprendi a escrever meu

nome, ali era o dia todinho, não era como é hoje, a criança estuda duas ou três horas e não sei o quê e já vai para a casa, era o dia todo, parava para almoçar e depois estudar, estudar, até seis horas.

O Rio passava bem encostado, a gente tomava banho no rio. Esses quatro meses eu aprendi alguma coisa, pra mim foi mesmo de ter passado um ano, aprendi escrever meu nome, o cara quanto mais estuda pior ele escreve, você não vê o médico, aquilo ali, eu gostava muito de poesia. Meu pai quando ele ia ao Assaré, dia de segunda, meu pai quando achava um livro de poesia ele já comprava e levava para mim, meu pai sabia ler também, sabia até mais do que eu. Eu gostava muito da poesia, e aprendi, desarmeí bem, naquelas letras de imprensa, mas os livros de poesia, livros de versos. Onde eu morava lá era tranquilo, mas tinha uns lugares medonhos. Ali era uma fazenda que era do meu avô e tinha gente só de uma família. Serra de São Pedro, lá do Iguatu para baixo, era uns lugares de muita briga.

Memórias do Assaré: Patativa o poeta do Assaré

Do Patativa eu tenho um livro de quase trezentas páginas. Ele, Patativa, era parente da minha mãe, da família Gonçalo, Antônio Gonçalo da Silva, esse nome de Patativa ele arrumou em Belém do Pará, ele rapaz com 18 para 19 anos, tinha um tio em Belém do Pará, aí foi lá, na casa da irmã do Patativa, ele era escrivão de Belém do Pará, tio do Patativa, ele foi lá em Assaré fazer uma visita, e viu ele fazendo aquelas poesias, ele falou para o tio, chamava Joaquim: – Ôh tio Joaquim, pede a minha mãe para eu ir com o senhor, quero conhecer o Pará, e o senhor comprar uma viola para mim. A mãe dele não queria que ele seguisse a vida artística, porque eles eram uma família pobre, a mãe dele era viúva, ele era o segundo filho e o mais velho chamava Joaquim. A mãe dele dizia que ele tinha que ajudar o Joaquim na roça. Mas ele fazia poesias quando era São João, São Pedro, as fogueiras, ele ia lá e o povo. Ele tinha uma ideia. Lá no Pará, quando chegou lá o tio dele comprou uma viola e deu para ele, das pequenas violas. Patativa pegou a viola, fazia as poesias e acompanhava na viola, e ele era quase analfabeto, sabia ler e escrever o nome dele, mas tinha muita inteligência, o que manda muito nas pessoas é a inteligência. Ele fez folhetos, quando o tio dele levou na imprensa, fizeram aqueles versos para ele vender, e foi vendendo. Por causa daquilo ali, o escrivão de Belém não era parente, mas o tio dele trabalhava lá com ele, aí colocou o nome de Patativa que é uma avezinha cantadeira.

Ele trouxe aqueles folhetos assinados como Patativa do Assaré, ele foi na ilha de Marajó no Pará, lá ele fez muita história, que nunca tinha visto um homem a cavalo num boi, ali anda tudo junto nos rios, ainda hoje aquele lugar a água é o rio. Ele fez muita história lá. O primeiro livro que ele fez (mostra entusiasmado para mim) Inspiração Nordestina, cantos de Patativa, ele era bem novo, tinha seus trinta anos, em 1956. Meu pai, em 1958 ele veio aqui me visitar e trouxe o primeiro livro de Patativa do Assaré. Um prefeito de lá do Araripe, ele falando que tinha muita poesia que ele ia levar na imprensa, o prefeito arrumou o dinheiro pra ele, ele relatou tudo no livro, ele dedicava a roça, morava na serra Grande, divisa do Ceará e Pernambuco, Serra de Santana tá no município de Assaré, onde o pai de Patativa do Assaré, tem um filho dele que mora lá. Conheci os filhos dele.

O retorno ao Ceará

O ponto dos repentistas era aqui (risos)... alguns dos que vinham aqui já morreram, eram lá do Juazeiro do Padre Cícero, conheci o Silvio Granjeiro aqui em Vicentina, mas eu já conhecia livro dele, folhetos. Depois ele veio, através dele, quando ele veio o ponto deles era aqui. Saía com eles São José, eu ia mais eles, mais ou menos na década de 1990, uns trinta anos atrás, ele passou a ser muito conhecido da gente, toda vez que eu vinha lá do Ceará, eu tinha que ir na casa dele no Juazeiro, a última viagem que eu fui no Ceará foi em 2011.

Fui várias vezes lá no Ceará. Só tem eu vivo dos irmãos, estou esperando o meu dia, acho que não vai demorar muito não (risos). Eu ia direto pro Assaré, pegava o ônibus aqui, quando eu chegava lá no Assaré, aí eu ligava para ele – Ôh Silvio, estou aqui! – Oh José, beleza. Ele era meio gago, mas o bicho era repentista bom. Derradeira vez que eu fui na casa dele, fui mais a Totonha, ser padrinho de casamento de um sobrinho no Ceará, um sobrinho que morava em Nova Andradina, dessa vez o casamento demorou lá, ficamos mais de dois meses lá (risos)... Uma festa grande, dois dias de festa, mataram boi, era o esporte que eu gostava, o forró! Eu não fui de jogo, gostava de forró, gostava de dançar.

Em 1996 ficamos quatro dias na casa do Granjeiro no Juazeiro, eu conhecia o Juazeiro, mas nunca tinha ido na estátua do Padre Cícero, acho que é 26 ou 27 metros de altura, em cima do morro. O Granjeiro levou nós lá. Tem uma foto minha, Totonha e da Jéssica, neta nossa que está em Portugal, e também do Granjeiro. Agora aquilo ali é

preciso fé, isso é todos nós, tem fé, através da sua fé você consegue alguma coisa, porque você não vai trocar a sua fé por qualquer coisa. Uma das histórias que na bíblia está escrito, Cristo falava: – A tua fé te curou. Lá no Juazeiro aquele morro era numa altura.

O Seu Agenor, um dia eu ia para o Ceará e ele falou: o José, que dia você vai para o Ceará? – Eu vou pensar. Aí eu disse: – O que você vai ver lá, você não tem parente. – Tenho não, mas quero que me leve em dois lugares. Eu quero ver a estátua do Padre Cícero de pertinho, e o açude Orós – o açude do Assaré até lá dá uns trezentos quilômetros. Ele veio pelo Piauí, que tinha um cunhado dele lá, e veio para cá.

Memórias do amigo padre Daniel e do início da formação da sociedade vicentinense

Eu vim para cá através do Padre Daniel. Tinha índio do outro lado do rio, onde hoje é a aldeia. Encontrei muito cearense por aqui. Na minha vida o Padre Daniel, eu tinha ele, não como um pai, mas tinha ele como um grande educador da família, eu vim aqui e encontrei ele em Vila Rica, celebrando uma missa na capelinha lá.

Conheci ele lá na Colônia, quando eu cheguei em 1954 ele estava lá, fazendo missões. Morava em Amambai, numa capela. Ele veio em 1953 e voltou em 1954. Ele queria fazer uma igreja junto com o nordestino e o bugre. O diretor dele deu uma passagem para Padre Daniel e Padre Luiz. Naquele tempo, o bispo que dominava tudo isso aqui era de Cuiabá, Dourados não tinha bispo, vou dar uma passagem para vocês para Toledo/PR, lá o bispo dá uma passagem para Cuiabá. Ele veio, quando chegou em Campo Grande encontrou o bispo, estava lá em Campo Grande, o bispo tinha que autorizar. O bispo falou: - Quer enfrentar lá? Ele disse: - Quero. O meu destino é esse, fazer uma igreja dentro do mato, onde está o nordestino enfrentando e o bugre. Naquele tinha muito índio na região de Dourados, pra cá era um ou outro, mas lá não, lá era a área deles, era ali em Itaporã, deram umas terras boas danadas, mas é uns índios muito vagabundos, não trabalha, é uma terra boa.

Eu morei dois anos lá perto, os índios catando lixo dentro de Dourados para comer, numa terra daquelas que eles tinham para comer, ainda hoje tem, mas não trabalha. Ensinar, porque o índio, ele é uma classe inteligente, mas precisa de alguém para ensinar, porque se deixar por conta dele, ele não trabalha não, fica passando fome.

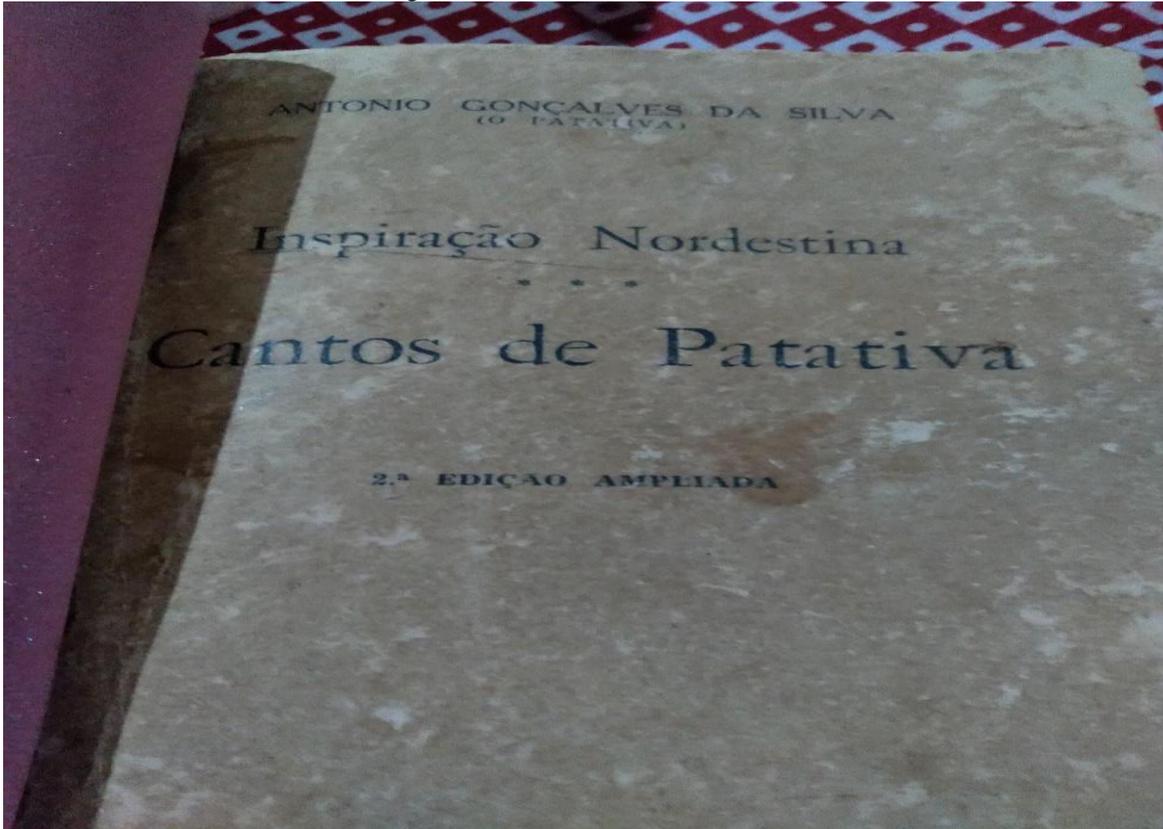
O bispo foi e falou para ele tem cinco cidades precisando de padre: Três Lagoas, Campo Grande, Coxim, Dourados e Amambai, e é tudo longe. Só na Colônia Federal é 460.000 hectares, o bispo falou para ele eu acho que o melhor é Dourados. Deram uma ideia de ir para Glória de Dourados e Vila Rica, porque tinha terra desocupada para formar cidades. Mas estrada não tinha, ele acabou ficando aqui na Sub Sede.

Ali já tinham feito um barracão aqui na colônia, ali na esquina onde hoje está o posto de gasolina. Fizeram o barracão lá, um deputado chamado Monteiro de Cuiabá, autorizou para ele ficar, por isso que chamava Sub Sede por causa do barraco. Ali tinha deixado uma área também para fazer uma escola. O espaço era vinte de frente por cinquenta de fundos. Quando ele chegou em 1954 ele ficou lá. Ali era um lote de um Pernambucano chamado Furtuoso, morava na quarta linha. O Furtuoso vendeu para os paulistas cara muito ruim, tem pessoa meu amigo, que ele acha que o sol só nasceu para ele, não! O sol nasceu para todos. Ele comprou e o Monteiro que era deputado colocou o Padre ali, e eles viviam correndo com o Padre, não queriam que o Padre ficasse ali. Tinha um que tinha um bolicho que chamava Hélio Paulista, mercadoria você nem enxergava, só era poeira, cara vagabundo, não zelava, era um poeirão. Ninguém quase comprava nele, comprava sempre no velho Antônio Piauí, que estava do lado de cá, tinha um filho do velho Jubelino, o Zé que estava na outra esquina, zelava mais um pouco das mercadorias, e esses paulistas tinha o Hélio, Murilo, Luiz (caçula) e tinha uma irmã que depois casou um tal de Paraíba, que foi delegado naquele tempo (risos)...

Um dia o Padre Daniel estava carpindo ao redor da escola, o Luiz pegou uma foice, queria matar o Padre, e ele carpindo o padre, Luiz pegou a foice e colocou no ombro, o velho Osvaldo pai de José Alves ali do Barreirão, o velho Osvaldo estava lá no Antônio Piauí viu ele com a foice nas costas em busca do Padre Daniel, o velho Osvaldo muito experiente, eu estava do lado de cá, onde é o Expedito Marcelino, o velho Osvaldo já saiu antes de chegar onde o Padre estava carpindo, o velho Osvaldo chegou por detrás dele, meteu joelho nas costas dele, quebrou ele, tomou a foice e disse: Tu quer matar o Padre! (risos). Tem pessoas que conforme o jeito deles ninguém gosta, né.

Nas imagens abaixo, os vários livros que o senhor José possui do poeta Patativa do Assaré, durante as entrevistas e após as entrevistas também, ele sempre declamava versos do poeta cearense.

Imagem 6 - Livro 1 Patativa do Assaré



Fotografia: Douglas Martins. Data 21/05/2022.

Imagem 7 - Livro 2 Patativa do Assaré



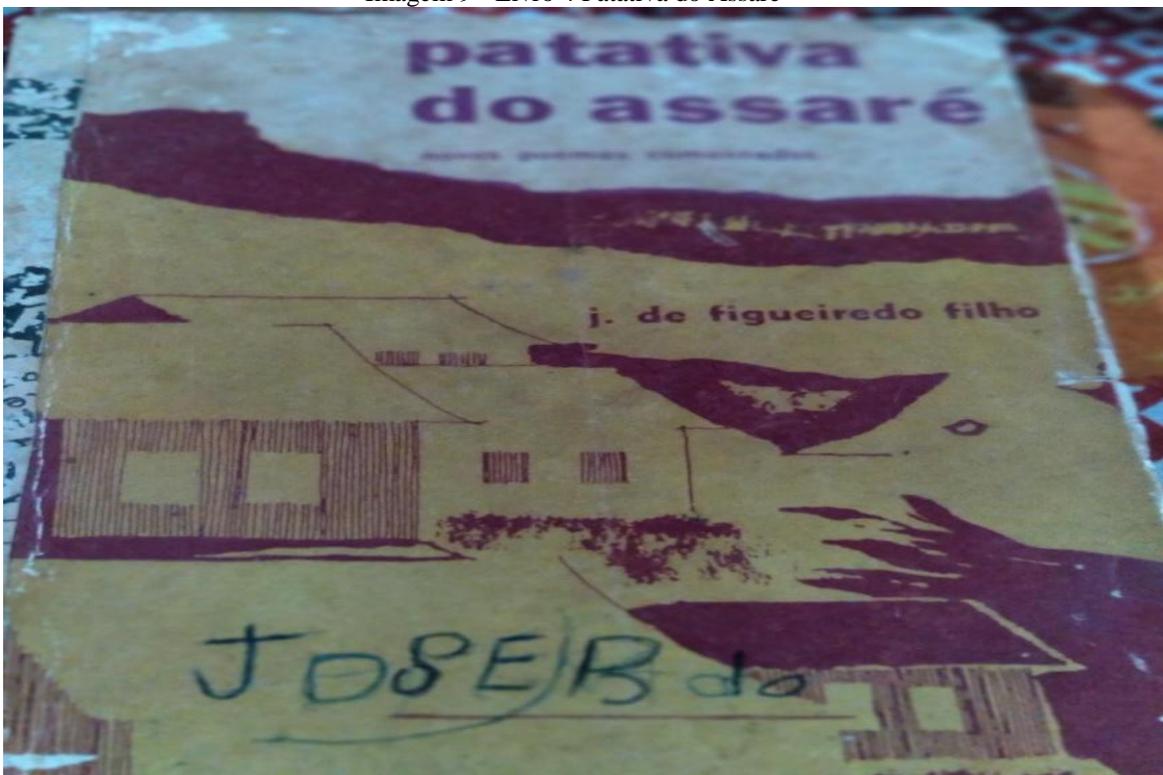
Fotografia: Douglas Martins. Data 21/05/2022.

Imagem 8 - Livro 3 Patativa do Assaré



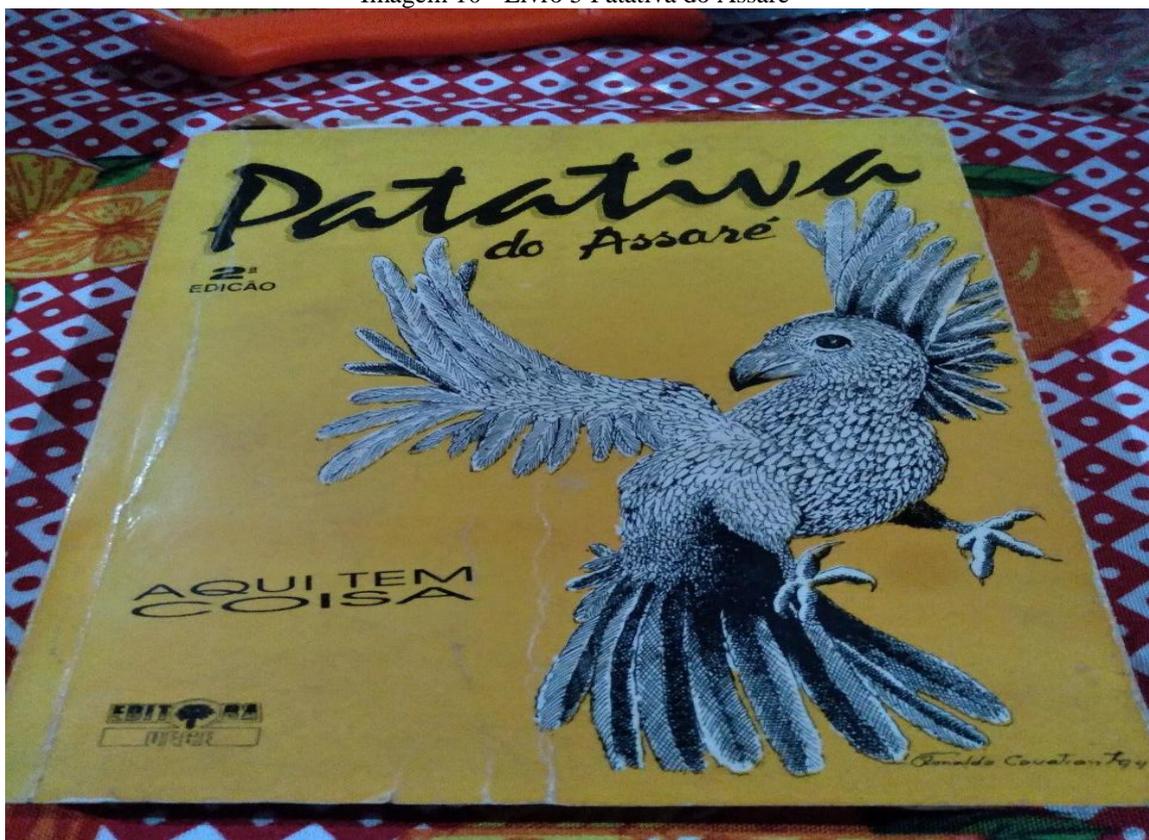
Fotografia: Douglas Martins. Data 21/05/2022.

Imagem 9 - Livro 4 Patativa do Assaré



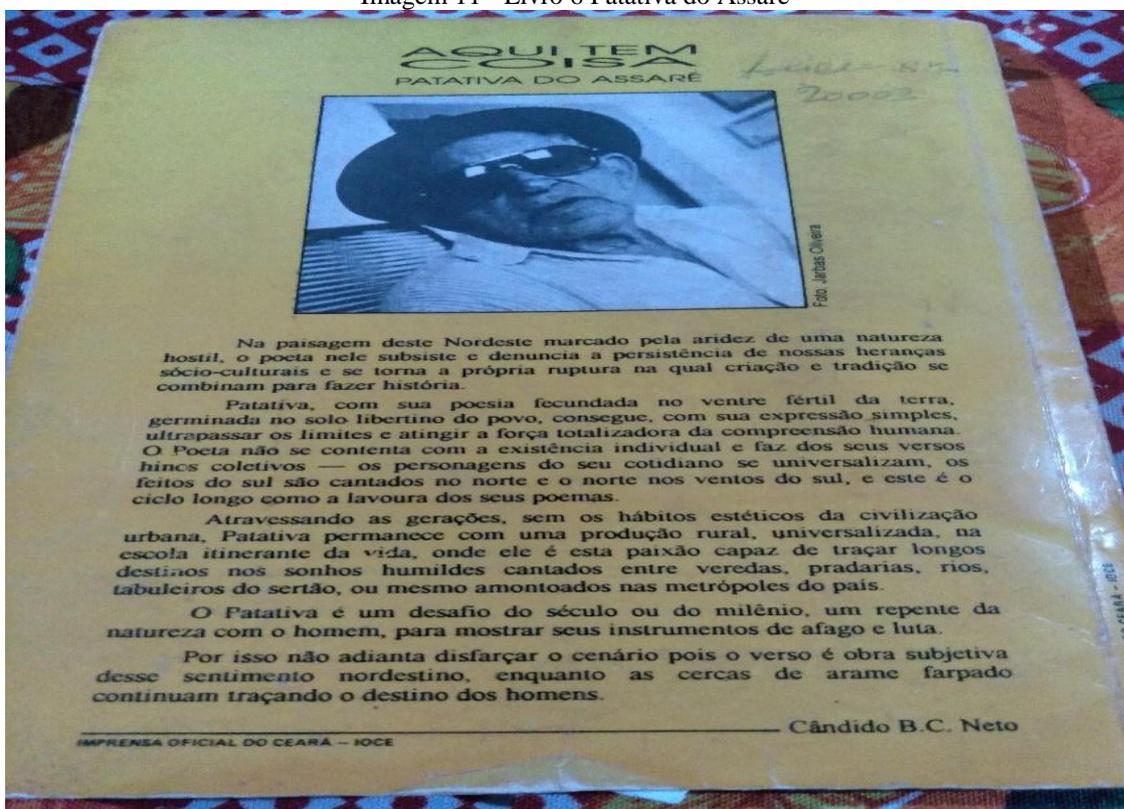
Fotografia: Douglas Martins. Data 21/05/2022.

Imagem 10 - Livro 5 Patativa do Assaré



Fotografia: Douglas Martins. Data 21/05/2022

Imagem 11 - Livro 6 Patativa do Assaré



Fotografia: Douglas Martins. Data 21/05/2022.

Imagem 12 - Livro 7 Patativa do Assaré

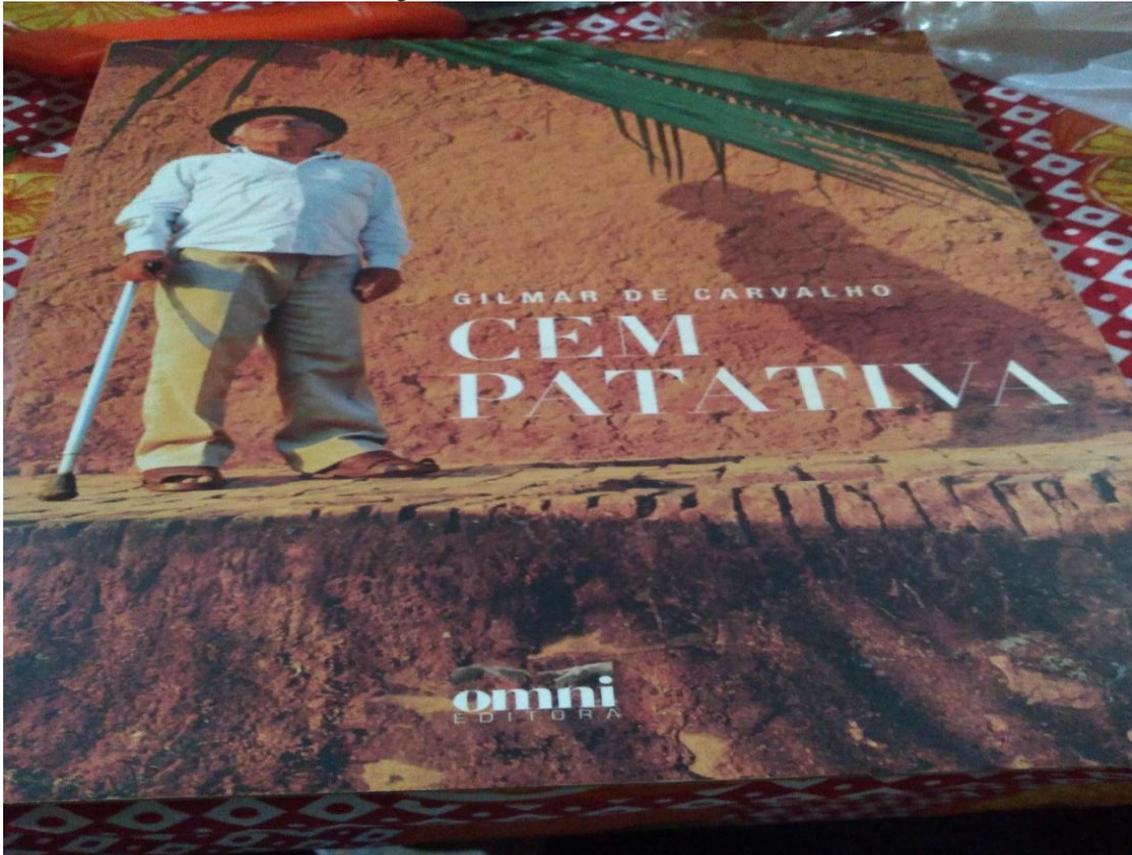


Foto: Douglas Martins. Data 21/05/2022.

2.2 Rede 02

2.2.1 Otacílio Dutra Duarte

No Nordeste eu nunca passei fome, passei dificuldades, mas fome nunca.

Seu Otacílio Dutra Duarte, de uma família grande, com muitos filhos, netos, sobrinhos, figura conhecida no município de Vicentina. Realizei duas entrevistas com ele. A primeira na data de 29/05/2022, domingo, na parte da manhã, um dia quente, compareci à casa do senhor Otacílio, havia falado dias antes com um de seus netos, que é conhecido da nossa família, chamado Dian, e ele conversou com seu avô sobre a possibilidade de participar do projeto. Dian me retornou e disse que no domingo poderia ir até a casa do seu avô. Na referida data compareci ao local, na residência localizada na Rua Getúlio Vargas, município de Vicentina, me desloquei com a minha motocicleta, chegando era cerca de 09:00 horas da manhã, ele já estava esperando sentado em um banco de madeira na sua residência. Um local com um grande pé de manga, que dá uma sombra muito boa. Me apresentei, falei sobre o projeto e então iniciamos a entrevista. Ele estava vestindo uma calça social, camiseta e calçava um chinelo. Sentamos cada um em uma ponta do banco de madeira e então iniciamos o diálogo que durou mais de uma hora.

Após a entrevista conversamos mais um pouco, entrei em sua residência, para conversar com sua esposa, que estava adoentada e acamada, ele me mostrou sua horta, que ele cultivava com bastante dedicação, e me prometeu um colhido de feijão andu, pois, eu havia relatado que era uma das comidas do Nordeste que eu mais gostava. Após alguns minutos conversando, retornei para a minha residência.

A segunda entrevista foi realizada no sábado, dia 04/06/2022, fazia bastante frio, me desloquei até a residência do senhor Otacílio com meu automóvel, chegando lá encontrei ele chegando da rua, havia ido no mercado. Entramos para o terreno, sentamos no banco de madeira e ele continuou contando sua história, por mais de 40 minutos. Após a entrevista, tomamos uma tubaína e fomos catar o feijão andu, que ele doou para o oralista.

A viagem: dez dias em um pau de arara

Vimos de pau de arara, levou 10 dias de viagem, minha mãe, veio uma turma, trouxe mais seis rapazes, que era conhecido nosso e queria vir. Arranjei uma lata, trouxe um balde, toda para meio dia. Mãe fazia comida para essa turma de gente. Vimos em pau de arara, umas quinze pessoas, vinha lotado o pau de arara, bancada de um lado e outro, de primeiro tinha muito pau de arara que trazia nordestino para aqui. Saímos de Exu/PE, onde fui nascido e criado, Exu lugar de Gonzaga, divisa com o Ceará, a Serra de Araripe que chama, tem uma baixa que chama a baixa grande, quando entra naquele baixo e começa a subir já é o Ceará, aí já está bem perto. O Exu ficou para trás, são sete léguas, cada légua são seis quilômetros, morávamos na divisa na Serra do Araripe.

Lá eu plantava mandioca, tinha os donos das terras eram os fazendeiros, tinha de um lado e do outro que era onde nós morávamos. Pedro Tavares era um fazendeiro. Do outro lado chamava Antônio de Moura, que era primo legítimo de Assizinho. Juninho, era fazendeiro do outro lado, a mulher do Antônio de Moura era minha prima legítima. Eles eram donos de muito gado, muita terra, muita coisa, nós morávamos no meio ali. Nós plantávamos roça, só trabalhava para eles, mas era tudo pago, graças a Deus. Todo fim de semana eles pagavam.

Infância no nordeste

Fomos em catorze irmãos, criamos tudinho em cima da Serra do Araripe, tinha feira no sábado, na segunda-feira era no Crato. Fazíamos feira num canto e outro, toda a vida morávamos mais o Pedro Tavares, morava na terra dele, não pagava nada, eles davam leite para a gente, não comprava leite para criar filho nem nada. De manhã nos canecos eles enchiam de leite para a criançada, não vendiam nada para nós. Tudo era assim. Era bom os patrões do outro tempo, a gente trabalha para eles, pagavam tudo direitinho. Fui ver trabalho escravo aqui, lá não existia isso. Só aqueles que vinham de outro mundo, com correntes, a gente via pela televisão. Minha vida é tão engraçada, tão comprida que dá um livro tão grande.

A crise de 1932

Primeiro eu vim, com sete anos comecei a trabalhar com gado, meu irmão mais velho era um vaqueiro. Eu nasci em 1928, 22 de maio. Em 1932 eu ainda me lembro. Lembro-me da crise de 1932, foi uma crise, fome lá no Nordeste. Lembro-me do tempo

que teve guerra em Juazeiro e o povo passava aqueles cangaceiros e nós tudo correndo se escondendo, tudo criança assim. Lembrança muito velha, meu avô, pai de minha mãe, era bem de idade. Vamos para o mato caçar bringelo, alguma coisa para comer, arará, naquelas roças que já tínhamos colhido, as vezes ficou um pezinho de mandioca, tinha raiz, arrancava e colocava no saquinho.

O meu pai morreu em 1942, morreu com 42 anos, no dia que completou 42 anos ele morreu. No Nordeste meu pai tinha um problema que não tinha doutor. O nosso patrão chamava Pedro Tavares, ele era muito inteligente, ele fazia remédio, fazia garrafada, ele ficava dois, três dias privado de tudo, e era um sofrimento danado, para encurtar a história, com 42 anos ele morreu.

A vinda para São Paulo

Tinha vindo um irmão meu mais novo já para São Paulo, o pessoal cunhado do nosso patrão veio para São Paulo, já lá para 1942. Meu irmão, o mais velho trabalhava na fazenda. Mais velho dos 14 irmãos, e os outros eram metade mulher e metade homem. Uns já tinham casado. Me parece que tinham mais uns seis mais nós, um era o pai do Assis, logo casou-se. Vim em 1942, meu irmão estava em Luziânia/SP, os patrões dele trouxeram ele, era de uma família rica aí vieram e ficaram. Era da família Saraiva, que brigava naquelas brigas do Nordeste, não sei se você já ouviu falar, chamava briga com os Alencar, meu irmão ficou 2 anos, e meu pai morreu, o pai de Assis era mais velho do que eu, morreu em São Paulo por algumas complicações de saúde.

Fomos no cara do Crato, o cara chegou caçando passageiro para encher o caminhão, era de Exu, era conhecido, ele carregava gente, caminhão bonito novinho, todo amarelo, a buzina cantava moda: Acorda Maria Bonita, a moda de Lampião, cantava na estrada que alegrava nós. Uns chorando no caminhão e ele começava a cantar, a buzina tocando. Naquilo nós ficávamos mais alegres com aquilo.

Quando ele completou a carrada, parece que ele colocava 40 passageiros, mais ou menos assim, não estou bem lembrado o tanto, só sei que lotava, os bancos de madeira, aquelas bancadas bem-feitinha, cobria com uma lonona verde, colocavam um papelzão na lona. Era dez pessoas que cabia na bancada, por aí assim.

Foi boa, mas ruim porque custou muito, ninguém andava de noite, escurecia já encostava. Nas estradas tinham aqueles barracões grande, coberto de palha, tinha canto

que tinha dois ou três caminhões de embarque. Chegava, nós trazíamos rede, armava rede, amarrava nos paus assim, tinha pé de árvore, pomar de laranja, quando era quase de manhã, fazia café. O cara dormia dentro do caminhão, o cara chegava, alertava nós, o cara tomava mais nós, quando era meio-dia parava para pôr o caminhão debaixo. Na Bahia rapaz, tempo de embu, os pés eram amarelos embaixo de embu, paravam naqueles barracões, mãe ia fazer a comida e nós íamos para os pés de embu, ficava amarelo. Toda parada era assim, fazia almoço, a gente comprava um bode seco, dessa altura, salgava ele, charqueava todinho. Na estrada tinha. Fazia um espetão, numa varona bem grande. Mãe fazia o almoço, era só arroz, feijão não tinha, até o motorista comia mais nós, com 10 dez dias chegamos lá em São Paulo capital.

Memórias da vida no interior de São Paulo

Ficamos ali, pegamos o trem para ir até Penápolis, chegamos em Penápolis, viemos uns sete irmãos e minha mãe, só veio de homem eu e outro que morreu em Ivinhema, meu irmão mais velho morreu ano passado com cem anos, vaqueiro da fazenda, morava lá no Exu ainda. Quando cheguei solteiro, fui trabalhar, em fazenda, cafezal, fiquei em São Paulo em Luziânia, trabalhamos lá, deram quatro alqueires para nós colher de ameia, tudo carregado, Mineirão rico, um mundo de terra e boi, boi branco era num canto, boi vermelho era no outro, era assim, nós ficamos ali, mas não me acostumava, por causa da minha futura esposa. Começamos a namorar ela tinha nove anos e eu tinha uns 15 pra 16 anos, morava pertinho lá, nasceu lá em Barbalha.

Vim de pau de arara e deixei ela lá novinha, namoro de criança. Perdia sono, o meu irmão mais velho tinha vez que queria dar uma surra em mim, porque eu só falava nela, e ele namorava também uma irmã dela quando ele veio embora, brigava comigo, perdia o sono, não queria comer. Tocamos uma roça, um ano e seis meses, eu fiquei naquela vida, arranjam uma noiva para mim, até que um irmão dela casou com uma irmã minha, nós íamos para os filmes, era uma baiana bonita, toda ora que olhava para ela só via essa guria (esposa). Meu Deus o que é isso.

Trabalhava e não gastava nada, todo dinheiro era só escondendo, guardando e planejando ir embora, vou fugir. Nesse tempo não precisa de documentos e etc. Já tinha um monte de dinheiro, era um monte de dinheiro, fui ajuntando e ajuntando, tocamos um alqueire de arroz numa matona que nós derrubamos do fazendeiro, ele deu para nós trabalhar de graça, plantar de graça, não pagava nada de renda, nós em três irmãos, o

que morreu em Ivinhema o outro morreu em São Paulo e eu, tocamos essa terra e o cafezal, tiramos bastante arroz, o café colhemos 42 sacos, o arroz deu bastante também, era de ameia, mas o meu irmão mais velho era muito sabido, enrolava nós (risos). Plantamos algodão dentro da roça também, dentro do cafezal foi arroz, o algodão a primeira carrada ele levou. A carrada era em carro de boi, o sogro da minha irmã, ele tinha um carro de boi, lotava de fardo de algodão e o boi saia puxando aqueles fardos, tinha carro de boi para danar. Na outra colheita, descarregamos a carga de algodão, era um italianao, bicho vermelho, meu irmão disse que era para dividir para três, o cara fez e deu minha parte, três vezes eu levei e juntei no bolso, o arroz ficava para lá, quando acabou a colheita, disse que ia embora, acharam que eu estava doido, disse que eu ia casar. Eu também trabalhava para um rapaz fazendo cerca.

Retorno para o Nordeste

Passei um ano e seis meses e retornei. Eu ia para as festas cinema e etc, mas não tinha alegria com nada, sábado e domingo, aquelas mesas de cerveja dos parentes, eles naquela alegria, mas eu não tinha alegria, ia era ficar doido. Quando foi perto do São João, no mês de junho, fui e falei para o meu irmão que eu iria embora, ele disse: – Está bom. Ele disse: – Nicenha vai com a família passear, passar o São João lá com a família. Fui lá e falei com ele, ele morava encostado numas fazendas, uns sítios cheios de café, lugar chamado Marimbu. – Vamos mais eu, eu acho é bom – disse ele. Ele tinha um menino chamado Tuca, perigoso e outro menor. Ele disse: – Pago tua passagem até lá. Nós vamos é tal dia vai ser logo.

Fiz o saco de dinheiro, do jeito que eu levei ele, eu cheguei lá, não gastei um tostão. Me deu de comer até lá, fomos de trem de Penápolis até São Paulo e da capital para o Nordeste fomos de ônibus. No outro dia já estávamos lá, quando cheguei foi uma festa, o pai dela fez para mim. Um rapazinho novinho, cheguei lá com aquele saco de dinheiro, mas ele não viu o dinheiro não, que eu não mostrei (risos). Quando cheguei lá fui para casa de um padrinho meu, esse outro fazendeiro tinha muita terra também, no sertão e na serra. Já fiquei em outro canto, na mesma serra, mas em outra fazenda, fiquei com um velho bom, que nem um pai. Ele tinha umas moças bonitas, mas minha futura esposa já tinha ciúme.

Fiquei seis lá mais eles, mas namorando com Raimunda, fiz uma roça com o dinheiro que levei, o meu padrinho, já me deu um lugar para colocar a roça, tirou duas

tarefas para mim. O pai dela gostava de fazer festas, quando foi no meio do caminho a velha caiu fora, minha sogra não queria que ela casasse comigo, ela disse sua mãe estava zangada, que iria me dar uma surra.

Eu disse a ela: – Se ela der, então vamos fugir. Ela respondeu: – Deus me livre! O que eu vou fazer no mundo mais tu? Cê é doido! Deixa o mundo rolar.

Não foi nem um ano, eu vi que estava ruim, então eu parti para a ignorância. Fui trabalhar fora, larguei ali tudo pertinho, fui trabalhar numa fazenda longe, numa farinha, era seis meses de farinha, era na cidade de Serra Branca, quase no Piauí, eles tinham caminhão iam e voltavam todos os dias, fazia de tudo lá, trabalhando e juntando o dinheiro ainda, aqueles que eu levei ainda tinha um pouquinho. Fui juntando dinheiro, trabalhando e juntando dinheiro, e nós namorando, quando foi um dia, ia ter uma missa pertinho, os padres gostavam de rezar missas lá em cima da serra. O caminhão quando era no sábado, saía de lá seis horas, bem tardezinha, chegava oito horas da noite.

Para a gente se ver, era na casa vizinha. Quando passou um ano, nós naquela coisa ruim, tudo era uma beleza, o pai dizia: – Isabel até tem razão, você não tem uma casa, largou sua mãe e seus irmãos lá em São Paulo, você vai viver de que, casar e vai viver de que? – Garanto que à custa da senhora que não é.

Eu vi que não tinha jeito, voltei para trabalhar, cheguei lá o fazendeiro, o ricão disse, meu irmão estava lá também, o Vicente o pai de Assizinho (ele conhece demais o lugar), o Chico Bezerra que era dono da fazenda ouviu a história e perguntou: – Você tem vontade de casar com essa menina ou não? – Tenho, ela é minha vida. Então vou fazer uma casinha bem boa para vocês. Você casa e carrega ela para cá.

Ficamos trabalhando lá na Serra Branca, longe uns centos e poucos quilômetros, eles tinham dois armazéns no Crato. No sábado à noite eu vinha para a casa do meu padrinho, nós namorávamos escondido, até que um dia, combinei com ela, se ela queria casar. Vinha da Serra Branca, comprando coisa, eu ficava no Crato, no outro dia ela ia para a cidade, ela tinha a tia lá, no outro dia a gente se encontrava lá e ia fazer compras, ela ia de caminhão.

Deixava guardado na casa de uma prima legítima as coisas, o velho tinha uma olaria, um depósito que eu guardava as coisas. Compramos mesa, só não compramos cama. Comprava no Crato e lá mesmo ficava guardado.

O casório escondido

Quando foi no dia da missa, ela escreveu uma carta e mandou no caminhão do velho. Era Chagas Bezerra o nome do velho, tinha até uma empresa de ônibus no nome dele, tudo era essa empresa. Ela disse: – Tal dia tem o São Gonçalo, no outro dia tem a missa lá no Manoel Vitório.

Fiquei escondido, sem a velha saber, a velha tinha o São Gonçalo, ela soube que eu estava lá. Raimundinha não vai para o São Gonçalo não, que Otacílio está lá. Eles foram para São Gonçalo e eu fui para missa. Raimundinha também foi, tinha comprado roupa, estava tudo no jeito, ela chegou lá, uma senhora que criou ela, tia dela, e tinha um moreno que estava lá, ele era doido por ela, quando viu nós casando, ele endoidou lá, partiu pegou a bicicleta e sumiu no mundo chorando (risos). Casamos escondidos. O padre pegou o jipe e foi lá, ele conhecia meu sogro, conhecia todo mundo, ele falou para o meu sogro que ele tinha feito o meu casamento, o velho disse: – Tenho ele como meu filho, Isabel que não gostava dele, mas eu não. Meu sogro era Manoel Coco, conhecido por esse apelido.

Chegamos de noite, o padrinho veio comigo, ela com uma roupa muito bonita, casamos em 1957 no dia 11 de setembro. Quando casamos ficamos na Serra Branca, meu sogro foi três vezes me buscar. Quando voltei, a mãe dela não queria abençoar ela, o velho a chamou de besta, tem três para fazer o mesmo, só uma que não foi, o rapaz era de fora, veio embora com pouco tempo para Cuiabá. Ele muito sabido, na hora de receber a batina para ser padre, se arrependeu, ele era do Piauí, chegou lá chamava ele de Zé do Bispo. Ele gostava de fazer festa, fazer churrasquinho, fazer buchada, trazia aquele jipe, vinha cheio de gente. Chegou aquele rapaz grande, branco, viu a mais novinha, bonitinha, agradou-se dela, começaram a namorar, o velho se deu bem com ele, casaram foi logo.

Na Serra Branca fiquei mais ou menos um ano, voltamos para a Serra do Araripe, município de Exu. O velho meu sogro tinha comprado telha, aí eu cheguei, comprei madeira. Lá fazia as casas era de barro, segura que ninguém entrava dentro. Trabalhei muito por lá. Já tinha quatro filhos, saí da Serra, não quis mais ficar na Serra por causa de uma besteira, de uma ignorância, tinha umas roças de mandioca. Eu estava para um lado, meu sogro para outro lado, ele tinha porco, os porcos estavam vindo comer minha roça, eu não sabia de quem era, aí eu falei e eu ia dar um tiro em alguém, o velho sabia que a porca era dele, um dia o velho disse: – Você tem com o que pagar aquela porca? Eu disse: – Ah ela é do senhor? Desculpa, eu não sabia que era sua.

A ida para Crato/CE

Fiquei com aquela coisa ruim, saí dali na hora, fui para o Crato, chegando lá já comprei uma casa, não avisei nem para a mulher, eu já tinha quatro filhos nesse tempo, mais ou menos em 1960. Fui para o Crato, era dentro da cidade. Muito bom o lugar, eu tinha um dinheirinho, casa de barro (risos), casinha pequena, terreno pequeno, o banheiro, o cara fez numa grota que se caísse lá embaixo não sobrava nada, o cara fez uns degraus, entrava naquele degrau e ia fazer coco lá embaixo, tinha uns arames para a gente segurar, agora para baixo era um abismo.

Comprei uma banca na feira, vendia açúcar, café, tudinho. O povo que ia da serra onde eu morava, tudo ia para lá, eu comprava saco de açúcar, feijão, café cru, tinha armazém que vendia fiado, quando não tinha dinheiro, eu comprava para revender, estava bem de vida, fui trabalhando naquilo. Quando foi com uns tempinhos, rapaz, o povo começou a quebrar, a riqueza da serra era a farinha, mas com o tempo começaram a não me pagar, quando dei fé daquilo, aí parei de vender fiado.

Quando vi que não dava mais futuro na feira, chamei a minha esposa para ir embora para São Paulo. Ela disse que não iria deixar os pais, eu lhe disse que eles eram bem de vida e que nós iríamos para São Paulo, mas ela dizia que eu queria ir para onde estava minha mãe, para ela deixar a dela (risos).

Com isso me danei a vender as coisas, tinha gado, tinha uma tungada, tinha 8 cabeças de gado, tinha bastante criação. Meu sogro ia para o Crato passava dois ou três dias, gostava de jogar, ele era meio farrista, ficava lá no Crato. Disse a ele que eu ia embora, comecei a vender as coisas, não vendi a casa, deixei para ele, ainda hoje está lá, depois eles venderam, acabaram tudo. Eu tinha outra casa, que eu comprei na beira da estrada, tinha doze cômodos, era um hotelzinho na beira da estrada, eu comprei sem precisar e dei para uma pessoa ficar sendo dono, larguei lá, deixei para uma pessoa chamada Elói.

O retorno para São Paulo e a mala perdida

Marquei a viagem, saímos do Crato, viemos para São Paulo novamente, eu já tinha quatro filhos, vim quando estava fazendo Brasília. Um colega meu com dois filhos, trabalhava em Brasília, foi buscar a família, ele veio e colocou as malas tudo

junto, eu comprei uma malona desse tamanho. Vimos de ônibus, ele tinha uma mala de coisas de pedreiro, serrote, prumo, e a minha com 36 quilos, uma grandona (desse tamanho), era cheia, trazia cinco redes, cheias, pesadas, e a outra só roupas boas, que nós gostávamos de luxar, um par de aliança, um relógio dela puro ouro, coisa linda, um anelão de ouro, na mala pequena com as roupas. Viajamos o dia todinho, quando entramos no estado de Minas no outro dia, de noite, ele disse que ficaria por ali, que no outro dia iria para Brasília. Era meia noite, ele parou foi tirar as malas, num posto de gasolina, ele despedindo e eu não olhei as malas, viajamos o resto da noite e o dia, no outro dia quando chegamos na rodoviária no Brás, só tirando coisa, e eu esperando lá, tirou uma malona grande e uma pequena desse tamanho, mas não era a minha e eu fiquei esperando, pensei que a minha ia vir, mas a minha, o cara tinha ido embora com ela. O cara tirou, pegou e veio embora. Todo mundo pegando a mala e indo embora e eu esperando. E eu disse: – Ei, cadê minha mala? Falta uma mala minha aqui. O rapaz falou: – Não, não tem mais mala no ônibus não. Tinha uma mala, mas não era a minha não. Tirei o papel e mostrei, ele olhou e disse: – Não é mesmo não. O cara tinha tirado a minha de madrugada, no outro dia de tarde, estava era em Brasília já. A sorte é que o dinheiro vinha no bolso.

Vimos, ficamos só com a roupa do corpo. Vimos para Luziânia, quando chegou minha mãe já não estava mais, meus irmãos tinham tirado terra aqui. Esse irmão meu que trouxe nós para São Paulo a primeira vez que eu vim, já estava aqui, fiquei lá em São Paulo. Liguei na rodoviária de Brasília, para ver sobre a mala, combinei com o rapaz da rodoviária para voltar tal dia, deixei a família em Luziânia na casa de minha irmã, aí voltei fiquei dez dias eu lá em São Paulo. Um dia dois senhores cochichando e um vendendo jogo do bicho e ele me chamou: – Oh moço, venha cá! A sorte que eu tinha parente lá na capital, perguntou se eu tinha algum caso resolvendo na rodoviária e ele me disse: – Vou te dar um conselho, vá se embora, que ouvi um cochicho aí que é pistoleiro. O cara me deu uns três cartões. Fiquei por lá, fiquei com medo, quem não tem medo de morrer, né. Peguei a sacola, fui na casa de um primo legítimo, e ele me disse para ir embora também. Voltei embora, peguei o trem e sumi, cheguei em São Paulo, peguei a família e joguei no trem, vimos bater em Campo Grande, e vimos para cá.

A vinda para o Mato Grosso e a doença de sua filha

Chegando em Campo Grande peguei o ônibus e viemos para Glória de Dourados, de Glória pegamos uma camionete velha e fomos para Guassulândia. Aí fui trabalhar. Trouxe quatro filhos dessa viagem, aí nasceu Miriam, aí minha velha ficou muito doente, trazia para os doutores. O doutor em Dourados disse que o sangue dela havia acabado. Na época nós plantávamos amendoim, tinha 42 sacos de amendoim, tinha duas pias de arroz, chiqueiro cheio de porco e muitas galinhas. Na época tinha as jardineiras, a gente descia e ia de a pé para Guassulândia, eu cheguei, ela estava chorando, eu disse que iríamos embora, vi João Lopes, que era corretor de um velho rico de Glória. Vendi os arrozes e os amendoins, os porcos, ele só não queria a bicicleta, nem as éguas. Com seis dias eu tinha vendido tudo e desocupado. O que vendi por último foi a égua, vendi fiado para o cara pagar a minha mãe. Eu fui me embora, em 1980 quando eu vim, eu já vim do Maranhão. Eu vou encurtar a história. Fui embora com ela doente, assim que chegou no Ceará sarou, acabou a doença. Passei aqui uns seis anos, voltei para Crato, fiquei na Serra, lá no Exu/PE.

Depois eu fui embora para o Maranhão, já tinha uns primos lá, vendi as coisas e fui para o Maranhão plantar arroz. Cada uma roça que colhia cem sacos de arroz, lá não tinha terra pra trabalhar. Depois veio o governo dando as terras, eu tinha comprado um sítio com muita fruta, quando chegou onde estava meu sítio, eu disse que não queria. O homem era rico, e eu tirei a terra para vender para ele, quatrocentos cruzeiros. Fiquei trabalhando lá, até que um dia, por causa de outra besteira, uma filha minha fugiu, e eu disse: – Vamos se embora, não vamos ficar aqui não.

Morava na cidade de Dom Pedro/MA, essa filha que fugiu mora lá ainda hoje. Saiu a história que ela tinha morrido, depois ficamos quarenta e um anos. Quando minha esposa estava doente, Mirian juntou com mais outra do Crato, outra prima, mandaram pela internet, descobriram ela, acharam ela, quando foi no Natal do ano passado ela apareceu aqui, a velha operada e eu doente, ela veio junto com a minha filha. Ontem era meu aniversário, telefonou para mim, disse que daqui uns dias vai vir novamente, ela toma de conta de umas setenta crianças no colégio.

Do Maranhão eu vim para aqui, onde minha mãe estava, no ano de 1980, ficamos por aí, com pouco tempo minha mãe morreu. Eu já trabalhava por aqui em Vicentina, mudei para cá, não lembro exatamente o ano, mais deve ser na faixa de 1982 que eu cheguei aqui em Vicentina, morei mais o Antônio Cearense no Iguassu, morei na casa do Adelicio, tenho uns quarenta anos nessa casinha aqui. No Nordeste eu nunca passei fome, passei precisão, mas fome nunca. A época ruim a gente não passava fome,

conheci muita gente que passava fome lá na Serra, divisa de Ceará e Pernambuco. Quase morri uma vez. Eu fiquei trinta e um dias em Dourados internado, operei da próstata, tem mais de dez anos, quando cheguei aqui de tarde arruinei e quase morri.

2.2.2 José Alexandre Filho (Zeca Alexandre)

Tenho orgulho de ser nordestino, carrego o meu chapéu de couro, mas a seca espancava o nordestino, por isso mudamos para cá.

Na data de 26/04/2022, estive na residência do senhor José Alexandre Filho, popularmente conhecido como Zeca Alexandre, para entrevistá-lo. Era cerca das 19:00 horas. Desci de bicicleta, quando cheguei a sua residência na Rua Hanae Yasunaka, ele prontamente me atendeu junto com a sua esposa, dona Iracema. A sua neta Luana Braz que foi a intermediadora da nossa entrevista para marcar a referida data. Expliquei sobre o projeto e ele se mostrou disposto a colaborar. Seu Zeca e dona Iracema têm 4 filhos, 6 netos e 1 bisneta. A entrevista durou cerca de 1 hora.

Origens nordestinas

Eu vim de uma terra forte e de um povo forte, onde eu morava ficava até dois anos sem chover, sem dar um pingão de chuva e mesmo assim o nordestino escapava, o nordestino é o povo mais forte que tem. O nordestino descobriu São Paulo, quem fez os metrô, quem descobriu Mato Grosso, Rondônia, foi devido à força do nordestino, então é um pessoal brabo, valente, o nordestino é valente para encarar a vida. Meu pai em um ano lá no Ceará, deu uma chuva bem boa, plantou feijão de vara e milho, não choveu, mais um ano de seca sem pingar, ele conta que seu rastro ficou na terra, parece até mentira, no ano mais ou menos de 1930. Nasci em Iguatu/CE no ano de 1945, morávamos no sertão, na zona rural de Iguatu. Depois de 42 anos fui passear lá, agora que é sertão o lugar que eu morava.

Infância em Iguatu/CE

Saí do Ceará com 12 anos, infância foi meio dura, andávamos duas léguas para buscar água para beber, íamos longe buscar água, trabalhamos muito com carga de jumento, buscávamos água de manhã e de tardezinha. Éramos em treze irmãos, morreram cinco dos meus irmãos, todos nós nascemos lá no Ceará. Saímos do Ceará devido à seca, o motivo de o nordestino sair do Norte é a seca, lugar que ficava 2 anos sem chover. Cheguei com vinte e dois anos ali no Barreirão, só vim morar na cidade agora, depois de velho. No Nordeste no tempo em que eu fui criado, eu só comia

basicamente o milho, comia arroz o dia que chegava uma visita, eu gostava demais quando chegava uma visita. Após mais de 42 anos vi um Nordeste muito diferente, principalmente pela atuação do presidente Lula, que teve um olhar diferenciado para a região. Lula aqui fez muita coisa, mas no Nordeste foi que ele revolucionou mesmo, Lula passou fome, ele sofreu na pele o que o nordestino sofria, então ele ajudou muito aquela região.

Viagem para São Paulo, à busca de um novo horizonte

Eu tenho a lembrança de tudo do Ceará, naquele tempo não tinha foto, não tirava foto ainda, não tinha rádio, ficávamos sabendo do Sudeste e do Mato Grosso, através das pessoas que vinham para cá. O pessoal pegava o pau de arara, vinha com a família, mandavam cartas, demorava tempo pra chegar, veio um tio meu, com um nós viemos também. Viemos em um ônibus velho, daqueles que tem uma trombinha na frente, gastamos, até no Crato/CE, um dia de viagem e após isso pegamos o ônibus, da companhia o dono era Chagas Bezerra. De Crato até em São Paulo gastamos 12 dias de viagem, viajando até 11 horas da noite, a noite a gente pousava numa pensão. Eu me lembro que só tinha asfalto do Rio de Janeiro até São Paulo, ninguém conhecia asfalto, quando chegamos em Caxias no Rio de Janeiro que vimos aquela estrada preta.

Religiosidade, misticismo, relações de poder e o cangaço

No Ceará quase não tinha crente, no tempo de Jesus só tinha a Igreja Católica, lá era muito difícil ter um protestante, mas eu sigo sendo fiel ao Padre Cícero. O meu pai disse que no Ceará, quando um cachorro doido mordida uma pessoa, trancava essa pessoa no quarto ou amarrava em uma corrente, a pessoa morria arrancando os pedaços, aí apareceu meu Padim Cícero, todos iam até Padre Cícero e ficavam curados. Ele mandava fazer um chá da raiz do velame branco, a coisa mais fraca que tinha, na verdade quem curava era ele, mas o Padre Cícero não queria falar que era ele. Eu não conheci o Padre Cícero, mas o meu pai e o meu sogro, conheceram ele.

Padre Cícero trabalhava pro povo, o que ele deixou foi a igreja e um crime de coelhos, era essa a riqueza dele, reza a lenda que um homem no Juazeiro não acreditava no Padre Cícero, quando foi a noite em um certo dia, ele roubou um coelho do Padre, matou e comeu, aí quando comeu esse coelho a barriga danou a doer que ele não

aguentava, mandou uma mulher até Padre Cícero e ele lhe receitou o chá, quando ele bebeu o chá aí que a dor aumentou, aí ele saiu correndo lá atrás de Padre Cícero, pediu ajuda, o Padre disse volte para atrás e pegue os cabelos do coelho que você comeu, faça um chá, beba que você irá sarar, deu um sermão nele e disse que os coelhos não faziam mal nenhum pra ninguém. Eu tinha um tio casado com uma tia, se chamava até Zé Duarte, naqueles tempos, ele fez uma promessa, devido uma doença e sarou, ele passou muitos anos sem poder pagar promessa, aí um ano colheu uma lavoura boa e ele disse para sua esposa que iria pagar a promessa para o Padre Cícero, na época era tostão, eram 40 léguas do Juazeiro, iria dar 10 tostões, pensou em dar 5, mas sua esposa disse para dar os 10, o Padre Cícero só pegou 5 reais, os outros 5 devolveu para comprar a passagem de volta. Padre Cícero curava muita gente no sertão, na vinda do Ceará para São Paulo, quando entramos na Bahia tinha que tomar uma vacina, tinha velhos de 70 anos e nunca tinham tomado uma vacina na vida, tomaram porque era obrigado.

Lampião soube de uma mulher que morava na Paraíba, tinha cinco filhas moças, os caras de lampião eram desordeiros, onde chegavam não respeitavam ninguém. No velório do meu avô, eu estava lá no velório e essa mulher contando essa história para minha mãe e eu escutando, ela disse que os caras de lampião iriam passar na casa dela para ver as filhas, aí a noite mesmo ela abandonou a casa com o que tinha e foi para o Ceará, e lá ficou. Lampião arrasou a Paraíba, porque quando o menino matou o pai dele na Paraíba, aí jurou para sua mãe que quando crescesse iria vingar a morte de seu pai e seria um cangaceiro. Ele arrasou a Paraíba, meu pai não conheceu Lampião, porque no Ceará ele quase não aparecia, mas outros mais velhos conheceram. Lampião tinha um acordo com Padre Cícero para não entrar no Ceará, Lampião fez muita desordem na Paraíba e em Pernambuco.

Vinda para o interior de São Paulo

Vimos em 1958 para Presidente Prudente, interior de São Paulo, moramos 10 anos lá na região de Prudente, tocando lavoura. Quando chegamos em SP ficamos três dias na viação para vir para Prudente, as coisas eram difíceis, escolhemos Prudente porque um tio meu morava lá, saímos de Prudente para Vicentina, porque lá nós trabalhávamos de arrenda, ganhamos um dinheirinho e compramos as terras na Linha do Barreirão. Vimos para cima de onde era nosso, lugar era muito bom, gente de todo

lugar, tinha lotes com sete famílias, eu gostava dos bailes de barraca, tinha casa que tinham 8 moças, era muita gente.

Nova Andradina quando começou, porque era do Moura Andrade, o Rei do Gado, de tão rico que ele era, ele morava em Andradina/São Paulo, tinha muita fazenda lá. O rico quanto tem, mais ele quer, mudou para cá para grilar terra, meio mundo ali ele grilou, ele tinha uma turma de jagunços, colocava o cara que chegasse vindo do Norte para trabalhar na quebra de milho, os coitados acreditavam que era para quebrar milho, na verdade era para ser jagunço e tomar terras alheias. Teve um peão que trabalhou com nós em São Paulo e falou que veio para essa quebra de milho em Nova Andradina para trabalhar com o Moura Andrade, e se o cara fugisse os caras pegavam e matavam, lá tinha um buraco grande, uma vala que era pra enterrar o povo. O cara chegava e trabalhava um ano pra ele, ele pagava certinho, no dia certinho, mas quando o coitado ia saindo da porteira pra frente o pistoleiro estava lá, pra matar e tomar o dinheiro. Esse peão veio, quando chegaram deram uma carabina para ele, para ele ir pra divisa de terra, tentar grilar terras. Aqueles que ficavam chorando eles batiam ou matavam. Ele tentou escapar, mas não podia atravessar o rio Paraná, porque só atravessava numa balsa e com a ordem do fazendeiro Moura Andrade, os que escapavam, eles matavam. Esse peão disse que saiu de noite de Nova Andradina e dormiu em cima de uma árvore com medo da onça, ele chegou ao Paranazão, tirou a roupa e amarrou na cabeça, jogou a carabina e o revolver no rio, ele sabia que se pegassem ele iria ser morto, tentou atravessar o rio no braço, caiu no rio e conseguiu atravessar para São Paulo. Esse peão trabalhou comigo, lá em São Paulo.

Memórias da chegada a Vicentina

No ano de 1967 viemos para Vicentina, na Linha do Barreirão, o lote que comprei na época era tudo mato, apenas 2 alqueires eram derrubados. Derrubamos tudo na foice e no machado, aqui a Colônia foi desbravada, tínhamos que derrubar a mata pra fazer um galpão, uma casa. Quando chegamos ao Barreirão, tinha uma casinha de barro, era pequenininha, o pai ficou com a madrasta lá e nós fomos fazer uma casinha pra nós posar, mas só compremos os pregos, o restante tiramos da mata a madeira, aí conforme iam melhorando as pessoas faziam casas de tábuas. O povo era tudo pobre, chegavam com a foice. Primeira coisa era derrubar um pedaço de mata pra plantar mandioca e

batata pra comer, dá saudade daquele povo, o povo entrava na mata virgem pra tirar o que comer dali.

Quando cheguei no lote no Barreirão, eu derrubava juntamente com meu irmão perobas e ipês de mais de metro. Não tinham prática com o machado e eu quase morri uma vez, o pau caiu no machado que voou e quase me acertou, era um perigo trabalhar com machado e nós não tínhamos prática, mas Deus cuida da pessoa que trabalha. Água não tinha, os moradores é que cavavam os poços, onde eu morava o poço era 40 metros de fundura, próximo de minha casa, um balde escapou e matou um poceiro.

Eu não cavava poço, mas limpava poço, era um serviço difícil. No município de Jateí, linha do Barreirinho ou Potreirito, tinha um homem que havia cavado poço e tinha sete filhos e foi cavar um poço, e errou. Tem erro que a pessoa erra e morre, aí ele foi cavando um poço e entupindo o outro, foi a hora que o poço fechou, o poceiro morreu dentro do poço, deixou sete filhos pequenos, uma grande tristeza.

Aqui na colônia não tinha ninguém rico, era todo mundo pobre, tinha lote com sete casas, sete famílias morando. Na época não tinha energia elétrica, só tinha lamparina e o gás, na cidade o pessoal só vinha comprar o querosene, o sal, açúcar e a soda para fazer sabão.

Teve o barbeiro, o barbeiro, se ele estiver afetado e morder uma pessoa, ela não escapa, devido a doença do coração, tínhamos uma casa de tábua e pregada de cedro, quando chovia nenhum pingo em casa caia. Morávamos lá e ele tinha uma caminha, chamada de tarimba, colchão de palha, mas eles não sabiam do barbeiro, trabalhando, derrubando mata na foice e no machado, tinha hora que a mão da gente chega pipocava tudo. O remédio que a gente usava era urinar na mão e passar no lugar que estava doendo.

Teve uma vez que embaixo do meu colchão tinha trinta barbeiros, mataram trinta barbeiros, mas graças a Deus não tinha nenhum afetado, se der afetado, basta apenas um para matar a pessoa. Conheço várias pessoas que morreram da picada do barbeiro, morre sofrendo saindo sangue pela boca, pelo nariz, um cunhado meu morreu assim.

Quando compramos o lote aqui em Vicentina, o Rio Paraná atravessava de balsa, uma balsa para as pessoas, outra balsa para os animais (gado), não tinha progresso, o progresso foi a ponte do Rio Paraná, quando não tinha a ponte era morto esse lugar. Minha esposa, quando cheguei em São Paulo, o pai da minha esposa morava em Mirante do Paranapanema, veio em 1958 para cá, era para nós termos vindo direto para

Mato Grosso, mas naquele tempo era tudo atrasado, ficamos 10 anos em São Paulo trabalhando para vir para cá. Os fundadores da Colônia aqui no Barreirão o único vivo é o seu Eutácio¹⁴, o restante, todos se foram. Um sujeito que deixou um grande legado em Vicentina foi o Padre Daniel. Padre não é pastor, padre trabalha para o povo e pastor para possuir bens. Ele deixou uma bela igreja, uma escola, um legado para o povo vicentinense, quando ele ficou doente saiu com uma mala na mão, todo o trabalho ele deixou aqui em Vicentina.

As diferenças dos lugares e das vivências

No Ceará conheci uma família que tinha 24 filhos, e ainda iam para o baile, o nome do casal era Luiz Soares e Mariinha. Em São Paulo conheci uma família de 24 filhos e todos eram homens, dava 2 times de futebol e ainda sobrava. Eu fui passear no Ceará, mas não sinto muita saudade, São Paulo foi uma década perdida, não gostei de lá, cheguei aqui no Mato Grosso e me achei no Nordeste, para onde andava encontrava nordestino. Já em São Paulo vizinho eu não conhecia a casa de ninguém, estrangeiro é um povo desconfiado, já o nordestino você pode não conhecer, se pedir um pouso ele coloca para dentro de casa, não há gente querida igual o povo do Nordeste, é um povo acolhedor.

Nordestino é o pessoal mais inteligente que tem, só tivemos um rei do baião, Luiz Gonzaga, reis do humor Chico Anysio e Renato Aragão, o nortista é o tipo de gente mais inteligente que dá no mundo. Tenho orgulho de ser nordestino, carrego meu chapéu de couro, mas a seca espancava o nordestino, por isso mudamos para cá!

Na imagem abaixo o chapéu de couro, tradicionalmente usado por seu Zeca nos momentos em que participa das festividades locais, como também no seu cotidiano.

¹⁴O senhor Eutácio Caetano Braz, faleceu em setembro de 2022, alguns meses depois da entrevista realizada com o senhor José Alexandre Filho.

Imagem 13 - Chapéu de couro José Alexandre Filho



Fotografia: Douglas Martins. Data 26/04/2022.

2.2.3 Antonio Fernandes de Souza (Biba)

O pessoal do nordeste é hospitaleiro, acolhedor, mesmo sendo fraco de situação, ele tenta agradar ao próximo.

Na data de 19/06/2022, realizei a entrevista com o colaborador, Antônio Fernandes de Souza, o popular Biba. Ele é bastante conhecido no município como músico, também como encanador. Conheço ele há muitos anos, morava próximo a casa dos meus pais e ele foi meu professor dos poucos acordes que conheço de violão, sempre conversamos sobre música e sobre cultura, ele sempre foi muito ligado a cultura. Ele é casado com a senhora Maria Carneiro, tem duas filhas (Janaína e Thainá) e um neto, o Felipe.

Era um domingo, não fazia muito frio, apesar de ser inverno, estávamos no período das festividades municipais e nesse dia o município de Vicentina iria receber o show nacional da dupla sertaneja Maiara e Maraísa, que prometia um grande público e muitos visitantes para a cidade menina. Era cerca de 14 horas e 30 minutos quando cheguei até a residência do senhor Antônio, na Rua Vicente Palloti, para realizar a entrevista que durou cerca de duas horas e meia, após a entrevista continuamos conversando um pouco e quando retornei para a minha residência já estava escurecendo por cerca das 18 horas.

Minha infância no Ceará

Eu havia composto uma música sobre a minha história, desde a vinda do Ceará até aqui. Nasci em 1961 em Mombaça/CE, sítio Picada, área rural, mas município de Mombaça/CE. Meu pai, minha mãe, meu avô, todos eles cearenses, família muito grande. Somos seis irmãos, só a Teka que nasceu aqui em Vicentina.

As pancadas que eu sempre levei são na cabeça, eu me lembro do meu pai trabalhando na roça, eu pequenino mexendo com enxadão, levantei o enxadão ele subiu e bateu na minha cabeça, até hoje ainda tem um buraco. Onde nascemos lá é muita pedra, lageiro, a gente anda um pouco, lá tem muito aqueles cactos, mandacaru, planta de espinho, quando chove fica cheio d'água, a vegetação muita planta de espinho, a época da seca, eu me lembro bem. Lá dava uma seca de um ano, a gente não via uma folha verde, lá tem lugar de ficar cinco anos sem chuva, eu mesmo cheguei ver um ano sem chuva. Lá teve muitas secas grandes, viemos embora em 1970, depois que passava

a seca e começava a chover, dentro de 2 meses ficava verde de novo, chama Seca verde, fica a crise, mas os matos ficam verdes. Na época das secas, os rios secam, lá você entra no rio seco, o pessoal catava água no balde e levava pra casa para beber, tinha que coar é claro. Lá no Ceará tinha muito o cabeça de prego, parece o bicho da dengue aqui, essa água que a gente bebia não era boa. Eu tive um problema no estômago e me disseram que pode ser devido à água, e eu me lembrei da água do Nordeste.

Memórias familiares, pai, avós, tios

Meu pai plantava lavoura e era carpinteiro, aquele tempo ruim ele atravessava, já tinha outros que vinham embora, mas ele conseguia sobreviver. Meu avô tinha muita terra, eram umas terras fracas, mas tinha muita terra, chovendo dava lavoura para todo lado, feijão de corda, o milho, a fava, abóbora, melancia, em algumas baixadas arroz e peixe demais, peixe grande, curimba, piau, tudo era bom. Na seca complicava, gado morria de fome, cavalo morria de fome, lá eu tomei muito leite de cabra, coisa boa demais (risos).

Muitas vezes eu falava para a mãe que não gostava de leite de cabra, e ela dizia que era leite de vaca, mas no fim descobri que só eu que tomava leite de cabra enganado (risos).

Em 1969 um tio meu de Juscimeira mandou um dinheiro para meu pai vir embora, meu pai pegou o dinheiro e devolveu. Em 1970 meu pai viu que não dava pra ficar, uma seca grande. Meu tio tinha vindo em 1956, ele veio de ônibus, era bem de situação, ele pensava mais alto e buscava melhora, era mais esclarecido, ouvia falar que para cá era bom, ele comprou 9 alqueires de terra em Juscimeira, comprou barato. Ele escrevia para lá que aqui era muito bom, muita fartura, meu pai tinha vontade de vir, mas não colocava muita fé. A gente se comunicava por cartas, pai acreditava, mas ficava naquela dúvida, em 1970 ele pediu para meu tio Assis o dinheiro, porém ele não tinha no momento. Entretanto um primo meu que havia vendido a lavoura já, mandou para nós, o dinheiro dava para vir de ônibus, mas tinha outro tio que morava lá, casado com a irmã da minha mãe, tinha vontade de vir, mas não tinha condições, porém para vir de pau de arara dava pra vir todo mundo. Esse que a gente veio era um caminhão boiadeiro, e eles enchem de banco assim, coloca lona por cima, além de vir de pau de arara nós viemos de costas, porque não tinha banco para nós, a gente vinha em cima das malas. Viemos para um lugar frio e a gente sem saber o que era uma blusa de frio.

Saímos de Mombaça na parte da tarde, o pessoal bebendo cachaça, não saia nunca, outros tocando sanfona, outros querendo brigar com faca, um caminhão cheio, mais de quarenta pessoas, vinha amontoados de crianças, da nossa família veio onze pessoas. Saímos na parte da tarde, meu avô dando um dinheirinho, avô sempre gosta dos netos, meu avô deu todo troco que ele tinha. Na época eu perguntei: – Vô será que eu ainda vou ver o senhor? E ele me disse: – Vai. Quando foi em 1980 que eu voltei lá, ele me disse: – Meu filho será que eu ainda te vejo? Naquele tempo foi você que me perguntou se você ainda me veria e hoje eu que lhe pergunto. Acabou que não vi mais, eu vim embora e ele morreu.

Memórias da viagem: pau de arara, brigas, música.

Eu era pequeno e não tinha nem noção da viagem, ninguém sabia para onde estava indo. Na estrada, eu lembro ainda o hoje o barulho do caminhão, aquele frio entrando pela lona, o nome do caminhoneiro era Euclato, um baixo, gordo. Ficamos detidos na estrada por três vezes, a polícia prendia o caminhão ficava um tempo preso, até se justificar a situação. Ele vinha com gente e voltava com gado no pau de arara, para não perder a viagem.

Na viagem passamos em roças de abacaxi que nunca tinha visto. Lá na região de Minas, a turma via que o pessoal tava com fome e frio, começou a dar agasalhos, aquele frio para quem não conhece é terrível. Nessa brincadeira a gente chegou em São Paulo num lugar chamado Imigração, perto de Eptácio é por ali, é de Prudente pra cima, a gente ficava quatro dias, pode ser dez pessoas, tinham todo o mesmo tratamento lá. Quatro dias comendo e bebendo, leite e pão, era tipo uma casa de apoio.

Gastamos cerca de 9 dias do Ceará até lá, ficamos quatro dias, de lá mandaram a gente de trem até uma cidade de perto do rio, o pai tinha um pouco de dinheiro e fomos de ônibus até Juscimeira, fomos de ônibus.

Transição para a chegada em São Paulo e no Mato Grosso

Na imigração tanto alimento quanto agasalhos as pessoas traziam. Sem brincadeira nenhuma eu não sabia o que era um picolé, tinha 9 anos e não sabia, encostava o beijo e queimava, com quatro dias cada um tinha que tomar o seu rumo, não ficava mais que 4 dias.

Chegamos ali em Juscimeira, em São Pedro da Silva na beira de um rio, na mesma estrada que entra para Dom Aquino, uma cidade afastada da rodovia, sítio Cainana, a condução já era carroça, área rural, terra de primeira, arroz, feijão.

Meu pai foi morar com meu tio, não pagava nada, Tio Valmir, Tia Nazilda, todos ficaram lá. Ficou uma colônia da nossa família e tinha muita gente do nordeste ali naquele trecho, a terra do meu tio era só 9 alqueires, terra de primeira, não perdia um pedaço. Dava muita banana lá, todo tipo de banana, laranja, mangueirão de porco, goiaba, cana de açúcar para fazer rapadura. Quando a gente chegou, o tio tinha enterrado muitos cachos de banana, mas a viagem atrasou um pouco.

Na viagem meu pai quase morreu, porque meu pai estava meio fraco, ele bebia bastante, ele caiu, uma queda de bicicleta que cortou a cabeça e três anos depois saiu uma pedra de dentro do rosto dele que era aberta. saiu uma pedra que veio do Ceará. Bebia todo fim de semana, ele passou muito nervoso na viagem, ele teve tipo de uma depressão, via coisas, vultos durante a viagem, via sem estar acontecendo. Meu tio era bem devagar, levaram ele na farmácia, em hospital, durante a viagem. Nos outros dava tipo de dor de barriga.

A gente viajava a noite também, armávamos redes, a turma fazia necessidade na lona do caminhão, moleque não tem noção, então ele ia lá e fazia a necessidade dele lá, meu tio pegava e dobrava a lona (risos). Quando chegou no final dessa viagem, que abriu aquela lona, fedor de vômito, de cocô etc.

No outro dia que chegamos a Juscimeira meu tio foi mostrar as coisas para a gente, o pomar, a roça de arroz amarelinha, bem diferente do Nordeste, tinha feijão, todo tipo de mantimentos.

Memórias de Juscimeira/MT

A casa de Juscimeira era de taipo igual a do Ceará. Meu pai era pedreiro. Taipo era de vara de cruzada com o barro amassado, e piso não tinha, era tipo de uma pedra. A cobertura era de tabuinha, cortam os tocos e lascam Lea, fica tipo uma telha, mas na telha bate um prego e enrosca na ripa e vai se ajuntando, chove e não dá um pingo, mas se pegar fogo queima tudo também.

O meu tio fez a casa para ele de palha, palha de coqueiro. A palha serve de ripa e aquela palha você prega em cima da madeira, chove e não dá um pingo, o problema é risco de fogo. O pai ficou ali três anos, e meu tio vendo que aquela terra estava pouca

para ele. Meu tio ficou acuado lá, e acho que futuramente vai acontecer aqui também, a usina vai comprando meio mundo, uma hora vai ficar só ela, o cara tem um lote no meio e acaba sendo obrigado a vender. Naquele tempo tinha uma usina em Jaciara e a usina começou a comprar para plantar e naquela época, podia colocar fogo. Agora imagina ficar ilhado no fogo e meu tio disse que o negócio não iria dar certo. Ele então viajou para alguns lugares, Chapada de Guimarães, Barra do Bugre, Barra do Garça, Rondônia e voltou, meu tio era um cara negociante, um cara muito querido, tinha 68 afilhados só lá no Mato Grosso, eu até hoje só batizei uns dois (risos) e eu acho que tenho muitas amizades.

O primeiro contato com vicentina

Meu pai veio fazer uma casa aqui em Vicentina, um outro tio meu, irmão da minha mãe, morava aqui na Vicentina, veio do Maranhão, vendia ouro, Antônio Sabino, ele tinha vindo antes de nós. Ele fez a casa onde é da Degna hoje, foi meu pai que fez. Foi no ano de 1973 e o meu tio viajou para ver outras terras lá pelas bandas do Acre, e o pai fez essa casa aqui e gostou daqui. Viu a lavoura aqui que era trigo, na época não era algodão, por causa do frio, fazia frio demais, estava começando, cidadinha nova, muita madeira, casas de madeira, meu pai enxergou isso.

Quando a gente retornou o pessoal plantou a roça do meu pai, os parentes, mas não ficou muito boa, plantaram de qualquer jeito, aquilo deixou ele meio triste. Produziu bem o arroz ainda, o tio chegou do Acre, ele ficava um mês observando as terras, e ele tinha comprado cem alqueires de terra no Acre, chamou o pai e disse que o daria dez alqueires para ele, meu pai pensou, lá não é bom, para chegar nas terras que comprou, tinha que cruzar o rio montado no boi, as terras eram perto de Senador Guiomard no Acre, mas o pai preferiu vir para Vicentina, pois viu melhores condições de criar a família. Meu tio não insistiu, o pai tirou a lavoura e veio embora para cá, e o tio vendeu para a usina as terras e foi para o Acre. O outro tio que veio conosco do Ceará para o Mato Grosso acabou voltando para o Ceará, voltou para Fortaleza, ele montava em burro bravo e era açougueiro profissional, quando voltou foi trabalhar de açougueiro, minha tia costurava, ele se deu bem por lá, os filhos dele hoje estão em São Paulo. O outro tio que foi pro Acre, não conseguiu trabalhar lá, arrumou serviço numa serraria, nessa serraria ele cortou 4 dedos da mão, casou 3 filhos com 3 de outra família, casou o Del com a Cida, Elizaldo com a Maria, Pedro com a Deta, minha prima. Esse

pessoal foi tudo pra lá, o Pedro saiu candidato a deputado, o Zezinho vendia algodão doce, saiu candidato a prefeito e ganhou, foi ser prefeito no Acre, meu tio cortou a mão, ficou com 100 alqueires ilhados, sem produzir, minha prima deu meningite e morreu, depois o primo Emanuel morreu, acho que foi Aids, morreu magrinho, com o tempo minha tia morreu, ficou o Del, ele morou aqui na Vicentina, ele separou, no Acre ele casou de novo, numa fazenda mataram ele. Então foi se acabando a família toda, meu tio faleceu, trabalhou de empregado muitos anos. Morreram quase todos, sobrou a Dete, e a outra mora em Rio Branco no Acre, nunca tive notícias dela, pra lá acabou.

A chegada até Vicentina

Quando viemos para cá, chegamos em 1974, viemos de ônibus, ainda veio mais um tio meu antes da gente se esparramar. Morreu um tio meu, Manoel meu tio. Lá no Nordeste morava, meu pai, tio Manoel e tio Valmir, a gente brincava tudo junto, então veio um dos tios pra cá e dois anos depois veio outro tio meu, pra morar na mesma terra em Juscimeira, o tio meu que ficou lá por último, ficou mais um ano e depois ele veio para Vicentina, morou no barreirinho. Esse tio nosso começou a mexer em política, comprou uma chácara na 5ª linha, meu tio comprou a chácara do outro tio, esses por parte da minha mãe, eles moram até hoje em Porto Velho. Meu tio morreu, minha tia é viva, eles têm muita terra, eles têm 5 km de terras lá em Rondônia, compraram chácaras pequenas, só que a terra boa parte é reserva, não pode derrubar, eles são caras de negócio, comprar e vender, eles tem grana.

Em 1974 meu pai começou a trabalhar na carpintaria, aqui já não trabalhamos na roça, trabalhei catando feijão aqui ainda. Cheguei aqui tinha 13 anos, Vicentina ali para baixo não existia nada. Dessa rua pra cima, pra não dizer que não existia nada, existia a serraria do japonês, a casa do seu Adelicio, a Serraria do seu João Xavier pai de Leninha, a casa do Professor Augusto e a casa do Piquea, pai do Zé Nilson. Na esquina do Corote tinha uma esquina, subindo tinha a casa do seu Jaime, a do meu tio, o restante era tudo mata. Tinha um corredor que saía na casa da dona Maria pé de Ouro, era mata, mata mesmo, cheio de espinhos. Tinha a casa da dona Alaíde e a de Zé Guilherme meu cunhado, a terra era tudo cafezal e trigo. O feijão a geada matava, por ser frio o pessoal plantava trigo, era tanta mata que a gente caçava tudo aqui, para cima só existia a mata fechada, isso no ano de 74. A casa do seu tio Martins, só existia a casa do bananinha, pai da Tonko, eu e meu pai que construímos a casa do seu tio Martins, era tudo

colonião, meu pai carpia data, construía, trabalhava todo dia. Agora imagina na casa de teu pai ali, era tudo mato mesmo. Lá embaixo tinha o armazém do Toda, essas coisas tudo são mais recentes, essa Igreja Católica, meu pai sentou os primeiros tijolos dela. Eu posso dizer que aqui já sou um veterano, que eu vi tanta coisa passar aqui, coisas na política.

Eu peguei suspensão com o Padre Daniel, ele era rígido, pular o muro e ir jogar sinuca e ter o Inácio como inspetor. A minha sorte é que Inácio era meu padrinho de crisma, me tirou de muitos ferros (risos). Aquele chapéu de couro e os dentes trincando de raiva (risos). Hoje mudou tudo. Assinatura do padre Daniel eu treinei tanto que aprendi fazer igual (risos).

A relação pai e filho: memórias paternas

Meu pai chegou e estava começando a ser conhecido, desde pequeno sempre ajudava ele. Com cinco anos comecei a trabalhar, lembro-me do pai me carregando nas costas, falava dos tocos que seu avô tinha cortado aquela madeira, lá no Ceará. Tinha mutuca demais e tinha o rio, lembro bem disso.

Meu pai sempre foi comunicativo, o que abriu muitas portas, meu pai falava direto: – Nunca se entregue, jamais. Quando eu fiquei doente, não afinei, eu reagi, no trabalho a mesma coisa. Ele falava: – Cuidado! Se você fizer algo errado com uma mulher, seja negra ou branca você vai casar. Hoje mudou muito. Sofri muito preconceito, trabalhei com um pessoal, e sofri.

Quando a gente veio do Nordeste, a alimentação lá é milho, é feijão, é cuscuz, arroz era bem pouco, lá era feijão de vara e a fava, aqui no Mato Grosso, o arroz, vi a turma comendo, e queria entender o que achavam tão bom, arroz, feijão, carne e mandioca. Lá no Nordeste o café era adoçado com rapadura, que tinha muito, beiju, tapioca. Chovendo lá o pessoal tem coragem de trabalhar, o pessoal é disposto. Uma característica do povo nordestino é a hospitalidade, mesmo na época difícil. Ficava tentando saborear aquele arroz, ficou tão gravado na minha memória que ainda sinto o gosto do arroz e do feijão daquele tempo, eu sinto hoje em dia. A Janaína disse que é tipo um trauma, hoje já me adaptei, porém ainda sinto o gosto daquela comida. Cinquenta anos atrás... lá não tive preconceito. Íamos para a escola, a bolsa era saco de açúcar, fui ter o primeiro sapato era de borracha.

Preconceitos sofridos e manifestados: a vida do migrante fora de sua terra natal

Quando eu cheguei aqui, dois homens que eram primos, tiravam sarro pela maneira que eu falava. Trabalhei na padaria do seu Walter, entregando pão para um lado e para outro. Na escola o pessoal chamava de cabeça chata, mas levava na brincadeira, mas na padaria, o pessoal debochava, a forma de falar, o pessoal tirava o dia todo enchendo o saco, se eu ficasse bravo era pior, eram em dois e eu poderia apanhar (risos). Aquele preconceito eu sentia muito. Maior preconceito era com a maneira de falar, o meu sotaque era bastante arrastado.

Toda a vida me dei bem com os japoneses, no Ceará quase não tinha, fomos ter mais contato aqui com os japoneses, a turma do Toro, do Caetano, do Bananinha, do seu Artur, todos eles eu me dava muito bem, sempre me dei bem com eles (japoneses). Tive apenas um problema, ao lado do Castro tem uma máquina de arroz, apareceu uma vaga para trabalhar lá, era do Antônio Sanomiya, barracão de madeira, a mulher a Thie Sanomiya, chamou eu e o Nando Pé de Ouro, fomos ver a vaga, eu tinha uns 15 anos, ela olhou para o Nando e olhou para mim e disse – vou ficar com você – disse para o Nando. Ela disse para mim, que eu não havia inspirado confiança para o trabalho, nunca tinha trabalhado (aquilo ficou marcado), mas no fundo, no fundo ela tinha razão.

O início jovem da vida de trabalhador: memórias do trabalho

Depois acabei trabalhando numa padaria aqui em Vicentina, trabalhei 3 anos na padaria. Conforme fui crescendo fui me especializando na carpintaria, fazendo cercas de balaústro na frente das casas, e fui melhorando. Vendi picolé na rua, vendi pirulitos, vendia no carrinho de picolé, todo dia. Depois fui confeitoiro profissional, fazia bolo, doce. Tinha um livrão de receitas, fui aprendendo. Hoje não sei fazer nada (risos). Meu pai construiu muita casa aqui, era casa de duas águas, quatro águas, a arquitetura mudou muito. Eu comecei a pintar algumas casas, tudo o que eu sei aprendi com a figura do meu pai. Tocar violão, carpintaria, tocar o cavaquinho. Comecei a tocar violão com uns 15 anos. Fiz o primeiro serviço sozinho, na casa do Zé Guilherme meu cunhado, uma área que até hoje ainda está lá, onde fica o tanque lá, eu deveria ter uns 17 anos de idade. Eu ajudava ele tirar o nível, sabia serrar, e fui evoluindo. O Zé Guilherme dava um apoio no que eu precisava. Meu pai gostava de ficar fazendo massa, ficava conversando e tomando café, eu sempre me lembro com alegria dessas passagens. Hoje

eu não deixo uma peça sem lixar, na época ele já falava, tem que lixar todo encanamento que eu for mexer.

A busca de novas oportunidades e as relações políticas

De tanto mexer com encanamento e pintura, o serviço de pedreiro na década de 80 era muito estressante, na época não tinha betoneira, era na enxada e na carriola, então era cansativo e estressante, quase todo pedreiro não tinha uma casa para morar para você ter uma ideia. Via meu pai, e ele não conseguia nada trabalhando de pedreiro. Comecei a chegar na Sanesul, eu via o Carlinhos trabalhando e tinha vontade de entrar na Sanesul. Fui conversar com o Carlinhos na década de 80 ainda, e ele me disse: – Antônio isso aqui é política, isso aqui é complicado, mas se quiser vir mexer, dá para fazer um bico. Ele me deu uma força. Eu entrei através do André Puccinelli, eu era Odilson roxo na política municipal, foi em 80 e pouco, Janaína era pequenininha quando eu entrei lá, eu lembro de trabalhar lá, perto dos anos 90. Fiquei um tempo ali, eu ia na prefeitura conversava com o Odilson e falava para ele que eu nem trabalhava pela prefeitura, nem pela Sanesul, mas estou ajudando o Carlinhos, o Carlinhos também conversava com ele também, mas eu não ganhava de ninguém, Odilson ia lá e me ajudava um pouco, fui ficando ali, mas mesmo assim tava difícil. O Cido Gomes do MDB passou a saber da minha situação – tua situação está feia, dá até dó. Um dia ele me disse: – Biba, vai ter uma reunião em um barzinho – ao lado de onde hoje é a Layla, naquele barzinho ali, era a Câmara Municipal – o André Puccinelli vai estar hoje lá, vamos levar e contar a sua situação para ele. Cheguei lá, ele me apresentou ao André e falou da minha situação. O André me viu e a primeira coisa que pediu para mim tirar a barba, que ele não gostava de andar com homem barbudo ao seu lado (risos). Falou meio brincando. Eu voltei em casa, tirei a barba, cheguei sem barba. Ele me disse que não garantiria nada, mas que lutaria para me ajudar. – Se você quiser te levo na Sanesul em Campo Grande, não tenho força, porque sou oposição ao governo, mas te levo e tento ver o que pode dar.

Ele, André passaria em Dourados e depois iria para a capital. Eu vivi com ele 1 dia de político, uma correria louca, a gente não aguenta Doga. Nós, pessoas comuns, não aguentamos, é reunião em cima de reunião, só problemas atrás de problemas, fomos numa belina nova (risos). Quando chegou na estrada ele ainda disse: – O pneu está colado no chão, o carro não anda não (risos). No outro dia cedo na casa do André,

tomamos café, e fomos na Sanesul, conversou com alguém lá. Falou sobre minha situação. A mulher dos recursos humanos falou que tinha uma empresa terceirizada, não lembro o nome agora da empresa, fiquei 2 anos e poucos nela, era para serviço de jardinagem, mas encaixaram pra mim e eu recebia em cheque pela empresa Astral Assessoria e Serviço. Fui trabalhando, mas mesmo assim, estava difícil, o Carlinhos me ajudou muito, ele me liberava pra fazer uns bicos, pra ter uma renda melhor. Eu via o pessoal recebendo o vale refeição da Sanesul, Carlinhos peleejou para mim não sair, e eu acabei saindo da empresa terceirizada. Fiquei trabalhando de pedreiro e fazendo os bicos, se fosse hoje eu faria ao contrário, não sairia da empresa que estava trabalhando. Soube que haveria uma reunião no Salão Paroquial com a presença do André, e eu fui, corri atrás dele (André), falei para ele da minha situação, disse que tinha saído da Astral, aí ele me deu uma comida de rabo. Ele me falou: – Você correu e eu te dei uma mão, se você estivesse lá na Astral, tava com um pé na Sanesul, era um passo de eu te empurrar dentro da empresa, agora você está fora, fica mais difícil, poderia ter me procurado. Agora você tem que rezar para mim ganhar para Deputado Federal, se eu ganhar, eu te ajudo, uma vaga melhor. Vai dando seus pulos e me ajuda na eleição. E ele ganhou. Toda vida votei nele. Cara pontual.

Uma reviravolta e uma nova oportunidade

Eu falei para o Angelino um dia que só trabalharia com de pedreiro até a colher que eu estava se acabar, Angelino, Joaquim e seu Manoel. Um dia estava trabalhando, a colher caiu de cima e quebrou o cabo bem no tronco. Eu vim almoçar, quando cheguei para almoçar chegou o Mineirinho, falando de um telefone para mim na casa do Cido Gomes, depois do almoço eu desci, e fui ver esse telefonema, era o André que havia me ligado, um ano e sete meses depois. Ele disse: Abra os ouvidos e feche a boca. Boca aberta só presta para entrar mosca. Tem uma vaga na Sanesul, mas você tem que ir em Campo Grande, e não pode falar para ninguém, a vaga por enquanto é sua. Vou te explicar o porquê. Se você falar na rua, alguém na rua está precisando do serviço igual ao seu, só que esse alguém é amigo de um senador, pede ajuda para o Senador para encaixar ele nessa vaga, o senador liga para mim, André, pedindo essa vaga. Seu voto, vocês eleitores são mais importantes que o senador, mas veja bem, a fonte do dinheiro para nós sai é do senador, daqui para lá vai o voto, de lá para cá vem a verba. Se o

senador liga para mim, você acha que vou deixar de atender um senador para atender você? A vaga é sua, só depende de você. Boa sorte!

Vim em casa, já fui tirar a xerox dos documentos, deixei tudo no jeito, viajei ainda no mesmo dia. No outro dia cedinho estava lá na Sanesul. Agora pode ir para a casa e você já está contratado. Teve o tempo do PDV, fui obrigado a sair, depois fiz o concurso, fizeram umas maracotaia e fui obrigado a sair, fiquei fora novamente, até entrar depois, com a ajuda do Tadeu, advogado. Trabalhei uns três anos em Fátima do Sul, fiquei doente, fiz a cirurgia em 2002, fiquei um ano parado. O Tadeu me ajudou muito também. O pessoal me colocou em Fátima e fiquei 3 anos lá.

Memórias de um momento difícil: a internação em São Paulo

Em 2002 fiquei doente, fiquei 28 dias lá em São Paulo internado. Não foi meu maior trauma. Foi difícil, mas tem coisa pior.

Quando retornei da cirurgia, fiz muita fisioterapia, acabou a voz, não falava, fiquei 3 anos e meio encostado no INSS, o médico perguntava se eu trabalhava e eu falava que sim, ficar parado me deixava doente, tinha quase quatro anos, a Quezia da Sanesul falou com o doutor para me aposentar. O doutor me aposentou. Já tenho mais de 15 anos aposentado.

Memórias da mãe: a relação com a figura materna

Lembro da minha mãe no Ceará, ralando mandioca, trabalhando na roça, catando algodão, eram só três irmãos, colhendo algodão, catando feijão, meu avô tinha uma farinheira, tinha burro, tinha cangalha, tinha jumento, via minha mãe fazendo muita comida, rapadura, cuscuz, pão de milho. A mãe tirava leite de cabra, lembro dela sempre fazendo comida para nós.

Meu pai não falava não, sempre que alguém precisava ele ajudava. Muito cuidadosa com nós, a mãe ia para a roça comigo muitas vezes. A minha tia também, sempre ia com a gente para a roça. Lembro da mãe, até hoje ela me ajuda mais do que eu ajudo ela, para você ter uma ideia. Sempre lembra dos netos, dos filhos, sempre tem a casa dela cheia. Agora eu vivi a vida toda junto com o pai.

Um antigo vício: a bebida

Meu pai bebia bastante, principalmente no Ceará. Aqui em Vicentina ele já quase não bebia. Depois de uma queda de bicicleta ele prometeu nunca mais beber. E assim o fez, nunca mais bebeu. Só tomava água e café. A bebida chegou em mim, mais ou menos em 1976, tinha menos de vinte anos, comecei a beber pouquinho, ele ia jogar sinuca e eu ia junto, ele me oferecia salgado, refrigerante e um dia tomei pinga, tomei logo quatro no primeiro dia. Outro dia sai na rua e tomei uma sozinho sem ninguém mandar, Fui aumentando, cheguei a ser viciado, pé de cana, época de tomar 1 litro de 51 por dia, meu pé era inchado, outra época era só cerveja, comecei a aprender a tocar e comecei a andar, aí você toma meio controlado, mas repentinamente volta a bebida, e eu parava e depois voltava. Teve uma vez que eu parei por 6 meses, eu jogava muita sinuca, um dia descii na rua comprei um quilo de carne moída, parei em um bar em frente o mercado Globo. João Coquinho falou da uma tacada para mim, ele demorou de voltar e eu ganhei a ficha, joguei outra, João Coquinho não apareceu mais. Guardei o dinheiro dele e joguei uma ficha por minha conta, aí tomei uma pinga, deu onze horas a carne tava lá, saí de lá onze horas da noite, e eu já tinha Janaína. Quando eu cheguei em casa a mulher passou tanta raiva, ela nem brigou, de tanta raiva, Janaína com febre, as farmácias todas fechadas, aí eu pedi pra morrer, a menina doente, sem ter onde comprar remédio, por causa de minha irresponsabilidade. A carne ficou podre joguei no mato, fiquei seis meses sem tomar nada, depois de seis meses tomei um golinho de vinho, aí que a última vez que eu tomei foi com o Vicente da moto, fomos na sexta linha, chegamos lá o pessoal matando um porco, aí resolvemos tomar uma pinga. Fazia uns 8 anos, tomei a pinga, viemos embora, no boteco da terceira linha tomamos outra dose agora de whisky, chegando aqui passei no Raimundo do alho, tomei duas latinhas de cerveja, voltei no Iguassú no aniversário do Roberto Cabeleireiro, tomei duas latinhas, fui direto pro Clube de Laço em São José, chegando lá tomamos mais umas. Nem sei como cheguei em casa, isso deve ter uns oito anos, a última vez que eu tomei. Eu não falo mais que parei de beber, você não sabe do outro dia. Não sinto falta hoje de beber, mas antes, eu ia no churrasco e eu via a pessoa bebendo, eu sentia o gosto da cerveja, sem eu estar bebendo. O vício é triste, terrível, sofri muito para mim parar. Quando eu vejo bebendo eu acho que pode ser fase. Continuo hoje fazendo meus bicos com encanamento, como pedreiro, sigo minha vida.

Matrimônio: uma relação de mais de três décadas

A cidade que Maria nasceu é Piquet Carneiro, pertinho de Mombaça, tipo Vicentina e Fátima do Sul. Eu vim embora em 1970 e ela veio no fim da década de 70, ela veio e ficou. Alfredo do bar é casado com a irmã dela, o primeiro noivado dele deu errado, ele namorou um mês e pouco com a irmã dela, casou e veio embora, então depois seu Vicente veio com ela, foram e voltaram umas três vezes. Nessa brincadeira, Angelino começou a namorar com a minha irmã, e Maria me conheceu, estávamos num parque na roda gigante, e começamos a paquerar, eu não conhecia nem a cidade dela. Conheci a cidade de Senador Pompeu, a única cidade fora de Mombaça, lá no Ceará. Retornei apenas uma vez lá, no ano de 1988, fomos de ônibus, fomos na Motta até São Paulo, e de São Paulo para o Ceará fomos em outro ônibus.

Retorno para o Ceará depois de quase duas décadas

Fui casado, mas ainda não tinha filhos, no sítio Caldeirão, onde a gente morava, o meu tio, deixei meu padrinho lá, era um barbeiro, Batista. Tinha primo do pai que trabalhava no banco de guarda, queria encontrar os parentes do meu pai, eu usava barba grande naquele tempo, meu tio falou que na Mombaça era perigoso, tinha muito pistoleiro, ele conhecia todos – Eu vou apresentar você para os pistoleiros, os caras que não te conhecem – ele me disse que havia um bar em que se reuniam todos os dias. Chegamos lá, eles de moto ou a cavalo, ele me apresentou a todos os pistoleiros de lá, disse que eu tinha ido passear e que eu era gente boa, juntou uns dezesseis pistoleiros e me apresentou a todos eles, e eu tomava pinga e pagava pinga, comia salgado, e eles também.

No outro dia, fui direto para aquele bar, chegaram todos, e eu conversando. Preciso encontrar o Tertio Batista, me ensinaram, nenhuma mosca pode mexer com você, se alguém olhar de cara feia venha aqui para a gente resolver, disse o pistoleiro. Fui até a casa do padrinho e ele estava cego, almocei com ele, voltei ao boteco, me ensinaram os outros lugares que eu queria conhecer. Meu tio retornou aqui alguns anos depois, e ele disse que os pistoleiros todos haviam morrido, sido mortos por outros pistoleiros de outros estados. Lá tem uns mercadões, tipo uma feira livre, mas sendo coberta, tem de tudo que você pensar. Eu não gosto do pernil de carneiro, cheguei lá no Ceará e quase me acabei de comer. Fiquei 40 dias por lá, Alfredo do bar foi comigo, com 15 dias ele voltou. Fui para o Açude velho na casa do meu tio. Ali eu pesquei, lembrei de umas varedas que eu havia passado junto com meu pai, foi muito bom. A

vegetação, espinhos, mandacaru. Não sinto saudade de lá. Tenho saudade de meus tios e meus parentes.

Eu tenho orgulho de ser nordestino, me acho inteligente, Renato Aragão, Tom Cavalcante, Luiz Gonzaga, Dominginhos, Zé Ramalho, a gente vem de um lugar que tem fonte de sabedoria, assim como eu me sinto bem de ver você comprar uma camionete, um carro novo, eu não tenho inveja, tenho é alegria. O linguajar eu mudava a forma de falar lá, lá não fala bar, lá você vai falar bodega, é o linguajar de lá. A Juliete mesmo no Big Brother a maioria da coisa que ela falava eu compreendia. O pessoal do Nordeste é hospitaleiro, acolhedor, mesmo sendo fraco de situação ele tenta agradar ao próximo.

2.3 Rede 03

2.3.1 Idelfonso Soares Barbosa (Dézinho)

Qualquer sofrimento aqui na CAND era válido, pois a esperança era de melhorar.

Na data de 08/05/2022, domingo, na parte da manhã, realizei a entrevista com senhor Idelfonso. Primeiramente entrei em contato com o Senhor Luiz da Silva, um ex-companheiro de trabalho que mora no distrito de São José, que entrou em contato com o senhor Dezinho e ele aceitou participar do projeto. Após alguns dias, ainda não havia realizado a entrevista, o senhor Evando Martins (meu pai) encontrou o senhor Dezinho e ele marcou a data para a nossa entrevista.

No domingo de manhã, me desloquei de carro até o Distrito de São José, ao chegar em sua residência, ele não estava. Fui recebido pela sua esposa era cerca de 08 horas e 20 minutos da manhã, a sua esposa deu risada, perguntou se eu era o rapaz que iria entrevistar Dezinho, e eu confirmei. O senhor Dezinho já havia saído com o vereador José da Silva Machado, popular Duda, para ir até um determinado local, Dezinho é um apaixonado por política, figura atuante nos processos políticos do município de Vicentina/MS.

Conversei por cerca de 40 minutos com sua esposa na frente da sua residência, ela me disse que também havia nascido no Nordeste, mas que não lembrava de nada de lá, apenas ouvia histórias de seus pais, principalmente sobre o cangaço e a figura de Lampião.

Após os 40 minutos Dezinho chegou em sua residência, figura muito carismática, me cumprimentou e disse que estava fazendo política logo cedo. Estava um dia claro, mas bastante frio. Conversamos sobre a pesquisa, expliquei a ele como era a entrevista e ele aceitou. Sentamos no sofá da sala e iniciamos a entrevista que durou cerca de 40 minutos. O senhor Dezinho é casado com a dona Maria Vanuza, tem 4 filhos (3 filhas e filhos), 7 netos e 1 bisneta chamada Helena.

Após a entrevista continuamos conversando sobre a família. Dezinho ressaltou que conhecia boa parte da nossa família, perguntou de alguns deles. Falamos sobre a eleição que seria em outubro. Ele me disse que iria votar no Lula e que a derrota de Bolsonaro seria decorrente da vacina, pois ele lutou contra a vacina. Tomamos um chá, feito com todo capricho pela sua esposa, conversamos sobre futebol, ele foi jogador e

técnico de uma equipe no Distrito de São José, é apaixonado por futebol e corintiano de coração. Em sua sala há um quadro com a equipe do Corinthians. Ele disse que uma paixão é assistir futebol e que esse ano de 2022 seria muito difícil para o timão. Conversamos mais de 1 hora, no pós-entrevista. Eram quase 11 horas da manhã o momento em que retornei para a cidade de Vicentina/MS.

Genealogia, origens e cotidiano no Ceará

Nasci em Jardim, no estado do Ceará, no ano de 1947. Vim para Caarapó em 1953 e em 1954 cheguei na Linha do Oculito em São José. Meu pai e minha mãe nordestinos, todos os dois do Ceará, meus pais viviam no Ceará, basicamente do trabalho do dia a dia, de diária, quando lá arrumavam serviço. O meu pai falava muito sobre o Ceará para nós, ele chegou em 1954 aqui em Vicentina e morreu em 1966, ele teve uma doença muito feroz e acabou falecendo.

Infância com poucas lembranças, muito sofrimento

Vim do Ceará com 6 anos de idade, lembro de pouca coisa de lá, mas ainda lembro um pouco, lá era tudo estrada de pedra, chegamos aqui encontramos a mesma dureza, passamos 1 ano sofrido, depois de 1 ano começamos a colher o que plantamos, isso em 1954 para 1955, aí a coisa foi melhorando, cada vez melhor, estamos aqui andando do jeito que Deus quer.

O meu pai vivia nos terrenos de minha avó. O motivo de ter saído do Ceará para Mato Grosso do Sul foi a situação financeira, que era ruim de achar o que comer. Aí procuramos um lugar melhor e viemos para cá. No Ceará sofria muito, ele ia para o Maranhão em busca do pão de cada dia, meus pais relataram terem passado fome, somos em 7 irmãos, temos 4 vivos, eu, Lozinho, Feitosa, e 1 irmão de Dourados, o Lozinho foi o que nasceu aqui em São José em 1955. Eu nunca retornei para o Ceará, o Lozinho nasceu aqui, mas em 1960 ou 1961 foi lá passear com o pai e a mãe no Ceará, na época foram de ônibus. Eles disseram que estava do mesmo jeito. Meu pai enfrentou muita seca, o que atrapalhava o plantio da lavoura.

Religiosidade, misticismo e conflitos no Ceará

O meu pai era católico, na época no Ceará era muito difícil de achar um evangélico, ele não comentava muito sobre religião. Sobre Padre Cícero minha mãe falava muito, minha mãe foi no Padre Cícero lá em Juazeiro, levaram um louco lá amarrado numa cangaia, aí lá nas orações que teve e ele voltou bom, isso minha mãe me falava direto sobre esse acontecimento.

Minha mãe também comentava sobre Lampião, que ele chegava com aquele bando de jagunços e se tivesse boia comia, se não tivesse tinha que fazer, mesmo se não tivesse, tinha que dar os pulos para fazer, para eles não saírem com fome.

Viagem de pau de arara, traumas e a esperança de uma nova vida

Vimos de pau de arara, até Dourados, não sei como contratamos o pau de arara, era um meio de transporte alternativo, a viagem durou muitos dias. Na viagem morreu um irmão meu na cidade de Teófilo Otoni/MG. Ele era recém-nascido e faleceu lá, demoramos uns dias até fazer o sepulcro dele, não lembro o que na época ocasionou a morte dele.

Ficamos alguns dias em Minas Gerais até sepultar meu irmão, o povo na estação dava pão para nós comermos, disso eu me lembro muito bem.

Chegada em Caarapó em 1953

Vimos para cá, viemos de pau de arara, até Dourados, de Dourados achamos uma localidade lá em Caarapó na Fazenda Rancho Verde do Moraes, e ficamos 1 ano lá na Fazenda Rancho Verde, de lá viemos para cá, para essa colônia dada pelo Getúlio Vargas, e estamos aqui até agora, meus pais faleceram. Quando chegamos em Caarapó ficamos 1 ano plantando roça lá na fazenda, aí foi só uma só, uma renda boa, aí viemos para cá.

Meu pai trabalhava de empregado e eu com 6 anos já comecei a trabalhar, hoje tem a lei do conselho tutelar que o cara não pode trabalhar, mas antigamente a gente trabalhava. Trabalhava na enxada, não tive infância para brincar, era trabalhar.

Processo de colonização, conflitos e tensões na CAND

Aqui pegamos um lote dado por Getúlio Vargas, na linha do Oculto da CAND, depois ficamos por aqui. Já aqui no São José, também era uma fazenda, o homem se chamava Luís Massuda, aí depois os colonos que vieram de fora invadiram, depois houve um despejo, propriamente já havia formado uma sedezinha aqui, aí teve o despejo, invadiram a terra dele. Depois teve outro despejo, os colonos tomaram posse, aqui onde é o São José hoje, o ano de despejo foi em 1960 no mês de janeiro.

Teve o despejo, eu morava no oculto, alguns colonos foram para a escola de vicentina, localizada onde hoje é o posto do Bondezan, era uma escola de madeira, o piso era um assoalho de tábua, inclusive lá ficou um tio meu, que morava a 500 metros de São José, junto com outras famílias, pois a escola lá era muito grande, então coube várias pessoas da colônia e outros foram para outros lugares, casas de vizinhos ou amigos, ficar até retornarem para nossa sede aqui em São José. Quem não está aqui é porque vendeu.

O processo de despejo foi conflituoso, teve discussão, os japoneses contrataram jagunços para cuidar da fazenda devido o medo dos colonos invadirem, inclusive 2 sobrinhos meus serviram de jagunços pro Luís Massuda, aí quando os colonos vieram novamente pra tomar posse de onde eles estavam, aí sumiram os jagunços e o japonês, os colonos entraram pela fazenda Major Pedro, pois era tudo mato, aí quando os colonos voltaram, voltaram decididos a tomar de conta de tudo, quebraram a sede da fazenda tudo, onde eles estavam acampados, toda essa área de São José era do Luís Massuda. O Padre José Daniel se envolveu, foi a sorte do povo, ele abraçou a causa, e o finado José Severo, em cada ponto de linha ficou as trincheiras dos colonos, fizeram vários buracos, feito cova de bananeira, para se esconder, não deixar os japoneses voltarem.

Na fazenda só tinha o japonês e uns empregados deles, onde era a sede, ali plantavam café, até os próprios moradores de outras áreas como meu irmão, meu pai, trabalharam para eles colhendo café, aí depois dessa disputa, cada colono pegou seu sítio. Com o tempo vieram as escrituras, cada qual com sua escritura.

Memórias do início do povoamento do distrito de São José

Quando chegamos aqui em São José aqui era tudo mato, aí foi formando, onde estamos aqui era o lote do Antonio Candido, aí o José Elias, hoje está em Dourados, de cadeira de rodas, mas está em dourados, ele comprou $\frac{1}{4}$ do Antonio Candido, ali formou

o primeiro boteco, formou o campo de futebol, loteou eu ajudei Ele a medir nos domingos os primeiros lotes, mais ou menos de 1959 para 1960, de 1954 a 1960, íamos até Vila Brasil de a pé.

Aqui foi aberto no braço dos homens, era só enxadão, foice, machado e serrote. O transporte eram as pernas. Íamos pra Vila Brasil de a pé, quando apareceu um cavalo parecia que estávamos num avião, hoje está no céu, ninguém quer andar de a pé mais.

Após ganhar o lote e sair a escritura, começaram a financiar a lavoura no banco do Brasil em dourados, ele ia de a pé pra Dourados para fazer o financiamento. Com esse incentivo começou a melhorar, ganhamos o lote e começamos a desbravar, e não tinha motosserra era no braço.

Adaptação ao novo lugar, vivência do trabalho rural

Para adaptar aqui no lugar foi fácil, porque viemos de lá sofrido, e qualquer sofrimento aqui a esperança era de melhorar. E foi o que ocorreu. Meu pai não se arrependeu de maneira nenhuma, inclusive que veio para cá e ganhou lote, ninguém voltou para lá mais, teve um senhor que vendeu e foi para lá, aí depois não deu certo e voltou para cá, veio para o mesmo lote, isso serviu de exemplo para os outros.

Trabalhei na lavoura de milho, algodão, mamona, amendoim, feijão, aqui já em São José, tem uns 15 anos que parei de tocar a lavoura, a última lavoura que toquei foi de algodão e mamona, ainda achava mão de obra na época, a maioria do serviço era manual. Não tenho sentimento nenhum por ser nordestino, lá é apenas o lugar que nasci e passei um tempo por lá, mesmo assim, ainda sou reconhecido por ser nordestino.

2.3.2 José Rodrigues de Alencar (Zé Miguel)

Quem passou fome lá fui eu, uma vez não tinha o que comer.

No dia 22/05/2022 compareci a rua Projetada 01 S/N, no Distrito de São José município de Vicentina/MS, a residência do senhor José Rodrigues de Alencar, popularmente conhecido como Zé Miguel (79 anos) para entrevistá-lo, pois já havia conversado com outro colaborador de nosso trabalho o senhor Ildefonso Soares e ele entrou em contato com seu Zé Miguel, que logo se colocou à disposição para ajudar em nosso trabalho.

Chegando a sua residência 09 horas e 30 minutos, juntamente com o Senhor Ildefonso, não encontramos ninguém, então fomos à casa de uma de suas irmãs e ela disse que ele estava no bar do Aparício, fomos até lá e ele logo se prontificou a dar a entrevista, passamos na mercearia do Japão (político atuante no município, atual vice-prefeito), onde seu Zé comprou uma alface e descemos para a sua residência.

Mais uma vez falei sobre meu trabalho e ele ficou entusiasmado em poder colaborar. Realizamos uma entrevista de cerca de 1 hora, e após a entrevista ficamos conversando por mais uns quinze minutos, eu, José Miguel e Ildefonso, tomamos um café, passei na residência do senhor Ildefonso para deixá-lo e retornei para a minha casa.

A vida no Ceará

Nasci em 1942 em Jardim/CE, meus pais viviam de roça lá no Ceará, tinha terra, mas lá não vale nada, só pedra rapaz! Quatro tarefas de terra, meio alqueire de terra, município de Jardim, Catolé o nome do lugar, aqueles lugarezinhas têm aqueles nomes, aquelas porcarias... agora lá é uma turma casada e arrumando filhos, está quase um patrimônio, a cidade emendou tudo, só vê galpão. Lá só tinha católica, na época só dava católico, hoje em dia tem muito crente por lá.

Trabalhei no Ceará, comecei com 10 anos, o pai plantava mandioca lá, lá eles fazem aquele morro de terra, meu pai tinha $\frac{1}{4}$ de mandioca, uma tarefa, era tudo de morro, cavava, fazia o morro e plantava a rama em cima, se quisesse comer, se não quisesse, fazia farinha, sem futuro. Plantava milho, feijão, uma vez um cara deu alqueire de terra pra pai 8 tarefas, ele roçou aquele mato todinho de lambe beijo, queimou, e

plantou de milho, e deu milho, um tempo bom rapaz, e deu dinheiro, aí no tempo lá teve que debulhar dentro de casa no cacete, e vender, aí ele vendeu tudo e veio para cá... foi assim, se não fosse não teria do que vir não...

Ele vendeu o milho para pagar a passagem, meu pai vendeu as terras por mixaria, deu por 200 cruzeiros. Lá você não pode trabalhar de animal, hoje tem máquina, era tudo na enxada. Quem passou fome lá fui eu, uma vez não tinha o que comer, feijão de corda cozinhado só com sal, não tinha farinha, pai estava com milho já maduro, mãe cansou de torrar milho, com caroço, parecia fubá, eu pelejava pra jantar e não conseguia, aquele fubá de milho com feijão corda (só com água e sal) era eu, Queninha e minha outra irmã, a gente não conseguia comer, ficava sem comer. Ia pra Jardim, comprava aqueles pãezinhos, aquelas porcarias sem dinheiro, não tinha onde trabalhar, não tinha nada. É vida de doido

Traumas e memórias de uma longa viagem

Do Ceará até Rio de Janeiro era tudo de chão, não tinha asfalto não, só cascalho, pedra e buraco, Vim com meu pai, mãe e irmãos, morreu um na viagem, viemos de pau de arara, não tinha ônibus, pau de arara coberto, aquele GMC, Dezinho vinha no ultimo banco, defecava a rabeira do caminhão todinha, ele e o outro irmão dele, o Severino, viemos parece que foram 14 famílias, impresados, dava uma mijadeira na viagem, meu irmão faleceu em Teófilo Otoni/MG, o irmão do Dezinho faleceu em um dia e meu irmão faleceu no outro, então paremos fomos a uma farmácia e amanheceu morto, tinha 6 meses de idade e chamava-se Francisco, o bichinho era tão bonito, sabe ele não tinha nada, sadio... não tinha nada, todo mundo gostava dele. Viemos do Ceará em quatro irmãos, sou o mais velho, eu, Queninha, Celie e Francisco.

Do Ceará até MS foram 18 dias, viemos de pau de arara até são Paulo, de são Paulo para MS viemos de trem, Maria fumaça, aí chegemos a Maracaju, quando chegou a Maracaju, aí fretaram uma jardineira, metade carroceria e metade coisa, aí deixou em Dourados. Ia buscar água no Ceará lá no rio, vinha aquele biquinho d'água. A casa que a gente morava era de barro, coberta de barro e com telha, telha feita da peste, parece bica, até agora ainda está lá, a casa era grande, tijolo lá eles não queimam, eles deixam secar.

Lembranças de Dourados na década de 1950

Dourados era uma cidade aqui outra lá na São José, umas casas longe, aí tio Cícero conhecido do finado Quincó, procurava onde Quincó morava, em uma chácara lá, que tem o córrego laranja doce, agora lá tudo é vila, aí lá tinha uma olaria, coberta de sapé, finado Quincó colocou todo mundo ali, aí rapaz quando a chuva vinha lá da casa de nossa senhora já estava molhada, parecia uma peneira.

Retorno ao Ceará

Retornei lá em 1974, naquela época estava chovendo, era chuva todo dia, estava bom, todo mundo plantou, o que plantou tinha para comer. Fui visitar meus tios, eles moravam lá, mas morreu tudo, ficaram meus primos, lá quando morria um, levava no caixão, até o avô do Teka, ele não tá aí não. Morreu Manezinho no mês de maio, aí quando chegou na baixa do Marcelino, era uma lama, cavalo que passava ali, afundava, eu fui lá, e quando nós passamos na frente, eu pisei na lama e ficou lama até aqui aí o que ia atrás segurou o caixão, levava era no barro, numa escada, mesma coisa de uma escada, pega aqueles paus assim, dois paus pega uma escada, Põe o caixão e amarra, aí leva pra enterrar lá em Jardim/CE.

A comparação: o Ceará antes e o de agora

Agora não, diz que arrumaram já tem carro pra lá, mas naquele tempo, dia de fazer feira, chegava lá todo cheio de lama na baixada do Marcelino, lá chove, só pedra embaixo, você quando pisa na terra, chega a tremer, logo afunda, é uma tristeza rapaz, diabo é lugar de morar lá, agora tá bom, povo aposentado, ninguém toca mais roça, eu tenho saudade, mas pra morar lá Deus o livre... perder tempo, só tem primo, meu cunhado também tá lá agora, uma cachaça infeliz, rapaz o cabra chega lá, pede uma pinga, ele diz: Passa a tabua... a tabua é derramando, aí bebe... Aí daqui a pouquinho ele diz: Paga outra? Ai você paga enche o copo, ai ele diz passa a tabua enche a barriga, a sorte que a pinga lá é barata que é fabricada lá mesmo... Cachaça de alambique, a bicha parece água de enxurrada, mas só que é gostoso rapaz, é pura mesma, aquilo só da cachaça, o meu cunhado tinha um bolichinho lá, cansei de estar lá e eles comprarem óleo pra comer, um litro de óleo por colher, naquele tempo, o que tinha mais dinheiro

tomava um copo cheio, isso foi quando eu voltei lá em 1974. Estava com trinta e poucos anos. Olha um copo de óleo, meio copo, duas colheres ou 3 de óleo, 1 litro de óleo. O café lá é adoçado com rapadura, rapaz aquilo é um purgante do inferno, naquele tempo.

Agora não, mudou muito, do tempo do Lula lá, está arrumadinho, tudo casa de material, tudo casa bem arrumada, está diferente e diz que fizeram estradas pra lá, puseram luz, puseram água encanada, é outra paisagem, do tempo do LULA. Meu cunhado esses dias ligou pra mim, ele falou pra mim, quem quiser apanhar e se duvidar e atentar morre, é falar mal do Lula lá em Jardim/CE, só tem um vice-prefeito lá que é contra o Lula, mas ele nem fala, quem quiser apanhar ou morrer vai lá falar mal do Lula, lá o Bolsonaro não vê nem o cheiro, (Lula) aquele homem ajudou demais o Nordeste, em tudo.

Uma breve passagem por Caarapó: terra dos Morais

Aí quando viemos pra cá, fui lá em Quinco e ele arrumou com o finado Morais ali em Caarapó, na fazenda não sei o que de ouro, aí nós ficamos lá, e tinha milho, rapaz do céu, 10 a 12 alqueires de milho, aí Morais mandava caminhão cheio de tudo para pagar em serviço, a turma gostava de comer pão de milho, fazia aqueles cuscuz, meu pai gostava, o finado Joaquim Cardoso tinha 2 alqueires de terras lá no Morais, só de porco, engordava os porcos era solto, matava os porcos, o pai comprava de banda de porco, meio corte né, e muita carne e milho, o finado Joaquim Cardoso marcava tudinho, aí a turma comprava uns balaios de milho, espelhava por ali, aí o pai disse: - Agora eu tô no céu! Deu uma lagarta num galpão, só ficou o talo, e a comida em cima era coberta de sapé, quando vinha chuva na casa de nosso senhor, nós ficávamos ali, tudinho, naquele frio, aí rapaz, era ali matava porco, nós comíamos, quando chegava no fim do mês Moraes vinha, aí Joaquim Cardoso mostrava para o Morais e ele rabiscava tudinho, nem porco está querendo milho, eu vou cobrar milho deles disse Morais.

Aqui e acolá tinha muito gado do Morais, uma vez uma perobinha dessa grossura bem pertinho de casa caiu, quebrou o espinhaço de uma vaca, uma vaca gorda, só colônia, deu para comer umas 6 a 8 famílias com a carne da vaca, aí Joaquim Cardoso marcava, aí Morais chegava e riscava, nós comemos carne adoidado, viemos pra cá São José.

E o frio lá em Caarapó, a casa era de pau a pique, pai encheu de palha de arroz para ir tapar, só no mês de maio, teve o mês com 9 geadas, e no tempo quente a

correição, dava uma munição de correição tão grande no mundo, formiga atrás daquelas baratinhas, também alimpava, ninguém ficava dentro de casa, a bicha desgraçada, até ali embaixo teve um tempo que estava dando.

Ficamos 2 anos em Caarapó, Morais pelejou para vender a terra para o pai, disse não eu vendo fiado para vocês e vocês pagam quando puder, meu pai mais finado Zé Zulmiro disse assim: Morais, nós trabalhamos, que nem tu vês aí, mas acontece que planta feijão, arroz, milho, quem é que compra? Como nós vamos te pagar? E a terra bora rapaz, terra boa demais. Como é que nós vamos te pagar, mas pelejou.

A chegada no distrito de São José

Sáimos do Ceará devido a fome, meu tio Cícero o pai do Walfrido, ficou sabendo e foi lá, aí avisou o pessoal e vieram as 14 (quatorze) famílias, aqui tem Eu, Dezinho e Queninha, só quem tem terra aqui que não vendeu fui eu, o restante vendeu tudo, na linha do oculto. Aqui tudo foi ganhado, ninguém comprou nada, isso aqui era uma mata só, era de Fátima do Sul, aqui era uma mata virgem, Major Pedro ali era bonito, era mata pura.

Quando viemos para cá o Morais ajudou, vocês estão devendo e não me pagam, com um ano ele veio visitar todo mundo aqui, ele era genro do Laucídio Coelho, tinha fazenda para todo canto o Morais, ainda conheci a casa dele lá em Campo Grande...

Eu trabalhei lá em Campo Grande numa construção, aí contando sobre Morais, o cara disse olha lá a casa de Morais ali, uma mansão, os Coelhos tinham fazenda para todo canto.

O deslocamento nos anos 1950 e 1960 no distrito de São José

Aí era pra vir pra cá, era por Dourados ou por Caarapó, dava 50 ou 60 km de a pé, daqui pra Caarapó, de a pé, com um saco nas costas pai vinha, o pai de Dezinho também vinha, levava 1 dia todo. Aí marcaram aqui abriram uma picada, a estrada aqui era uma picada na beira do córrego oculto, aí nós ia, aí pai roçou o meio alqueire de terra, fez o galpão, aí entramos para dentro, fez de barro sabe, porque lá fazia muito frio, aí quando fez, a casa, cada quarto era 4 peças, aí tudo que plantava dava, só não dava arroz lá em nossa terra, já nascia maduro, terra muito forte. Mas milho, feijão, o que plantava dava, aí plantamos a roça e acabou a fome, feijão jogava no mato, não tinha

quem quisesse, carne de porco, todo mundo tinha porco e galinha, o meu pai quando foi com 1 ano fez um balaio, comprava ovo aqui, vendia lá e pagava, um dia tinha chovido, aí deu uma escorregada e esse balaio caiu, ficou sem nenhum ovo (risos), aí quando chegou ele disse: Miguel caiu e quebrou os ovos, aí as mulheres diziam, mas não quebrou os ovos dele não. Aí perdeu.

As matas e o trabalho manual no distrito de São José nas décadas de 1950 e 1960

Havia muitos tipos de madeira nas matas, marfim, peroba, canafista, pau ferro, guaiçara, cipó, bambu, aquele lado nosso lá tinha tanto bambu no mundo, tinha de tudo, pra entrar na mata correndo eu duvidava, entrançando de cipó, aquelas canafista, dava um cipó grosso. Madeira era guarita, derrubava com fogo, cortava não, fazia a fogueira ao redor dele e ia queimando, queimando até que derrubavam porque no machado não tinha quem derrubasse não. Pai fez uma cerca uma vez, até hoje tem estaca dela, tinha umas guarita tão grosso do mundo, que animal não aguentava passar por cima... fui derrubar um dessa grossura no machado, rapaz quebrou o dente do machado todinho... Chuva e geada naquele tempo era todo dia.

A vida na roça: plantar e colher

Comecei a plantar amendoim, algodão, todo ano empreitava 1 alqueire para derrubar, chovia muito, no tempo da chuva, não pegava fogo e não quebrava não, porque estava úmido, meio-dia em ponto era a hora de colocar fogo, é duro rapaz... A terra era boa tudo que plantava dava.

Teve gente que voltou para o Ceará, outros foram pra São Paulo, minha tia mesmo vendeu o lote por 300 cruzeiros, Mané Gonçalo com 1 lote e meio, chegou lá, fez festa acabou com o dinheiro veio de novo, achou que tinha outro lote, se lascou, para voltar para lá foi pai, ter que arrumar dinheiro para voltar para lá, é duro.

Naquele tempo cavalo não trabalhava na roça, trator não tinha, trabalhamos amendoim e algodão, feijão e milho plantava pra dar pra porco e galinha, aí tinha gordura hein, só pra criação. Hoje em dia se for criar porco com o preço que está o milho o cara toma prejuízo, todo tempo trabalhei na roça, me aposentei com nota produtora da roça, ainda tenho o lote lá, agora estou arrendando, fiquei com 2 alqueires e $\frac{3}{4}$ disse vou é arrendar, uma vez eu financiei 2 alqueires de mandioca, mas deu uma

mandioca boa, dessa grossura assim, a raiz assim, sorte que eu financiei e pus no seguro, ai deu um chuva, de noite chovia e dia sol quente, a terra de barro muito duro, ela encharcava e ficava quente. Teve um lugar que a água carregou, eu furava assim, estava cheio de besouro, um besouro desse tamanho (grandes), com uma lagarta preta comendo, ai fui no banco e avisei, ai veio de Dourados um japonês, ele viu, filmou, arranquei um pé de mandioca, estava cheio de tapuru, raiz dessa grossura, quando chegou lá embaixo, era meio pendurado, como uma valeta aqui e os pés de mandioca em cima, eu arranquei um pé de mandioca, desse tamanho, ele disse rapaz, é 100 toneladas por alqueire, eu disse deve dar umas 100 toneladas mesmo, ele disse a eu não vou filmar isso aqui não, vai te lascar você, só tem isso aí, aí colocou perca total, com um tempo mandaram me chamar no banco, chegou lá me mostraram, o japonês tinha filmado, ainda ganhei uns 4 mil, era 10 mil que eu tinha financiado, foi a minha sorte, esse dinheiro é seu que você financiou, dinheiro é seu o gerente falou pra mim, aí eu disse então está bom (risos), meu irmão não financiou e perdeu tudo. Financiei depois perdi, o cara plantou também perdeu, parece que ficou um zinabre da mandioca na terra, estragou a terra pra plantar mandioca, agora soja e milho dá, ano passado deu quase 160 sacos por alqueire, ano passado deu 25 devido à seca.

As disputas de terras e as relações de poder

Na época do despejo íamos dormir na beira do córrego oculto, onde a gente batia arroz, cedinho aqueles policia disparavam aqueles revólveres, carabina (paraarara) e nós dormindo lá, eita despejo, aí no fim o japonês acabou perdendo.... Isso aqui era do Massuda, a do Sato, do Sato era 60 alqueires, do Massuda era cento e poucos alqueires, o japonês gastou o que não tinha, morreu e perdeu, aqui era café, meu pai derrubou, pai fez casa, plantou café, pai gostava de fazer aquelas covas e cobrir com madeira.

O início do povoamento da vila São José

Tinha um areia lá em cima perto do travessão, soframos rapaz, pra fazer ali, colocaram pau, caminhão pra subir não subia e pra descer também, Zé Elias, Manoel Gonzaga, Joãozinho, Antônio Cândido, aí fizeram aquela estrada pro Caraguatá, Zé Elias colocou um bolicho na esquina do Japão, um açougue, Ai Antônio Cândido na outra esquina colocou outro, ai apelidaram por Vila São José, pois o tinha José, nas

quatro esquinas só José, tinha o finado João Simão, primo de Moezio Bebo, apelidou de Vila do cacete armado, Zé Elias queria bater nele, É cacete armado! (risos) Zé Elias ficava bravo com isso. Quando Antônio Candido colocou o bolicho aqui, os caibros eram de tore (embaúba), enchia de jateí (abelhinha). Aqui dava muita gente, Major Pedro era um patrimônio, dia de domingo era um fervo, tinha feira, ali desce um quebramolas até no outro lado era, o mascate, isso 68, 69, eu fui em 66 para o quartel, de 60 para cá começou a feira.

Quando chegamos aqui a missa era na Vila Rica, íamos todos a pé, minha mãe, meu pai, todo mundo, aí fizeram uma capelinha aqui, já tinha missa aqui, a igreja não cabia, dia de domingo, finado padre José Daniel, tinha dia de jogo, o jogo cheio de gente o padre ficava bravo, porque o povo ia pro jogo, afinal ia ficar aonde? No meio do tempo. Eita padre ignorante, esse padre Daniel, era bravo, vermelho, gaúcho veio.

O serviço militar e a doença

Servi o quartel em campo grande, passei 3 anos, quando eu me alistei, meio dia já me levaram, fiz inspeção de saúde, era pra ir pra Ponta Porã, pra servir. Aí eu disse: - Olha eu nasci no mato, nasci e me criei, eu quero servir em Campo Grande, eu quero conhecer a cidade, não quero ficar jacu. Eu não devo em banco, eu devo pra um marreteiro, plantei amendoim e algodão, olha a minha mão aqui, não estou mentindo não. Aí ele viu, ah, mas não sei o que, eu disse quero servir aqui (campo grande), aí era em janeiro, aí ficou pro dia 15 de maio, chegou no dia fui lá, fiquei 3 anos. Lá é bom demais, só voltei por causa de mãe, ou vinha ou morria, quando eu adoeci e quase morri, ela queria que eu fosse para o quartel novamente, quartel não entro mais não, quase morri, se tivesse ficado no quartel teria me aposentado cedo, deu uma hepatite brava em mim, eu peguei lá, se eu tivesse lá teria me aposentado.

Me mandaram lá pro Rio de Janeiro, passei 3 meses no rio de janeiro, tratando dessa hepatite, passei 7 meses no hospital, quatro em Campo Grande e 3 meses lá, agora Campo Grande dá saudade daquele hospital, eita comida danada de boa. Hospital do exército, me mandaram pro rio de janeiro, cheguei lá trazia um painelão, aquela panela de frango cozinhado, o feijão chega escumava, uma mesa enorme, feijão a tarde escumava que ficava azedo, foi igual ao Ceará lá no rio de janeiro, eram 1200 soldados, dia de domingo assim, só dava negros, lugar de muitos negros, nós que somos brancos eles nos chamavam de amarelos, tem deles que é gente boa demais.

Casamento e os traumas familiares

Fui casar no Ceará no dia 20 de janeiro de 1974, casei lá no Ceará, trouxe ela e passei 10 anos, foi operar para não ter mais filho, (teve 5), operou a tarde deu hemorragia, deu infarto, faleceu e, 1985, meu pai e todos os irmãos dele faleceram de infarto. Faleceu dia 08 de julho de 85, minha esposa dia 12 de janeiro de 85, minha mãe faleceu em 13 de agosto de 1994, ela faleceu tinha 94 anos, tenho 5 filhos, 3 moram em Campo Grande, 1 no Paraná e 1 mora comigo. Clemilson, Clodoaldo, Cristina, Ângela, Graça, a mais nova é Graça.

Tragédia em Vicentina

Vicentina, onde é a caixa d'água, ali era mato de um lado e de outro, e tinha um atoleiro ali, uma baixada, finado Zé Coutinho trabalhava naquele tempo com o caminhão de Mane Gonzaga, caminhão GMC, o pai de Raimundo branco, ele deu com a mão, Zé Coutinho deu uma carona pra ele parou, ele foi subir, viu o caminhão que vinha vindo, os dois errados, no que ele foi subir no caminhão, o cara passou tirou uma fina, rapaz cortou a perna do velho, o osso quebrado e o velho caído, e conversando, aí arrumaram um jipe, até arrumar esse jipe, levaram pra dourados, no caminho deu hemorragia e morreu.

O sentimento de ser cearense

Eu acho é bom ser cearense, brasileiro, a turma enche o saco, entra em um ouvido e sai no outro, eu vou brigar porque a turma fala que sou feio ou sou bonito.

2.3.3 João Possidônio da Silva

Fome nós não passamos por lá, mas dificuldades nós tivemos muitas.

Na data de 11/06/2022, sábado, na parte da tarde, um dia muito frio e com muito vento, compareceu à casa do casal Josefa e João, havia falado dias antes com Ângela, uma de suas filhas que morou vizinha da casa do meu pai, e ela havia falado que aceitariam participar do projeto.

Por volta das 14:00 horas cheguei ao local. Fazia muito frio, numa rua estreita no bairro Vista Alegre no município de Vicentina, local com muitas crianças, percebe-se na entrevista a quantidade de ruídos de carros e as vozes das crianças conversando. Apresentei-me, primeiro entrevistei dona Josefa e depois o seu João. Na área da frente da casa, estava bastante frio naquela tarde. Realizei a entrevista com dona Josefa por cerca de 30 minutos, e com seu João por cerca de 50 minutos. Após a entrevista, agradei a ambos pela acolhida e retornei para minha residência.

Memórias do nordeste e família

Eu nasci em Pau Ferro no Pernambuco, nasci em 1939, dia 06/06, fiquei até 1949 por lá, dez anos. Meus pais trabalhavam na lavoura. Tenho pouca lembrança de lá, naquele tempo a gente era tudo besta, hoje não, moleque já nasce sabido. Lembro-me da minha casa, era de barro, lugar muito seco, meu pai carregava eu nas costas para cassar dia de serviço, para trabalhar e não achava, não chovia. Como que vai comer? Não tem jeito.

Somos vivos três irmãos homens e três mulheres, morreram alguns irmãos novinhos, vivos tem seis irmãos. Quando os perdi já moravam no Norte. Faleceram novinho. Pai morou um ano sozinho em São Paulo, com um ano foi buscar nós.

Comecei a trabalhar na roça com oito anos, hoje moleque com 15, 16 anos ainda não pode trabalhar.

Nordeste agora está bom, chovendo bem, mas naquele tempo não chovia não, muita seca. O pai se socava dentro daqueles matos, matando bicho, naquele tempo, saia para o mato e com três dias chegava. Tatu, cotia, preá, pai era caçador mesmo, nossa alimentação, arroz era só dia de casamento, aí saía um arroz para os padrinhos e para os noivos. Macarrão era para doutor.

A vinda para São Paulo, os desafios no novo lugar e as relações de poder.

Dinheiro não vale nada, mas se não tiver dinheiro, não come! Saía caçando serviço, largava a família e sumia no mundo. Quando veio aqui para São Paulo, muita gente não voltou mais para lá, chegou aqui ganhou dinheiro e largou a família que tinha para lá. Conhecido nosso fez isso, veio trabalhar e arrumou outra e largou a de lá. Isso aí é um pecado muito grande, ter uma família e abandonar, sem saber como está passando. Paraná, Mato Grosso, estado de São Paulo, tudo quem abriu foi o nordestino. O Nordestino quando ele vem do Norte, ele vem com uma fome tão grande de trabalhar, que tem muitos que morreram, trabalhavam, trabalhavam, no dia de ir embora o patrão não pagava, mandavam os jagunços entocaiar eles lá na frente, para matar e voltar com o dinheiro, teve e foi muito isso aí, ainda hoje a família espera.

Teve muito grilo de terra, enchia o caminhão de barriga verde, povo ia louco porque queria ganhar dinheiro, chegava aqui dava uma carabina para o cara e mandava invadir a terra, muitos deles morreram.

Tinha fazendeiro que possuía 500 alqueires de terras, mandavam fazer a picada de dois a três mil alqueires, grilar. No Paraná também tinha aquele negócio do cara derrubar mato, e os peões não ganharem nada, os coitados dormiam pelados, jagunços, quando iam deitar, pegavam as roupas para os peões não sumirem.

Em 1958 em Venceslau, de 1958 para 1959 os jagunços iam atrás dos peões que sumiam, um escapou, saiu de mato adentro, na hora que ia saindo na estrada pelado, o carro da polícia ia parar, eles pararam, daí quando voltou para trás o caminhão vinha lotado de soldados, foram fechando o circo assim, o rapaz falando é por aqui, por aqui pegamos eles, os peões comiam mandioca e feijão, a polícia foi chegando, fechou mesmo, falou: não corre ninguém! O delegado perguntou: Quem é o chefe daqui? O homem respondeu – É nós. Algemaram ele. Vivemos aqui comendo feijão com mandioca, disse um dos peões, nem cozinhar não cozinha, e eles comem do bom e do melhor. Salário nós não temos, se precisamos de um comprimido é cinco contos, um maço de cigarros é dez contos, naquele tempo, pagava nunca, não tinha salário, como ia pagar, e quando nós vamos dormir, eles pegam a roupa nossa e prendem, para nós não fugir. Prenderam um jagunço, prenderam dois chefes, e levaram para Venceslau, chegou

lá o prefeito deu a ordem, sapataria, loja de roupas, hotel, o que aquele precisasse podia dar, que ele pagava, eu não me lembro do nome do prefeito.

Viagem do nordeste até São Paulo

A viagem de Pau Ferro até a Capital de São Paulo, nós levamos 15 dias, veio todo mundo, caminhão vinha cheio, umas vinte pessoas, lá no Norte quando vão viajar assim, eles matam frango, aquela fava, tambor de 200 litros, cheio de farofa e carne, uns dois dias o povo comeu bem, mas depois azedou, e o cabra tinha que comer que não ia morrer de fome, não tinha dinheiro, menino só via gente cagando, cagava em cima do caminhão. O avô de Josefa chegou à beira do Rio São Francisco, já meio velho, mais de 200 sacos de açúcar, e ele entrou no meio de um, não deu tempo nem de tirar a calça direito, melou bem uns 20 sacos de açúcar (risos), já estava quase na hora de pegar o caminhão, quando fomos embarcar o açúcar, uns quinze a vinte sacos todos melados.

De São Paulo fomos para Quintana, demorou uns três dias, fomos no mesmo caminhão. Viemos para trabalhar na roça, de empregado, morando na terra dos outros. Pegava fazendeiro para plantar algodão, milho. Minha mãe ficava em casa, monte de filhos para lavar roupa, puxar água naqueles poços de mão. Nós viemos rolando, Quintana, Presidente Prudente, Venceslau, Paraná, até chegar aqui, Paraná no interior também, na colheita de café, morou aqui muitos anos, mas morreu em São Paulo, foi se tratar e morreu lá.

A vinda para o Major Pedro

Viemos para cá, o pai plantou uma rocinha de algodão que deu boa, aí juntou um dinheiro e veio para cá, comprou um sítio aqui, era pouquinho, seis alqueires. Foi preciso derrubar e tudo. O pai do Zé Miguel ia de a pé em Dourados, buscar meio saco de milho para comer, buscar em Dourados. Não tinha nada aberto, derrubamos a mata.

O Coronel Pedro venceu a guerra e estava vendendo essas terras para os pobres, aí vieram e compraram, ficou sabendo através de outras pessoas. Major Pedro era pernambucano, conheci ele, ele ia à nossa casa, tinha um olho bem claro e outro era vermelho, ele falava isso aqui é de matar gente. Major vai para a guerra, vence a guerra, eles pagam uma prenda, ele preferiu a terra e para vender pedaços de terras pequenas, para agregar bastante gente e assim ele o fez, no Major Pedro. Tinha lote ali de quatro

famílias. São José tinha feira dia de domingo, ali no Major Pedro dos moradores antigos que eu conheço, só tem um que é o Compadre Loro. Os outros que estão lá são filhos, netos, Dorivaldo, José Aparecido, já chegaram na década de 70, compadre Loro não conhece ninguém, é meu compadre, eu chego lá ele fica olhando assim...

Aqui trabalhamos com algodão, amendoim, mamona, teve uma chuva de pedra uma vez, em 1965, destruiu bastante, na casa de pai, ele mediu um metro de pedra, ela cai deitada devido o vento. A lavoura perdeu tudo. Nunca retornei ao Nordeste, ficou uns tios e primos por lá, gente fraca não vai para canto nenhum. Não tenho saudade de lá. Hoje o nordeste está igual aqui, mas na época só quem tinha boa vida lá era o fazendeiro, tinha terra, gado. Hoje tem muitos caras que vem aqui para cortar cana, tem família, tem casa própria, naquele tempo era ruim demais.

Memórias de familiares: Lampião, padre Cícero e os causos do nordeste.

Meu pai conheceu Lampião, um dia o pai estava jogando num açougue, acho que era baralho, veio aquela turma danada, pegaram o baralho esconderam, pegaram a carne salgada, Lampião falou: Precisa me enganar não, estão colocando a carne aí, mas vocês estavam eram jogando, não minta não, pode falar a verdade. Outra vez a mãe do pai estava cozinhando uma panela de feijão no meio do terreiro, quando a minha vó viu aqueles homens, tudo com espingarda, Lampião na frente, ela fez uma rodia, tirou a panela do fogo, colocou na cabeça e foi correndo. Lampião disse: corra não comadre, não vamos fazer nada com a senhora, não. Pode voltar para trás e cozinhar a panelinha do seu feijão, ele ia fazer mal para uma coitada daquele, um sofrimento daquele. Lampião disse, olha não minta, porque se mentir e eu descobrir, aí a senhora morre. A polícia passou aqui ou não passou? – Ela disse: Aqui não passou polícia não. Ele disse, fiquem com Deus. Meu pai conheceu ele.

Mãe contava a história do padre Cícero, que ele falou, que o Norte iria virar Sul e o Sul virar Norte, e está dando certo. Aqui a chuva está pouca e no Nordeste chovendo direto. Meus pais eram católicos. Meu pai conheceu Luiz Gonzaga. Disse uma vez que ele Lampião chegou no baile, o cara tocando sanfona e outro assoviando a mesma coisa, ele falou, pode parar com a sanfona, que vai ser só no beijo, disse que quando era duas horas da manhã, estava com o beijo dessa grossura, não saia mais nem voz. O povo tinha medo daquele homem. Lampião tomava na marra dos fazendeiros e ajudava aos pobres, dava uma boa recompensa aos mais fracos. Quem falasse bem dele, ele ajudava.

Teve um caso que ele chegou na casa de uma velhinha, ele falou: - Dá para fazer um almoço para nós? Ela fez e esqueceu de colocar sal e no meio dessa turma tinha um negro, diz que ele tinha os olhos da cor de sangue, vermelhos, de vez em quando pegava o punhal e dizia: Nunca mais sangrei um. Todo mundo almoçou, contente, não falou nada. O negro disse: É a comida estava boa, mas estava sem sal. A mulher disse: Vixe meu Lampião, me perdoe pelo amor de Deus, eu esqueci do sal. Lampião disse: Não dona, não tem nada não. A senhora tem sal? Ela falou, tenho um pouco. Trouxe uns dois quilos. Lampião fez ele comer todinho. Morreu de tanto beber água.

O (re)sentimento de ser nordestino

Um lugar ficar cinco ou seis anos sem chover, o que é que dá? Aqui passa dois meses sem chover, o cara fica doido perdendo as coisas tudo. Fome não passamos por lá, mas precisão passamos bastante. Quando não tinha carne do mato, tinha farinha, com água de mina (água boa, sem cloro). Nordeste é ruim.

2.3.4 Josefa Tereza da Silva

Se eu for contar meu sofrimento, você tem que ter um caderno para anotar tudo!

A vida sofrida no Pernambuco

Nasci em 1943, na cidade de Pau Ferro/PE, meus pais viviam de roça, de plantar, lá no Norte, vim com 2 anos de lá, lembro de pouca coisa. Eu tenho 3 irmãs, mas uma morreu e tinha 1 irmão, família pequena. Eu, Alaíde, Lindalva, Lilia, eram quatro mulheres, e um menino, só um homem, teve uma que sumiu, casou nós éramos todos pequenos e ela sumiu mais o marido, sei nem para onde, não soube mais notícias, ela casou e desapareceu mais o marido, eu sou a caçula, vim de lá com dois anos.

Casamento e as relações familiares

Tenho 62 anos de casada. Só casei uma vez até agora (risos), tem mulher que casa tanto, né. Hoje em dia quando dura um casamento é um milagre. Minhas irmãs que moram lá em Prudente ainda são solteiras, nunca casaram e acho que nunca tiveram namorado também, e outra teve cinco filhos, quase todos mudos e surdos, porque são casados entre parentes.

Tenho filhas a Ângela, Luzia do Dirceu, outra que mora lá em São José, tenho um filho que está aí passeando, e tinha o Paulo (in memoriam) que faleceu de moto. Ele faleceu em janeiro de 2013 (coincidentemente entramos no assunto, pois eu o conhecia e havíamos tirado carteira nacional de habilitação na mesma época, fazíamos aulas juntos, no ano de 2009).

Esse também é meu filho (estava entrando um rapaz no momento da entrevista) ele é solteiro, na verdade ele já casou, mais descasou também (risos). 15 anos lá em São Paulo e o Paulo veio morrer aqui, que tragédia...

Quando meu filho Alcemir foi tirar a carta, meu neto Gabriel disse: Ah, vó, acho que tio Alcemir não vai passar, porque ele não tem estudo. Era sabido, mas não tinha estudo. Já tinha dirigido caminhão, trator, carro, tirou em primeiro lugar. Esse meu menino dirige trator.

Memórias do nordeste e da infância em São Paulo

Vim do nordeste com 2 anos, lembro de pouca coisa, lembro assim, quando vimos do Norte, eu era pequena, eu via o povo comendo farofa em cima do caminhão, que era o pau de arara, nós mudamos para Quintana/SP próximo de Marília, morávamos no sítio, não lembro de quase nada.

Meus pais vieram porque estava fraco lá, você sabe né? Ele veio para São Paulo, passou um ano, trabalhou para poder buscar minha mãe. A mãe ficou no nordeste sozinha durante um ano. O João meu esposo ainda trabalhou lá, ficou um tempo, veio era maior.

Lembro-me ainda quando morávamos em Quintana/SP, ali lembro. Comecei a trabalhar na roça quando casei, a Luzia cuidava e eu ia para a roça, achava melhor ir para a roça. Na enxada, fazer coivara, carpir arroz, carpir feijão.

A vinda para o distrito de São José

Eu já morei no Paraná, com meu pai, tocávamos roça, passamos muito tempo lá. Vimos para Mato Grosso, salvo engano viemos em 1961 para cá, o João vai saber melhor, viemos direto para cá, na colônia do Major Pedro, aqui era tudo carreador. Vimos de São Paulo para cá de caminhão também. Veio eu o esposo e o filho mais velho.

Eu estava em Venceslau, já estava casada, a viagem de Venceslau para cá, durou cinco dias e foi de pau de arara, quando chegamos o caminhão estourou o pneu, quase morro de medo, quase estoura comigo em cima!

Quando chegamos, não tinha nenhuma casa em São José, depois apareceu a casinha daquele crente, só tinha mato, quando viemos e passamos em Vicentina, aqui não era nem a metade de São José. Era só carreador. Morava uma colônia de gente, bastante gente do Nordeste, alguns vindos de São Paulo também. O compadre Loro é cearense, até hoje ele está lá ainda, pai daquele tocador o Di Assis.

Migrante por natureza

Só for contar tudo o que passei... menino chorando, com fome, sem ter onde comprar... aqui antes nessas estradas, não é que nem agora. Daqui fomos para o Paraná, tocamos roça, passamos por Terra Boa, Cianorte, passamos quatro anos no Paraná e

depois voltamos para a mesma casinha no Major Pedro. Se eu for contar meu sofrimento, você tem que ter um caderno para anotar tudo!

Lutas e tempos difíceis

Tivemos muito sofrimento na roça, a gente era fraco, moleque adoecia, meu filho mais velho faleceu com 14 anos, ele morreu de reumatismo no sangue, morreu de repente, cedinho, eu fiquei ruim, um dia, fui pra Fátima, quando deitei, uma dor nos braços, aí levantei de madrugada. Tenho muita história para contar. É coisa assim. Do norte não lembro muita coisa.

Da viagem, meus tios ficaram ruins, quase morreram de dor de barriga, João conta (risos). Conheci o João em Venceslau, casei tinha 14 anos, achava melhor casar do que viver pelas casas, não tinha mãe e nem pai, meu irmão foi embora para outro lugar com minha irmã.

Memórias familiares, pai, mãe, filhos e netos

Minha mãe faleceu quando eu tinha 12 anos, aconteceu um negócio e minha mãe morreu de desgosto, ficou doente, abalou o coração, morreu de repente, meu pai foi para o Norte, lá ele casou com outra e veio para o Paraná, aí demorou para a gente se encontrar, sabe. O meu pai morou aqui em Vicentina, lá no São José e também morou em Fátima.

Tenho um bocado de netos. Tenho 8 netos, tenho 4 bisnetos já. Davi, Alana, Felipe e Leandro. É que cada um teve só dois filhos. Eu tive onze, mas morreu um pouco, morreram pequeno, que adoecia, nascia e logo adoecia e depois morria. Eu fiz uma operação, que eu tive aquela doença, mas não voltou nem vai voltar. Eu operei na Cassems, mas graças a Deus, nunca mais senti nada.

O Nordeste

Você viu o que está acontecendo em Pernambuco? Morrendo gente enterrado. Fazem as casas em lugares perigosos. O norte para mim, eu nem lembro. Não sei como é o norte, só vemos as notícias pela TV e pelas lembranças de nossos antepassados.

O referido capítulo transmitiu na íntegra as entrevistas realizadas. Foi feito todo o procedimento de transcrição, textualização e transcrição, bem como a busca do tom vital de cada entrevista, dos pontos mais abordados por cada entrevistado e pelo conjunto dos colaboradores. Após todo esse processo retomamos as entrevistas e levamos até nossos colaboradores, apresentamos as entrevistas e eles autorizaram a utilização na pesquisa. Com o desenvolvimento das entrevistas, organizadas em redes, finalizamos o segundo capítulo.

Em um próximo momento irei abordar e analisar a partir de um contexto histórico as falas dos colaboradores, tendo em vista, que eles possuem similaridades e dessemelhanças, por isso a investigação histórica se faz necessária na labuta do historiador, presente em todos os momentos na análise dos processos históricos, bem como os deslocamentos populacionais dentro do país, na qual a migração é tema recorrente em nosso estudo.

A partir do terceiro capítulo irei abordar a experiência de vida dos migrantes nordestinos em terras mato-grossenses, para isso num primeiro momento iremos analisar o processo de formação da sociedade vicentinense e sobre a CAND. Depois sobre o processo migratório desde a saída da terra natal, processo de transição e a chegada onde hoje é o município de Vicentina, discutindo assuntos pertinentes que foram levantados principalmente no decorrer deste segundo capítulo da referida pesquisa.

O terceiro capítulo traz destaque para discussões de atores que atuaram de forma muito presente na memória coletiva, como o padre José Daniel, padre Roberto, padre Cícero e outros que se fizeram presentes nas falas dos colaboradores, bem como de assuntos que estiveram dentre os mais citados nas referidas entrevistas.

CAPÍTULO 3 - DE LÁ PARA CÁ E DE CÁ PARA LÁ: A EXPERIÊNCIA DE VIDA DOS MIGRANTES NORDESTINOS. ANÁLISE TRANSCRITIVA E DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA.

Até mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão.
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração.

(Luiz Gonzaga¹⁵ e Humberto Teixeira¹⁶)

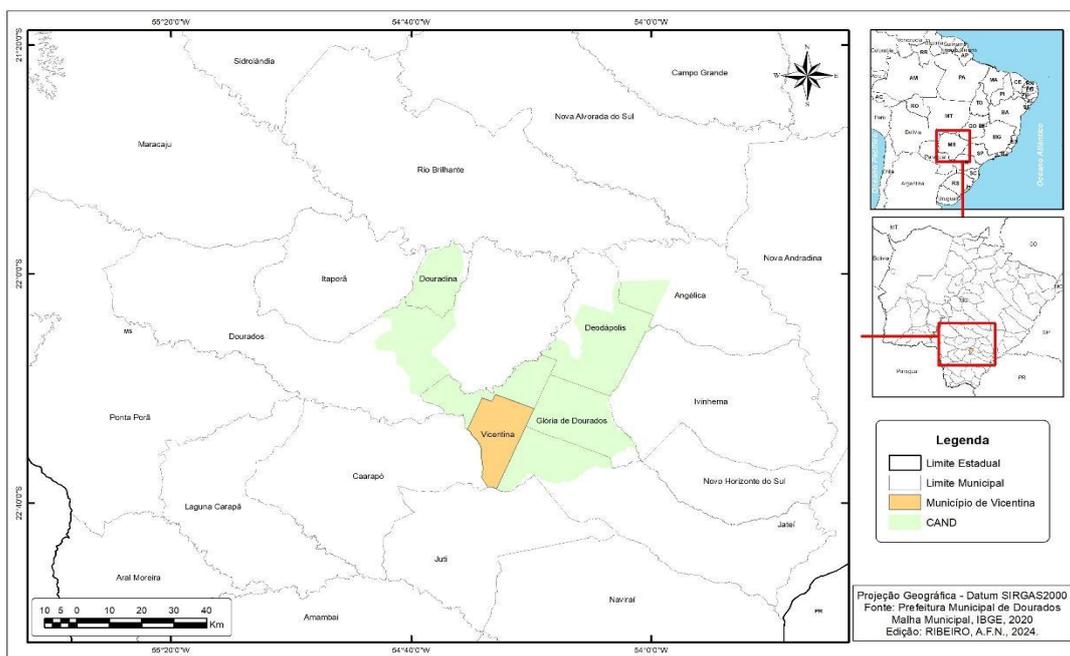
¹⁵Luiz Gonzaga (1912 – 1989) cantor e compositor brasileiro, também conhecido como o Rei do Baião.

¹⁶Humberto Teixeira (1915 – 1979) advogado, político e compositor brasileiro, um dos grandes parceiros musicais de Luiz Gonzaga.

3.1 O processo de formação da cidade de Vicentina

Vicentina, um pequeno município da Região da Grande Dourados, com 6.336 habitantes, área territorial de 312.429 km², densidade demográfica de 20,28 hab/km², conforme Censo do IBGE de 2022. No mapa abaixo, mostramos a localização de Vicentina e a localização aproximada da CAND.

Mapa 1 - Localização de vicentina e da CAND



Fonte: Prefeitura Municipal de Dourados, Malha Municipal, IBGE.2000. Edição: Ribeiro, A.F.N, 2024.

A CAND atuou como uma mola propulsora na possibilidade de chamar a atenção para migrantes de várias regiões do país. Através de propagandas oficiais ou através das falas das pessoas que repassavam umas às outras que a região poderia ser ocupada por pessoas de outros lugares e que o governo pretendia trazer novas pessoas para a região, para deixar a mesma mais populosa, aumentando a produtividade da região e ocupando mais mão-de-obra.

Nesse aspecto, a cidade de Vicentina, por estar inserida na CAND, também foi uma região diretamente impactada pela ação da força migrante, que acabou ajudando no processo de consolidação local, com a presença de vários migrantes dos mais variados locais do Brasil e do mundo, com uma grande camada de migrantes nordestinos que acabaram chegando ao local em busca de novas oportunidades para si e para suas

famílias. Conforme relatado pelos colaboradores em vários trechos das entrevistas trazidas no capítulo 2.

Vicentina inicialmente fazia parte da cidade de Dourados, depois pertenceu a Fátima do Sul. Conquistou a sua emancipação após um processo que durou mais de 11 anos de luta (1976 – 1987) e diversos plebiscitos realizados para conseguir sua emancipação política e administrativa, chegando a ser conhecida por um determinado período como a “cidade dos plebiscitos”. Um dos nossos colaboradores, o senhor José Martins Neto (popular Martinzinho) participou diretamente desse processo da luta pela emancipação política-administrativa do município. Algo importante e que pudemos analisar é que os líderes do processo de emancipação política-administrativa vieram depois a se tornarem os líderes municipais, ocupando os espaços e cargos públicos, se destacando principalmente na ocupação do espaço da representação política do município.

O processo de colonização da era Vargas, durante o período ditatorial do Estado Novo, iniciou-se a partir da chamada Marcha para Oeste, no fim dos anos 30, e que se intensificou no início dos anos 40. Vargas tentou realizar a integração nacional com a ocupação dos chamados “vazios demográficos” e ao mesmo tempo buscou implementar um sentimento nacionalista ao povo brasileiro.

Durante esse processo, Vargas ficou conhecido como um hábil político e que tentava agradar setores variados da sociedade como os militares, oligarquias e mais ao final da década de 1930, os operários (Napolitano, 2016, p. 157). Nesse contexto Vargas também buscou a “inserção” e “valorização” da figura indígena. Processo iniciado em 1934 com a instituição do Dia do Índio. Mais à frente na década de 1940, Vargas foi o primeiro presidente a visitar uma aldeia indígena, na Ilha do Bananal (Garfield, 2000, p. 16), ao mesmo tempo em que parte de integrantes do seu governo consideravam o indígena de forma homogeneizada e também com o intuito de tutelar a população indígena, considerando serem incapazes de seu próprio destino frente à sociedade.

Nesse ambiente de alianças e desavenças que Vargas comandava a sociedade durante seu primeiro governo, bem como na ditadura do Estado Novo, foi pensada e planejada a Marcha para Oeste. Regiões como Norte e Centro-Oeste foram as mais impactadas com tal projeto, e a região da Grande Dourados está inserida nesse processo, que trouxe uma grande leva de migrantes, gaúchos, paulistas, catarinenses, mineiros, e claro, nordestinos. Nesse aspecto, a presença nordestina se intensificou a partir da

Marcha para Oeste, em busca de uma nova perspectiva de vida, promessas de novas oportunidades, com terras “férteis” e produtivas.

Vargas preocupou-se nesse processo de interiorização, que já era uma antiga reivindicação do movimento tenentista¹⁷, que via um interior meio “escanteado”, na qual o Estado brasileiro não olhava para tal população. Vargas compreendendo a demanda e buscando agradar mais outro setor da sociedade, juntando com a ideia da política de dinamização da economia, principalmente da economia interna, realiza esse processo de colonização. Assim, pensando territorialmente na ocupação e defesa de “áreas vazias”, bem como na dinamização do mercado interno para aquecimento da economia brasileira, que havia sofrido muito com a Crise de 1929 e a derrocada da economia cafeeira.

As medidas de nacionalizar e colonizar foram parte da forma encontrada de barrar o latifúndio e o poder exercido por meio da Companhia Mate Laranjeira, que dominava politicamente e economicamente o sul de Mato Grosso. Poder este, exercido desde o fim da Guerra da Tríplice Aliança, em que o Brasil anexou parte do território que estamos discutindo em nossa pesquisa.

A Companhia Mate é referência pelo fato de ter exercido não somente poder econômico e político, mas, sobretudo, pela grande concentração de terras devolutas sob seu domínio, destacando no Sul do Estado de Mato Grosso, por meio da exploração da erva-mate nativa, onde há grande concentração de terras (Naglis 2014, p. 29).

Outro aspecto importante é que a Mate Laranjeira ocupava mais mão de obra de paraguaios, o que significava que além de ocupar um vasto espaço territorial e lucros muito grandes, gerava emprego e renda para a população paraguaia. Dessa maneira, ia contra a ideia nacionalista de Vargas, de dinamizar a economia e integrar o território com a ocupação de brasileiros, reforçando a idealização da identidade nacional brasileira.

Porém, a Companhia Mate Laranjeira tinha seu domínio econômico sustentado por antigas alianças com oligarquias consolidadas regionalmente, o que acabou atrapalhando as ações do governo federal em alguns momentos. O governo Vargas agiu de forma autoritária (uma das facetas de Vargas, que foi demonstrada principalmente entre 1937 – 1945, através do Estado Novo, regime golpista-ditatorial), por meio do Decreto-Lei n. 5.812 de 13 de setembro de 1943, que criou o Território Federal de Ponta

¹⁷ Movimento político-militar na década de 1920, com militares em sua maioria de baixa patente, um dos principais líderes foi Luís Carlos Prestes.

Porã, vinculando a referida área à União. Com essa medida, as terras até então controladas pela Matte foram liberadas e pelo Decreto-Lei n. 5.941 de 13 de setembro de 1943 foi criada a Colônia Agrícola Federal de Dourados (Oliveira, 2013, p. 14).

As relações de poder perpassavam também por disputas econômicas entre povos distintos, com uma corrente migratória de gaúchos que começaram a povoar também a região da fronteira, mais especificamente onde posteriormente seria a cidade de Ponta Porã. Os paraguaios, os indígenas, além da Cia. Mate Laranjeira, que era a principal dona de terras da região.

Os lotes eram doados a cidadãos brasileiros, maiores de 18 anos, pobres e aptos aos trabalhos agrícolas, com preferência para as famílias com maior número de filhos. Os agricultores, além da terra, receberiam outros benefícios. Os lotes, rurais ou urbanos, não poderiam ser negociados antes da expedição do título definitivo de posse. Colonos imigrantes estrangeiros poderiam, excepcionalmente, ser aquinhoados, quando os seus conhecimentos especiais agrícolas servissem como exemplo. Seriam excluídos dos lotes os colonos que desvalorizassem a terra com excessivo desmatamento, ou não seguissem os critérios estabelecidos no interior do projeto. Cada agricultor era responsável pelo zelo da limpeza de vales, valetas, além de contribuir para conservação de estradas e caminhos mais próximos. Os títulos definitivos seriam expedidos pela Divisão de Terras e Colonização, com dados de individualização e assinados pelo Presidente da República (Oliveira, 2013, p. 24-25).

Conforme a discussão que teremos mais à frente nas falas de nossos entrevistados é que essa realidade não foi concretizada. O colaborador Expedito Martins, por exemplo, em sua fala relata que apenas ele ainda se encontra no lote que foi doado na década de 1950, o restante vendeu, trocou, devolveu, somente ele se encontra nas terras doadas na época da colonização.

Mesmo a região onde está localizada a cidade de Vicentina tendo predominantemente áreas rurais de minifúndio, o que mostra que a ideia de reforma agrária pensada por Getúlio ainda nos fins da década de 1930 mantém-se, evidentemente com muitas mudanças, com uma grande evasão que ocorreu a partir da década de 1960. Por conta do êxodo rural, as mudanças são perceptíveis, a mecanização do campo, as lavouras voltadas para a exportação, mesmo os pequenos proprietários, em grande parte, acabam se inserindo neste contexto de produzir para exportar, devido ao comércio local ser baseado na produção do binômio soja-milho, na cana-de-açúcar. Até

a pecuária teve uma grande redução na área produtiva no município no decorrer dos últimos anos com a expansão principalmente da cana-de-açúcar.

O padre José Daniel é uma das principais figuras presentes na memória coletiva, não só dos nordestinos que migraram para a região da Grande Dourados, mas de toda a população. Tendo em vista os lugares da cidade que recebem o seu nome, como a principal avenida do município e a principal escola do município. Apesar da crescente expansão do protestantismo, principalmente alavancada pelas emissoras de rádio e televisão, a cidade de Vicentina possui uma maioria católica. Além da Igreja Matriz, todas as linhas do município têm uma capela da Igreja Católica, além dos dois distritos (São José e Vila Rica) e possui também o Santuário de Santa Terezinha, que atrai fieis de toda a região durante as festividades realizadas no município. O feriado municipal é comemorado no dia 1º de outubro, uma data com uma grande festividade na cidade.

As relações de poder são bastante citadas nas entrevistas de nossos colaboradores. Movimentos comunistas, a expansão do pentecostalismo, com destaque para a Igreja Assembleia de Deus, a ditadura civil-militar, o processo de redemocratização brasileiro e o próprio processo de emancipação político do então Distrito de Vicentina. Os acontecimentos a nível nacional influenciaram também o referido lugar. A admiração de uma parcela dos migrantes por Getúlio é personificada na fala e também em objetos como o retrato de Getúlio, como a famosa canção Retrato do Velho, diz: “Bota o retrato do velho outra vez, bota no mesmo lugar, o sorriso do velhinho faz a gente se alegrar.” (Composição de Haroldo Lobo¹⁸ e que tem como intérprete mais famoso da música, o cantor Francisco Alves¹⁹), composta no ano de 1950 no retorno de Vargas, neste momento, democraticamente eleito no pleito daquele mesmo ano.

3.2 A Colônia Agrícola Nacional de Dourados, os migrantes e a historiografia.

A Colônia Agrícola Nacional de Dourados sempre foi relacionada pela historiografia da política da Marcha para Oeste, ambas caracterizadas como criações de Getúlio Vargas, mas que passaram por políticas de estado de outros governos como João Goulart e Juscelino Kubistchek.

¹⁸Haroldo Lobo (1910 – 1965) foi um compositor musical brasileiro.

¹⁹Francisco Alves (1898 – 1952) foi um cantor brasileiro.

Nesse contexto, a cidade de Vicentina como núcleo populacional inicia sua formação, no ano de 1951. O senhor Manoel Nonato, nascido em Assaré/CE, havia chegado em Vicentina, conforme relato de familiares e de colaboradores da pesquisa. Não foi possível entrevistar ele devido à idade e ao estado de saúde. No decorrer da pesquisa ele completou 100 anos de idade e posteriormente acabou falecendo.

Essa mistura de povos é muito presente ainda atualmente na cidade de Vicentina e nas falas de nossos colaboradores. É perceptível nas relações que em momentos são amistosas e em outros momentos se configura de maneira conflituosa. Podemos considerar que as relações humanas, se dão desta forma, em momentos de proximidade e outros momentos de distanciamento.

A história oral enquanto possibilidade de construir novas pontes, novos caminhos, através do que Portelli frisou como Arte da escuta, abre um novo pensar sobre as relações entre diferentes povos, a partir das histórias de vida. Nordestinos, japoneses, paulistas, mineiros, gaúchos, paranaenses, indígenas, fazem parte da construção histórica que é a cidade de Vicentina.

Com a colaboração dos nossos entrevistados, pudemos através da escuta, compreender as emoções, preconceitos sofridos e manifestados, as dificuldades, os erros cometidos, os arrependimentos, as alegrias. A memória, por ser viva e ser oxigenada, se renova e é seletiva, tem por trás da fala e da narrativa de cada colaborador, um sentido para tal explicação. O tempo se desvincula de experiências de vida, passando a exercer controle sobre o cotidiano de cada pessoa. O fim da tradição oral e o surgimento da escrita também apontam para a perda de transmissão de conhecimento e valores entre as diferentes gerações. A memória, agora transmitida em textos, repassa apenas parte das informações que foram vivenciadas (Santos, 2003, p. 23).

A tradição oral foi perdendo espaço, conforme relata um dos nossos colaboradores, o senhor Martinzinho, sobre a principal influência nas décadas de 1950 e 1960. Eram as transmissões orais através de familiares, a religião, a música, as formas de se expressar, eram em sua maioria com a tradição oral familiar, diferentemente dos dias atuais, com redes sociais e influenciadores. O contexto da época era muito diferenciado do que vivenciamos atualmente, por isso a tradição oral relatada pelo colaborador acabou perdendo espaço para os meios de comunicação (rádio e televisão) e mais recentemente para outras formas de comunicação como as redes sociais que se tornaram muito presente nos lares brasileiros.

3.3 Vidas em trânsito: o processo migratório

Ao analisar as histórias de vida dos migrantes, uma situação muito interessante foi encontrada, praticamente todos os migrantes tiveram uma passagem por outro local, antes de chegar à cidade de Vicentina. Alguns demoraram mais tempo e outros por um período mais curto.

Esse processo transicional é presente em quase todas as narrativas dos colaboradores. A transição remete, muitas vezes, a um processo de adaptação ou também na espera de ser contemplado com um lote dos que foram doados na época da colonização de Dourados.

O interior paulista era um destino muito recorrente entre os migrantes nordestinos. Muitos acreditavam que estar na região do estado de São Paulo seria um espaço melhor para conseguir mudanças positivas em suas vidas e de suas famílias, visto que, o estado paulista já se consolidava como a maior economia nacional e trazia para o migrante a esperança de dias mais felizes para os que buscavam um novo lugar.

A chegada até o antigo Mato Grosso não foi planejada por todos, o destino final em muitos casos ocorreu por influências de terceiros (familiares e amigos) que ao retratar as melhorias que alcançaram em terras mato-grossenses, passaram informações sobre o Mato Grosso e das possibilidades de melhorar suas vidas neste novo lugar. A CAND foi um fator que atraiu muitas pessoas, pois entre as dificuldades encontradas no nordeste e a busca de melhorias, arriscaram uma mudança, em muitos casos bastante arriscada.

Abaixo uma tabela com os lugares que os migrantes passaram antes de chegar até Vicentina.

Quadro 6 - Locais de transição dos migrantes

Colaborador	Local de transição	Período
Expedito Martins de Moura	Indápolis/MS	1952 – 1954
José Martins Neto (Martinzinho)	Indápolis/MS	1952 – 1954
José Bernaldo dos Santos (Zé Vermelho)	Cruzaltina/MS	1954 – 1957
José Alexandre Filho (Zeca Alexandre)	Presidente Prudente/SP	1958 – 1968
Otacílio Dutra Duarte	Dom Pedro/MA	1978 – 1982
Antonio Fernandes de Souza (Biba)	Juscimeira/MT	1970 – 1974

Idelfonso Soares Barbosa (Dézinho)	Caarapó/MS	1953 – 1954
José Rodrigues de Alencar (Zé Miguel)	Caarapó/MS	1953 - 1954
Joao Possidonio da Silva	Quintana/SP	1949 - 1961
Josefa Tereza da Silva	Quintana/SP	1949 -1961

Fonte: Organizado pelo autor, 2024.

O processo de transição se dá em praticamente todos os migrantes, alguns permanecem mais tempo, outros logo já vêm para Vicentina. Isso pode ser explicado entre migrantes que vieram através da aquisição dos lotes (compra) e dos migrantes que vieram em busca de aquisição através da doação do governo federal. O senhor Expedito é um exemplo que esperou por dois anos no distrito de Indápolis, onde se localizava a sede da colônia e por lá ficou com sua família até conseguir um lote para se mudar definitivamente. Já o caso do senhor Zeca Alexandre remete a outro processo, em que o mesmo ficou por dez anos no interior paulista para depois conseguir comprar o seu lote de terras onde hoje está localizado o município de Vicentina.

A transição é importante para compreender o processo migratório, pois ocorre muitas vezes de uma pessoa migrar para um determinado local e não se adaptar ao mesmo, seja pela falta de oportunidades ou por outro motivo, como as mudanças climáticas, então as pessoas acabam novamente buscando outro espaço para se alocarem. Entre os entrevistados pesquisados nesse estudo, essa transição ocorreu em todos os casos, mostrando que chegar ao antigo Mato Grosso poderia não ser a princípio o objetivo de cada um deles. Ao mesmo tempo, a partir do momento que chegaram em Vicentina, encontraram outras pessoas que possuem trajetórias parecidas com os caminhos que um dia também percorreram.

3.4 Entre idas e vindas: nordestinos em Vicentina

Os migrantes são os principais atores dessa construção, uma vez que o objeto de estudo são as memórias de migrantes nordestinos, buscou-se no decorrer do trabalho, que cada colaborador pudesse retratar parte de sua vivência, seja no Nordeste ou em terras vicentinenses. Esse aspecto muito importante é a liberdade que cada colaborador possui para manifestar sua memória de expressão oral, selecionando as memórias seja por afetividade, por trauma, por memórias individuais e coletivas.

É necessário salientar que as entrevistas retratam as histórias de vida dos colaboradores e em nenhum momento do trabalho busquei fazer uma leitura romantizada, mesmo que em alguns instantes possa haver leituras que demonstram uma possível literatura romântica. Com o decorrer do projeto pude identificar que os migrantes nordestinos são sujeitos que possuem suas contradições e preconceitos, que como todas as outras comunidades, também possuem, tanto no sofrimento como na manifestação, e isto é muito perceptível no decorrer do projeto com o andamento das entrevistas.

A vida no Nordeste é tratada pelos colaboradores de formas muito distintas, alguns rememoram com nostalgia, outros relembram com tristeza os momentos que viveram em sua terra natal. Mas um ponto em comum é que compreendem que a mudança para outro lugar foi importante na sua vida e de seus familiares, acarretando sucessivos desdobramentos para todos.

Um dos principais assuntos rememorados pelos colaboradores, diz respeito à moradia na terra natal, ao formato das casas, à vegetação do lugar em que nasceram e viveram por determinado período. Desde a seca total até lugares marcados pela presença de ribeiras, córregos, lagos e rios, mostram a diversidade dos lugares que vieram os migrantes nordestinos.

Nas narrativas dos colaboradores, a maioria mostrou ter enfrentado dificuldades enquanto morava na região Nordeste, devido ao clima, seca e fome. Muitos deles rememoram não só através de suas lembranças, mas também através de lembranças paternas/maternas as dificuldades encontradas na região. Com uma alimentação baseada em comidas típicas, que também eram opções possíveis na região. Cuscuz, café com rapadura, feijão de corda, feijão fava, feijão andu, carne de bode, através da leitura de algumas entrevistas podemos analisar que o arroz era um tipo de especiaria na região Nordeste, utilizado somente nas refeições em momentos especiais, como nos casamentos e batizados.

A presença nordestina em Vicentina era tão forte, que o colaborador Zeca Alexandre relata que passou dez anos em São Paulo, uma década perdida, mal conversava com as pessoas no trabalho, e ao chegar no sul de Mato Grosso sentiu-se em casa, com nordestinos para todo lado.

No decorrer do projeto e das conversas realizadas no cotidiano, encontrei diversas outras pessoas de origem nordestina, porém, como as redes se formam de maneira natural e através das citações ou indicações dos colaboradores, não foi possível

colocar todas as histórias de vida neste projeto. Porém tais memórias e histórias contribuem nas análises e nos desdobramentos deste trabalho e é possível pensar em um futuro projeto com outros colaboradores, principalmente com a presença das mulheres nesse espaço de fala sobre as histórias de vida.

Os momentos com a família, a lembrança dos pais e avós está sempre recorrente nas memórias dos colaboradores. A família como uma das maiores instituições da sociedade, também é base das lembranças memoradas por nossos colaboradores, mostrando a influência que a base familiar possui na sociedade, na própria tradição oral, na religião, na paixão pelos esportes, entre outros aspectos.

A maioria dos colaboradores relatou que iniciaram suas atividades na roça, na atividade rural, ajudando seus pais ou avós, desde carregando ferramentas até carpindo roças a base da enxada. Apesar de alguns colaboradores memorarem poucos momentos a região Nordeste, o trabalho dos pais é uma das principais falas, em sua maioria, marcadas pelos momentos difíceis.

Algumas narrativas se contrapõem e se contradizem, mas após a análise realizada, compreende-se que a maioria viu na possibilidade de migração, a chance de uma nova oportunidade de recomeçar a sua vida, pois naquele momento a região Nordeste não possuía uma infraestrutura que comportasse o desenvolvimento e a melhora das pessoas e de seus familiares. Na fala do colaborador Exedito em diversos momentos de sua vida, ele deixa claro que vir para o antigo Mato Grosso foi um livramento de Deus.

Em outras narrativas, a vinda ocorreu devido motivos fúteis, brigas com parentes, vizinhos, não foi a seca o principal motivo da migração. Também não compreendem o Nordeste com uma familiaridade tão grande, a característica identitária é bastante discutida, pois, nesse aspecto, há aqueles que têm um orgulho de ser nordestino enquanto outras pessoas mostram indiferença em ser nordestino.

A identidade é algo móvel e em constante transformação, e os sujeitos moldam e modificam suas identidades que são influenciadas pelos lugares que moram, pelas pessoas com quem convivem. Os trânsitos de lugares, de culturas, da influência das linguagens, dos costumes, estão presentes nos hábitos cotidianos dos migrantes. O próprio conceito com o qual estamos lidando (identidade), é demasiadamente complexo, pouco desenvolvido e pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova (Hall, 2006, p. 08).

O pau de arara foi o principal meio de transporte utilizado pelos migrantes para se deslocar da região Nordeste até o seu destino. Alguns para outros estados e outros que vieram diretamente para Mato Grosso do Sul. O pau de arara, era uma adaptação de um caminhão boiadeiro, trazia muitas pessoas, conforme relato dos nossos colaboradores chegavam a trazer até cerca de 40 pessoas, sem nenhum conforto e sem nenhuma salubridade, não possuía local para cozinhar, nem banheiro para realizar as necessidades diárias. O pau de arara era um transporte tão popular que uma música retratava a seca e a migração através desse transporte utilizado na região Nordeste, a música Último Pau de Arara, que foi gravada por diversos nomes da música brasileira. Entre eles Fagner²⁰, Gilberto Gil²¹, Zé Ramalho²² gravaram em algum momento da sua carreira a música.

Os caminhões eram transportes de carga, e acabaram improvisados para transportar passageiros. Na década de 1950 houve um salto grande no número de caminhões paus-de-arara, na carroceria dele colocavam bancos de madeira e uma cobertura de lona. O transporte de migrantes era um negócio lucrativo (Villa, 2017, p. 54).

Nas viagens de pau de arara era comum os passageiros passarem mal, ficarem doentes, até chegarem a óbito, além dos acidentes que aconteciam no percurso. A viagem é relatada com muito sofrimento pela maioria dos colaboradores, com longos dias de viagem. Casos em que parentes acabaram falecendo, adoecendo, passando fome, se alimentando de comidas estragadas, brigas e conflitos na viagem, com momentos de descontração, música, piadas e outros acontecimentos que marcaram a viagem. A fome, a falta de água, quase não se tomava banho nas viagens, os rostos e tecidos eram marcados pela poeira vermelha, as paradas nos postos ou nas rodoviárias eram os momentos de se realizar as necessidades básicas (Villa, 2017, p. 59). As grávidas e crianças eram as que mais sofriam com a viagem. Dois colaboradores (Dézinho e Zé Miguel) relatam terem perdido um irmão durante a viagem do Nordeste para o sul de Mato Grosso.

A vinda para um novo lugar, na maioria das vezes era através da migração familiar, nas entrevistas com os colaboradores não constatei nenhum colaborador que migrou de forma individual, característica da migração. Mesmo que atualmente a

²⁰ Raimundo Fagner Cândido Lopes, cantor e compositor brasileiro.

²¹ Gilberto Passos Gil Moreira é um cantor e compositor brasileiro.

²² José Ramalho Neto, mais conhecido como Zé Ramalho, é um cantor, compositor e músico brasileiro.

migração possa ser sazonal e individual em busca de oportunidades laborais, mas a migração desse período (1950 – 1980) tem a característica de ser acompanhada da família. Ainda como uma das características desse período é a utilização das cartas como meio de comunicação e diálogo entre pessoas que moravam em regiões distantes.

Atualmente, após as revoluções tecnológicas, se utilizam ferramentas como as redes sociais, para a comunicação entre pessoas até de continentes distintos, porém nesse período (1950 – 1980), as cartas eram o meio de comunicação, e a maioria dos nossos colaboradores relata que trocavam mensagens com parentes e amigos, que relataram através das correspondências as características da região em que estavam morando. Desse modo, ressaltando que as cartas demoravam um período até chegar a seu destino final, diferentemente das ferramentas usadas na sociedade atual, que permitem a troca instantânea de mensagens.

Os migrantes em alguns casos recebiam a notícia do novo lugar, em outros casos, os próprios migrantes faziam uma viagem até o local que iriam migrar para conhecer melhor as características do lugar, para depois retornarem a sua terra natal e explicarem para seus familiares como era o lugar que posteriormente iriam ocupar. Na maioria das vezes, vinham com algum parente ou amigo que já conhecia a região.

A forma como sabiam das áreas que estavam sendo preparadas para colonização eram também através das cartas ou das vias do rádio, tendo em vista, que o rádio era o principal meio de comunicação existente na época. Um programa muito ouvido na época e que existe até os dias de hoje é “A voz do Brasil²³”, considerada pelas pessoas mais antigas como se fosse o “Jornal Nacional²⁴”, em que as populações conseguiam se atualizar dos acontecimentos do país, principalmente das pautas políticas da época. O rádio teve papel importante na migração, pois, revistas, jornais e filmes raramente chegavam até o sertão. As emissoras cariocas até meados de 1960 predominaram como as mais ouvidas do sertão (Villa, 2017, p. 40).

A religiosidade do povo nordestino é muito presente não somente nas narrativas, como nos símbolos e objetos biográficos que carregam em seus lares. A predominância da religião católica é algo que pudemos entender através das falas de nossos colaboradores, com a inserção do padre Cícero como a grande liderança católica do Nordeste, não somente dos cearenses, mas dos nordestinos e de seus descendentes.

²³ Programa criado em 1935 por Getúlio Vargas, inicialmente chamado Programa Nacional. Em 1942 passou a se chamar A hora do Brasil e em 1962 passou a se chamar A voz do Brasil, programa mais antigo do rádio e que é obrigatoriamente transmitido por todas as emissoras de rádio.

²⁴ Telejornal brasileiro transmitido pela TV Globo desde o ano de 1969.

A memória coletiva da comunidade nordestina tem o padre Cícero como uma figura sempre lembrada, através das curas, das histórias, da tradição passada de pai para filho, a figura do “Padim Ciço” como carinhosamente é chamado, é marcante na comunidade afetiva dos migrantes nordestinos, em que até as pessoas protestantes entendem e respeitam a figura do Padre Cícero como importante para a região Nordeste. A cidade de Juazeiro do Norte é considerada como a “capital da fé”. É um centro de adoração religiosa pela Igreja Católica e sagrado para romeiros e devotos do Padre Cícero, sendo campo de importantes práticas religiosas ajustadas no catolicismo popular (Belizário & Souza, 2020, p. 176).

O catolicismo é tão presente na memória dos nordestinos, que os santos, os padres, a catequese, e até a certidão de batismo que por muitos anos substituía a certidão de nascimento, é citada nas entrevistas, num claro alinhamento entre a Igreja e o Estado.

O padre Cícero Romão Batista foi um conselheiro que superou a vida mística e espiritual e se plantou no chão das realidades sociopolíticas da região do Vale do Cariri, no Ceará. Destaca-se pela importância da função de conselheiro, que é decisiva na memória do catolicismo popular, na forma peculiar, o catolicismo sertanejo (Cruz, 2020, p. 188).

Os entrevistados deixaram a região Nordeste no período de 1952 a 1980 e uma análise de suas entrevistas, através das redes formadas, é que a região Nordeste nesse período tinha uma predominância da religião católica e era muito difícil haver protestantes naquele local, atualmente o protestantismo/pentecostalismo se expandiu nas regiões brasileiras, inclusive na região Nordeste. Chegando ao Mato Grosso do Sul, alguns deles se converteram. Como exemplo os colaboradores Expedito e Martinzinho (pai e filho), Expedito no ano de 1963 e Martinzinho alguns anos depois, ambos são membros da Igreja Assembleia de Deus no município de Vicentina.

Nas narrativas dos colaboradores, alguns deles relataram sobre a relação entre padre Cícero e Lampião (Virgulino Ferreira da Silva). Padre Cícero teria negociado com Lampião o apoio na luta contra o movimento da Coluna Prestes, considerado um movimento comunista dentro do país e que Lampião estava inclinado a apoiar.

Padre Cícero colecionava algumas polêmicas em sua vida, além de ser Padre, o mesmo tinha envolvimento com a política, tendo sido eleito o primeiro prefeito da cidade de Juazeiro, eleito vice-governador e também deputado federal. Tinha um pensamento conservador e contra o comunismo, sendo que Padre Cícero foi filiado ao Partido Republicano Conservador e atuou no pacto dos coronéis, dando suporte ao

movimento coronelista que havia no Nordeste no início do século XX, em que exercia a sua influência religiosa e política na região de Juazeiro, compactuando em diversos momentos com o poder local/regional.

A figura de Lampião também causa divisão de opiniões. Alguns acreditam ter sido um herói por buscar ajudar aos mais necessitados. Outros entendem que seus atos são contrários à legalidade, devido à forma e ao uso da força. As discussões vão muito além do emprego da força, mas também pelo caráter ditatorial que ele empregava em suas ações. Na memória coletiva da comunidade nordestina, Lampião e o cangaço são temas sempre lembrados. Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola tomam a palavra. A história que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se encontram atrás dos episódios (Bosi, 2013, p. 15). O movimento do cangaço marcou a região nordestina, iniciou no século XIX e teve fim com a morte de Lampião e com a morte de Corisco em 1940, principal apoiador de Lampião dentro do cangaço.

A cidade de Vicentina, desde seu início do povoamento conforme relatado neste projeto, foi palco do encontro de vários povos, como migrantes de dentro do país como paulistas, gaúchos, sulistas, mineiros e nordestinos e de pessoas vindas de outras nações. Italianos, portugueses, espanhóis e com maior intensidade os japoneses. Japoneses que também tiveram uma Colônia no município, na terceira Linha, a Colônia Matsubara que foi loteada pelo governo para trazer japoneses com o intuito de cultivar na região principalmente a cultura do café. Numa relação política entre Brasil e Japão no ano de 1953, foram loteadas terras para 60 famílias vindas do Japão, em que os japoneses vinham fugindo da Guerra da Coréia em busca de trabalho e de um local com paz para sobreviverem.

Na região da Terceira Linha a presença japonesa contribuiu para a expansão da produção cafeeira, na Colônia Matsubara, bem como na região foi construída uma escola para a alfabetização da população local, na época com professores que trabalhavam em multisseriados, ou seja, lecionavam para diversas turmas numa mesma sala de aula. A referida escola funcionou até a década de 1980. Pouco tempo depois a escola fechou e os alunos foram remanejados para a Escola Estadual Padre José Daniel ou para a Escola Estadual Iguassú, que ficava na linha do Iguassú e funcionou até o início dos anos 2000.

Outro aspecto muito abordado no decorrer do projeto foi sobre a identidade. Conforme avancei em entrevistas, pude compreender que a característica de ser “nordestino” afeta de forma diferente cada colaborador. Uns têm orgulho e outros têm insignificância, mostrando relações de poder que envolvem desde a política até a cultura, bem como as relações cotidianas. Uma mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX, com a fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Essas transformações estão também mudando identidades pessoais (Hall, 2006, p. 01).

Esse processo identitário é muito sentido nas declarações de nossos colaboradores, visto que, sentir-se nordestino pode trazer motivações de orgulho e também de sofrimento. A religiosidade, a musicalidade, as comidas e bebidas do Nordeste, o modo de se trajar, tudo corresponde a uma identidade que é reconstruída no decorrer dos tempos e dos espaços ocupados, sempre influenciados pelo comportamento coletivo.

Para Castells (1999, p. 22), a prática migratória representa “uma fonte de significado e experiência de um povo”. Nesse aspecto, a identidade de um grupo não pode mais ser enfocada de forma abstrata e imutável, mas sim ser contextualizada a partir de um espaço e tempo de referência, sobrevivendo também pelas práticas e pela memória coletiva transmitida por gerações diferentes.

O termo identidade é algo muito discutido, mas com uma análise mais minuciosa, compreendo que as identidades nunca estão “prontas”, “definidas”, permanece sempre em processo de construção, uma espécie de negociação. Hall (1996, p. 95) defende que “as negociações das identidades das pessoas que atravessam as fronteiras nacionais estão relacionadas ao surgimento de novas culturas”. Essa reflexão aponta para o fato de que, em tempos de globalização, não existe mais um único foco de identificação. As identidades são modificadas, mesmo trabalhando com migração intranacional. É possível perceber que os colaboradores mantêm tradições de seus locais de origem. Seja de ordem religiosa, referentes ao hábito alimentar, a própria linguagem, mas que acabam através desse processo de negociação incorporando hábitos de sua nova região, onde passam também a dar espaço a novas táticas de sociabilidade. Apesar de estarmos falando em acontecimentos ocorridos há muitas décadas, o ato de sociabilizar remete a todas as sociedades, em que a necessidade de adaptação sempre existiu.

As memórias afetivas sejam elas coletivas ou individuais surgem conforme instigações que são realizadas no processo dialógico com o outro, com o colaborador. Ao rememorar sobre o Nordeste, Seu Zeca fala que em Iguatu/CE, ficou mais de ano sem chover, sem cair uma gota na terra, onde se pisava ficava lá a marca. A partir da memória relatada por seu Zeca podemos ter dimensão de um processo de dificuldade que parcela da população nordestina protagonizou com muito sofrimento e muita dificuldade no decorrer dos anos. Neste projeto temos relatos de colaboradores que remetem à década de 1930 e isso é muito importante, quase um século depois poder contextualizar tal processo.

Ao mesmo tempo, o colaborador Zé Vermelho tem uma memória afetiva do Nordeste. Cita a sua vivência desde a infância até sua maioridade quando migrou para o sul de Mato Grosso, pois sempre houve boa alimentação, locais com abundância de água e não passou necessidades, sempre produzindo o que se plantava.

Na referida fala percebemos que a narrativa do senhor Zé Vermelho, compreendemos que se trata de uma região que não é marcada pelo fator “seca”, o que desconstrói todo o estereótipo que é construído coletivamente, que retrata somente a região Nordeste como sendo um local de extremos, o litoral praieiro e a seca do sertão. A fala quebra uma imagem que é construída socialmente, de uma terra infértil, improdutiva, que castiga os que trabalham nela na região. Contrapondo com as falas de outros entrevistados, as grandes secas que castigavam a região Nordeste foram, sim, motivos para que muitas pessoas deixassem a região em busca de novos lugares.

Uma das grandes secas do Nordeste foi retratada numa obra que se tornou um clássico da literatura, a obra *O quinze*, de Rachel de Queiroz²⁵, que conta a história de sua infância e da seca que a família passou no ano de 1915. A obra é publicada em 1930, a primeira obra da autora, que mais tarde se tornou um sucesso e um clássico da literatura brasileira. A seca de 1915 não foi relatada por nenhum de nossos colaboradores em suas falas, porém, devido a sua intensidade e ter se tornado livro e clássico através da obra da Rachel de Queiroz, o mesmo trouxe consigo o campo de concentração no Ceará, não com as mesmas características dos campos nazistas, pois nos campos cearenses as pessoas poderiam ir e vir, mas com o isolamento e a falta de ajuda estatal em grande parte dos momentos, somente alguns voluntários que iam até o local para prestarem algum auxílio para a população que fugia da seca.

²⁵ Rachel de Queiroz (1910 – 2003) foi uma escritora e romancista brasileira.

Os estereótipos são uma das estratégias midiáticas, utilizadas, por exemplo, em novelas, como *Mar do Sertão*²⁶, com a música *Sobradinho*, de Sá²⁷ e *Guarabyra*²⁸, que fala sobre a frase do beato Antônio Conselheiro²⁹, que o mar viraria sertão, e o sertão se transformaria em mar.

Algo comumente encontrado em discursos e imagens, a estereotipização é uma estratégia de homogeneizar, feita por um grupo diferente, na qual as multiplicidades e individualidades são apagadas, mostrando apenas as semelhanças superficiais do grupo (Albuquerque, 2011, p. 30).

A história oral proporciona o espaço de ouvir as multiplicidades de sujeitos, e a ideia de que o Nordeste é uma invenção, divulgada através da escrita de Durval Muniz de Albuquerque Jr., relata uma faceta importante do que é divulgado pela mídia, por parte da academia, pelo senso comum, e que acaba se difundindo na memória coletiva de algumas comunidades, de que no Nordeste só há pobreza.

3.5 Amor, trabalho e esperança: a presença feminina no processo migratório

É impossível pensar a migração sem a presença feminina. As mulheres são fundamentais para compreender o processo migratório, seja no Brasil, ou em qualquer lugar do mundo. Principalmente quando se fala em Nordeste, nos anos 1940 – 1980, famílias marcadas por muitas pessoas, vários filhos, agregados, comunidades com muitas pessoas, e sempre as mulheres presentes nesse processo importante, no cuidado com o próximo, com a casa, e também encarando o trabalho duro na roça.

A figura feminina esteve no protagonismo do processo migratório, e no núcleo familiar, as mulheres (mães, esposas, irmãs, entre outras) sempre estão ligadas intimamente ao processo migratório, bem como a história de vida dos migrantes nordestinos.

A luta pela sobrevivência e a esperança de momentos melhores, traçaram a vida das companheiras de muitos de nossos entrevistados. Com maior conhecimento falo da minha avó paterna Raimunda, que é citada nas entrevistas do senhor Expedito e José Martins, pois a mesma sempre recordava de passagens pelo Nordeste, das dificuldades encontradas na região, na sobrevivência, na viagem de pau de arara até o Mato Grosso

²⁶Telenovela da Rede Globo de televisão (2022 – 2023).

²⁷Luiz Carlos Pereira de Sá, cantor e compositor brasileiro.

²⁸Guttemberg Nery Guarabyra Filho, cantor e compositor brasileiro.

²⁹Líder religioso brasileiro, que liderou a Guerra de Canudos no final do século XIX.

do Sul, da criação dos 15 filhos. Nada é fácil e nada foi fácil para as migrantes nordestinas em suas vidas.

O processo de deslocamento populacional enfrenta desafios. Se a vida é um desafio, o processo de mudança/ruptura é algo que traz consigo muitas nuances, muitos medos, muitas expectativas. A presença feminina como base familiar é de extrema importância nesse processo, da maternidade ao labor na roça. As mulheres nordestinas foram muito presentes na vida e nas famílias que migraram para os quatro cantos do Brasil.

O ato de migrar para estas mulheres pode corresponder a um conjunto de práticas socioculturais, que são adotadas na busca de resolver problemas estruturais que colocaram pressão sobre elas – individual ou coletivamente (Nodari, 2002). A mudança de lugar, traz para as mulheres também a esperança de uma nova vida, o passado triste e difícil passa a dar lugar à busca de oportunidades para um novo momento familiar.

Nesse aspecto, é necessário abandonar a perspectiva tradicional sobre a migração que torna as mulheres migrantes "invisíveis e ocultas à sombra dos homens" (Angelin, 2012, p. 74). As mulheres são fundamentais para a compreensão do processo migratório, não há como dissociar a migração da figura das mães, esposas, elas sempre estão presentes com suas famílias.

O labor na agricultura por parte das mulheres é destacado na entrevista da colaboradora Josefa, que relata ter enfrentado dias difíceis trabalhando na roça para ajudar no sustento de sua família. O cuidar dos filhos e da casa, no preparo das refeições, na criação dos filhos, a mulher se faz presente na migração, carrega sonhos e desilusões, carrega esperança de dias melhores para ela e para sua casa.

Os laços familiares nos processos migratórios, calçado com as redes de parentesco, são de grande importância para as mulheres no processo de migração, tornando as mulheres articuladoras e mobilizadoras do processo migratório (Angelin, 2012, p. 52). As relações de parentesco são um dos grandes laços que intermediam os processos migratórios dentro e fora de um país, a decisão de migrar leva em conta muitos fatores e o apoio familiar é crucial em muitos momentos.

Nas décadas de 1950 e 1960 o acesso ao estudo, a escolarização formal era algo extremamente segregado, nesse aspecto, as mulheres ainda tinham mais dificuldades, pois eram criadas para serem mães, donas do lar, para serem cuidadoras da família, e a partir de 1970 há algumas mudanças, as quais as mulheres conseguem ter mais acesso à escola, possibilitando novos horizontes no mercado de trabalho.

As narrativas orais, mesmo consideradas individuais, enquanto falam sobre si e sobre suas memórias, estão entrelaçadas a situações mais amplas, pois, o falar sobre si, acaba por envolver outros sujeitos, outras trajetórias, bem como, destacam contextos mais amplos que o seu dia a dia ou sua experiência (Pereira e Lourenço, 2021, p. 44).

Como afirma Bassanezi em seu estudo sobre mulheres nas migrações internacionais, “migrar é coisa de homem, costuma-se dizer sem pensar, sem atentar para estatísticas, fotos, depoimento, histórias de famílias. Sim, as migrantes têm uma história” (Bassanezi, 2018, p. 169). As mulheres são protagonistas também do processo migratório, em muitos casos, as mulheres tomam frente das decisões, são as que buscam as mudanças na sociedade e na vida familiar.

No Brasil, os fluxos migratórios têm evidenciado a agência da mulher migrante, que migra não somente como acompanhante, mas também por iniciativa própria. Nesse sentido, é importante rejeitar o estereótipo da mulher migrante como dependente e passiva, uma interpretação que lhe retira a agência sobre seu desenvolvimento e seu poder de transformação das realidades nas quais se insere (Moreira, 2018, p. 52), reforçando o protagonismo das mulheres, não como sujeitos passivos, mas que atuam diretamente na organização e nas redes familiares, de parentesco. Todavia, mesmo que o ato de migrar para estas mulheres esteja ligado, em seguir a família, isto enquadra-se apenas como uma das motivações.

Também é preciso considerar que as motivações aparentemente individuais (trabalho, saúde, educação, acompanhar a família), correspondem a parte de uma estrutura migracional que evidencia uma região do país que na época (anos 1950 a 1970) era marcada pela falta ou precariedade de serviços básicos (como saúde e educação), falta de empregos e de terras para todos (Costa, 2011). De maneira geral um Nordeste “feito de fome, elites e interesses” (Prado, 2019), também marcado por “desigualdades socioespaciais” (Cássia, 2015).

Em uma sociedade que tem marcas de uma predominância masculina, em muitos casos as mulheres e as histórias de vida das mulheres, são deixadas de lado e muitas vezes impedidas de falarem sobre si próprias. O trabalho, a educação, a vida feminina, nesse aspecto da mulher migrante, muitas vezes acaba sendo deixada de lado, esquecida ou ocultada pelos atores.

Mulheres que lutaram pelas suas vidas, de seus filhos, netos, na força do trabalho, da oração e da esperança. Os estudos de movimentos migratórios cada vez mais dão espaço para o estudo de como as mulheres têm participado desse processo de

deslocamento populacional, com várias pesquisadoras em destaque Vanessa Generoso Paes³⁰, Glaucia de Oliveira Assis³¹ e outras citadas no decorrer deste trabalho.

A pesquisadora Gláucia trabalha com a ideia de estratégias familiares, em que há uma atuação em conjunto (marido, mulher, filhos) para que possam sair de uma situação difícil, nesse aspecto as mulheres têm papel fundamental ao acompanhar seus maridos, pais, entre outros, para que possam se adaptar ao novo lugar, a um novo desafio. Em conjunto decisões são tomadas, provocam rearranjos familiares, que trazem novos horizontes, e as mulheres muitas vezes são as que tomam frente das decisões a serem tomadas em momentos difíceis.

Na compreensão de Thomson (2002), “a imigração é um fenômeno complexo que pode gerar uma diversidade de pesquisas a partir da história oral, tendo em vista que as histórias de vida transmitidas através da história oral trazem ao conhecimento as dificuldades e nuances do processo migratório” (Thomson, 2002, p. 344).

Esse movimento dialético que materializa a mobilidade das pessoas em seus deslocamentos é um campo de atravessamentos de problemas locais, regionais e nacionais onde o migrante revela uma multiplicidade de dimensões existenciais, em que os sujeitos em mobilidade modificam situações dadas como certas para cá ou para lá no contexto do cotidiano.

As mulheres acostumadas a um clima, a um tipo de solo, a um tipo de habitação, moradia, tem que passar por outras adaptações, inclusive a alimentação, a mulher na maioria dos casos sendo responsável pela organização da casa. A adaptação a um novo tipo de alimentação em um novo lugar é bastante retratada nas falas de colaboradores, a forma de adoçar o café, a utilização com maior frequência do arroz nas alimentações cotidianas, são retratadas em muitas falas.

A memória sendo um fenômeno coletivo, as impressões e muitas vezes as expressões demonstradas no decorrer do projeto, também se dá de forma coletiva, respeitando as individualidade e subjetividades. É possível compreender os sentimentos e traumas, a partir da coletividade.

³⁰É Professora Adjunta de História vinculada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre. É mestre (2011) e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo em 2018 (USP).

³¹Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Vale do Rio Doce (1987), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2004).

A história de vida ordena alguns acontecimentos que balizaram a própria existência, com a análise da reconstrução de si próprio, a pessoa tende a definir seu lugar social e as relações com os outros (Ricouer, 1989, p. 14). Nesse sentido, compreender o espaço das mulheres no processo migratório é primordial e essencial, não podemos pensar de forma dissociada migração e as mulheres, pois elas sempre são impactadas quando há esse reordenamento territorial.

A música nordestina também evidenciou a importância das mulheres na composição familiar. Um exemplo está na música Imbalança, de Luiz Gonzaga.

Óia a paia do coqueiro
Quando o vento dá
Óia o tombo da jangada
Nas ondas do mar
Óia o tombo da jangada
Nas ondas do mar
Óia a paia do coqueiro
Quando o vento dá
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Pra você aguentar meu rojão
É preciso saber requebrar
Ter molejo nos pés e nas mãos
Ter no corpo o balanço do mar
Ser que nem carrapeta no chão
E virar foia seca no ar
Para quando escutar meu baião
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Óia a paia do coqueiro
Quando o vento dá

Óia o tombo da jangada
Nas ondas do mar
Óia o tombo da jangada
Nas ondas do mar
Óia a paia do coqueiro
Quando o vento dá
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Você tem que viver no sertão
Pra na rede aprender a embalar
Aprender a bater no pilão
Na peneira aprender peneirar
Ver relampo no mei' dos trovão
Fazer cobra de fogo no ar
Para quando escutar meu baião
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Imbalança, imbalança, imbalança
Pra você aguentar meu rojão
É preciso saber requebrar
Ter molejo nos pés e nas mãos
Ter no corpo o balanço do mar
Ser que nem carrapeta no chão
E virar foia seca no ar
Para quando escutar meu baião
Imbalança, imbalança, imbalança

Composição: Zé Dantas e Luiz Gonzaga. (Ano de lançamento: 1952)

A composição acima traz algumas reflexões sobre a dinâmica da vida das mulheres nordestinas. Como conseguem realizar tantas atividades ao mesmo tempo,

cuidar de casa, da alimentação, da criação dos filhos e ajudar ainda no labor da vida no campo, para isso é preciso “aprender requebrar” como Gonzagão reflete em sua música.

Mas além das dificuldades do cotidiano, o Nordeste e as nordestinas também tiveram suas vidas retratadas em músicas, que falam sobre a arte e a cultura regional, entre elas, a dança, o xote e o forró. Com músicas que embalavam os namoros, os bailes familiares e locais, muitos casais se formaram através dessas comunidades afetivas.

A música Cintura Fina, de Luiz Gonzaga fala sobre a arte da dança, do xote, xaxado e forró e de sua influência cultural na região Nordeste. Na fala do colaborador José Alexandre Filho, popular Zeca Alexandre, ele relembra os bailes que alegravam a região Nordeste do Brasil.

Oi, oxente, foi que houve, meu fi?

Faltou tutano?

Bote feijão nesse motor, homi

Cadê?

Minha morena, venha pra cá pra dançar xote

Se deita em meu cangote

E pode cochilar

Tu é muié pra homem nenhum botar defeito

Por isso, satisfeito

Com você vou dançar

Vem cá, cintura fina

Cintura de pilão

Cintura de menina

Vem cá meu coração

Oi, vem cá, cintura fina

Cintura de pilão

Cintura de menina

Vem cá meu coração

Quando eu abarco essa cintura de pilão

Fico frio, arrepiado, quase morto de paixão

Fecho os olhos quando sinto teu calor

Pois teu corpo só foi feito pros cochilos do amor

Vem cá, cintura fina
Cintura de pilão
Cintura de menina
Vem cá, meu coração
Oi, vem cá, cintura, cintura, cinturinha
Cintura enforcadinha, fina, fina, enforcadinha
Cintura de menina
Vem cá, meu coração
Oi, vem cá, cintura, cintura, cinturinha
Cintura enforcadinha, fina, fina, finazinha
Cintura de menina
Vem cá, meu coração
Oi, vem cá, cintura...

Composição: Luiz Gonzaga, Zé Dantas. (Ano de lançamento: 1950)

Retratando sobre os rincões do Nordeste, vários cantores, falavam sobre a importância das mulheres e sobre a sociabilização de como ocorreu esse processo em uma parcela do Brasil, que começa a ser mais bem entendido e reconhecido a partir das músicas e poesias que chegaram ao Centro Sul do Brasil.

A música, uma das maiores expressões da arte, retrata bastante o cotidiano das mulheres nordestinas, mulheres de verdade, como diz a expressão do senhor Expedito Martins em alguns trechos de suas falas em entrevista, pessoas que encaram as dificuldades do seu cotidiano. Poesias, músicas, cordéis, representam uma parcela do que a mulher nordestina, migrante, teve que enfrentar durante a sua vida.

Outro aspecto que foi mencionado pós-entrevistas e que achamos de grande valia para o trabalho é a relação das mulheres com a saúde familiar. Em uma conversa após a entrevista o senhor José Martins relatou que sua mãe dona Raimunda, era responsável pela vacinação dos filhos e de todas as crianças na vizinhança, isso se estende também no cuidado aos bebês que nasciam na região que moravam, sempre com a figura feminina como protagonistas destes processos na comunidade, a mulher que cuida, a mulher que luta seja no labor da roça, seja na criação de seus filhos, bem como em todos os desafios do cotidiano.

3.6 Memórias do tempo presente

A cidade de Vicentina como um lugar marcado pela proximidade das relações sociais, por ser um lugar pequeno, com muitas peculiaridades e relações estruturadas em cotidianos que se entrecruzam nas relações familiares, eclesiais, e em outros setores da sociedade.

Ao falar de tempo presente, a partir do fim dos anos 1980 houve uma crescente produção de artigos e revistas com essa temática, em grande parte influenciada pela historiografia alemã e principalmente francesa (Rousso, 2016, p. 233). A própria denominação “história do tempo presente” começou de fato a se tornar comum para os historiadores franceses a partir da criação, em 1978, do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP), cujo primeiro diretor foi François Bédarida (até 1990) (Delacroix, 2018, p. 43).

Ainda a respeito do contexto da prática da História do Tempo Presente, a testemunha “encontra” inevitavelmente a questão da memória: a noção de presente implica a noção de memória concebida numa concepção agostiniana como o presente do passado (Delacroix, 2018, p. 53).

Na fala do colaborador José Martins Neto, ele remete ao acolhimento do nordestino, como um sujeito que se destaca por enfrentar as dificuldades da vida, ele vai à luta, ele não desanima, sempre recepciona bem as pessoas, gosta de conversar, característica de grande parcela da população nordestina.

A narrativa acolhedora é citada em vários dos diálogos estabelecidos com nossos colaboradores, e enquanto pesquisador confesso que fui bem recebido nas casas em que realizei as entrevistas, desde o famoso cafezinho, doces, feijão de corda, feijão andu, pamonha, o nordestino tem em sua maioria um perfil acolhedor. Esse processo de socialização é perpetrado por momentos de tensão, momentos de diálogo, de disputas. Como toda comunidade os migrantes nordestinos tiveram que se sociabilizarem com as demais pessoas oriundas dos mais diversos locais, seja através da comunhão religiosa, seja através das paixões políticas, ou pelo futebol praticado nas comunidades familiares como era na época em que quase todos os sítios possuíam um campinho de futebol que era formado pela família e por alguns vizinhos, a sociabilização ocorre de diversas formas, muitas vezes imperceptíveis por todos que a praticam. Uma identidade pode mudar de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a

identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada (Hall, 2006, p. 21).

Na perspectiva de que o novo é sempre desafiador, o padre José Daniel, é um dos nomes mais citados na memória coletiva da comunidade afetiva. Ele chega no início da década de 1950 na região de Dourados e contribui para a efetivação da política colonizadora que o governo federal buscava implantar na região. Ressalto que o padre José Daniel não somente atuou religiosamente, mas também teve uma atuação política em toda a região.

Com características de ser líder, organizado e com um perfil que beirava em alguns momentos o autoritarismo. Padre José Daniel liderou esse processo na região, não somente em Vicentina, mas também em outras cidades como o município de Glória de Dourados, que teve seu nome batizado após um discurso, em que dizia: - Essa cidade é uma Glória, mas uma Glória de Dourados. Padre José Daniel foi chefe do núcleo colonial e exerceu grande influência inclusive na escolha dos lotes em que eram assentadas as famílias na região.

O padre José Daniel é reverenciado no município como umas de personalidades mais importantes na construção da sociedade vicentinense, usava o seu prestígio enquanto pároco municipal, e trabalhou em conjunto com o Estado, na formação da sociedade, na distribuição dos lotes, no cadastramento das famílias, até mesmo na retomada da posse de lotes que ficavam na região onde hoje está situado o Distrito de São José.

Nas décadas de 1950 e 1960, havia uma grande predominância na região do catolicismo. Com esse processo de influência católico nas práticas da população, Padre Daniel exerceu grande influência em toda a região. Não somente o padre Daniel que foi destacado nas falas dos colaboradores, como também outros padres que acabaram se destacando no contexto político regional e que vamos tratar posteriormente.

A Igreja Católica complementava o discurso ideológico da Marcha para Oeste, colocando em prática, junto a essa ideia de civilização e progresso. Trazia também a ideologia de valorização do trabalho e do trabalhador nacional, no contexto da CAND, especialmente a valorização do trabalho na lavoura (Aranda, 2017, p. 48).

A região onde está a cidade de Vicentina, teve uma grande influência dos padres na construção histórica do lugar. Padre José Daniel foi o de maior destaque, mas padre Roberto Fulco do Nascimento, padre José Pascoal Busato, padre Amadeu Amadori,

também foram importantes nesse processo de consolidação da fé católica na região, juntamente com o processo de ocupação desse território por novos atores.

A religiosidade da fé católica é presente nos nomes das ruas, nos feriados municipais, no nome da principal escola do município. Padre Daniel e padre Roberto atuaram como educadores na antiga Escola Rainha dos Apóstolos que foi construída pelos padres ainda na década de 1960 com o intuito de fortalecer a educação de base no município, mas também, manter a predominância da fé católica na região. Com uma atuação em que os padres ofertavam serviços à população, remédios, levavam pessoas para consultar, iam buscar alunos na zona rural para estudar, atuavam quase como assistentes sociais na sociedade de hoje. Essa forte atuação eclesial fazia com que a sociedade tivesse respeito e sempre mantinha a população vinculada a Igreja Católica, mesmo não professando a mesma fé. O respeito ao trabalho dos párocos era muito grande na região. No refrão do Hino Municipal de Vicentina³², faz alusão ao Padre José Daniel, citando-o como o grande educador.

Ambos os padres também foram diretores da escola Rainha dos Apóstolos, e Padre Roberto também atuou como político na década de 1970 foi prefeito da cidade de Glória de Dourados entre os anos de 1970 a 1972, após esse período retornou para Vicentina, trabalhando na Igreja e na Escola, no início da década de 1990 construiu o Santuário de Santa Terezinha, que mais tarde se tornou ponto turístico/religioso com a visita de muitos adeptos durante todo o ano, e o dia de Santa Terezinha se tornou feriado municipal comemorado no dia 02 de outubro. Além da data comemorativa e do santuário, também existe um bairro popular na cidade com o nome de Santa Terezinha, que foi criado no início da década de 1990.

A Escola Rainha dos Apóstolos teve início de sua construção na década de 1950 e em 1958 já estava em funcionamento. Com a liderança do padre José Daniel, a maioria dos homens de confiança do padre era de origem nordestina, conforme lembra um dos colaboradores, o senhor José Martins, que foi aluno e mais tarde colega de profissão do Padre José Daniel.

O colaborador Martinzinho, fala sobre a educação proporcionada pela Escola, e pela rigidez nos estudos, após se formar em Estudos Sociais, ele retornou na década de 1970 já atuando como professor. Em um período em que o Brasil vivia a Ditadura Civil-Militar, ele conta como tinha que ter um “jogo de cintura” para atuar dentro dos padrões

³² Composto pelo músico Valdir Fernandes de Araújo e melodia do conjunto Casa Blanca.

vigentes da época. A forma de trabalhar em sala de aula, em muitos momentos, necessitava estar adequada a direção da instituição, como também das diretrizes nacionais da educação. Um exemplo foram os livros censurados durante a ditadura, Circuito fechado de Florestan Fernandes; A ilha de Fernando de Morais; Autoritarismo e democratização de Fernando Henrique Cardoso; Lições de liberdade de Sobral Pinto foram alguns dos livros censurados pela ditadura civil-militar (Fico, 2015, p. 83)

Alguns padres tinham grande prestígio político, um exemplo muito conhecido é do Padre Cícero Romão Batista, que foi prefeito da cidade de Juazeiro do Norte no Ceará, e detinha grande prestígio político até os anos 1930, trabalhava as práticas religiosas e políticas, devido ao seu carisma ele era uma pessoa de grande influência em toda a região Nordeste. Somente após a entrada de Vargas e a sua mudança da relação política, em que buscou enfraquecer o poder dos coronéis no Nordeste, padre Cícero enfraqueceu sua atuação política, porém, seu prestígio religioso continuava a aumentar.

Ainda hoje na memória coletiva da comunidade nordestina, principalmente de raiz católica, padre Cícero é uma lembrança ativa de pertencimento a uma comunidade afetiva, com base na religião, que envolve também traços de misticismo relacionados à devoção ao referido padre.

A noção de “trabalho de memória” que Ricoeur prefere o uso de “dever de memória” é baseada no termo freudiano de trabalho do luto, que permite uma relação crítica e distanciada com o passado. (Delacroix, 2018, p. 58). Apesar da crítica e da distância do passado, a memória coletiva, as lembranças da comunidade afetiva estão sempre voltando a acontecimentos que marcaram os indivíduos da comunidade, um padre, um cantor, um tirano, podem estar sempre dentro de assuntos falados dentro de uma comunidade, não somente pelo medo ou pelo amor, mas simplesmente por ela constituir parte da comunidade de destino.

Como um desdobramento da atuação dessa figura, o processo de atuação das Igrejas e a grande presença de católicos na comunidade nordestina é um fato a ser considerado. A nordestinidade em terras vicentineses, também se mostra através de tais relações, em que a fé e a crença estão sempre presentes nesse construto social.

Ademais, da realidade que foi vivenciada por uma parcela dos nordestinos é possível compreender também sobre os preconceitos que sofreram no decorrer dos anos e do processo de migração. O processo de grilagem de terras também é retratado em falas de nossos colaboradores, citando bastante o interior paulista. A região de Nova

Andradina, na figura de Moura Andrade³³, conhecido como “o rei do gado”, com destaque por ser conhecido em todo o país, também é relatado devido ser proprietário de grandes extensões de terra.

A terra enquanto matéria-prima sempre foi alvo de disputas, e tem uma representatividade diferente para cada comunidade. Os indígenas possuem uma relação quase que familiar com a terra, não a tendo somente como bem material, mas como um bem cultural, diferente da questão mercadológica, que coloca a terra como um dos bens de difícil acesso a população, tendo em vista a grande concentração de terras que existe no Brasil, e o processo de aquisição de terras nem sempre foi algo legítimo, muitas áreas foram conquistadas por meio da força, através das armas, ou através de manobras cartoriais, a terra sempre foi uma ferramenta de tensões.

O processo de grilagem de terras é estudado por diversos pesquisadores, um tema interdisciplinar. A nomenclatura grilagem de terras é o termo usado para a prática de tomar posse de terras públicas ou de terceiros de maneira ilegal. A palavra tem origem de uma velha prática de falsificação de títulos de terras onde os criminosos usavam grilos para envelhecer esses documentos e dar a impressão que eram antigos. Esses “grilos” de terra e as disputas por territórios ainda estão presentes em diversas partes do Brasil, regiões como a amazônica, por exemplo, são alvos de muitas disputas, posseiros, ribeirinhos, seringueiros, fazendeiros, local marcado pelos conflitos. Uma disputa peculiar pelo monopólio de classe da terra, fenômeno muito intenso em várias regiões do país, especialmente na Amazônia, em que a luta entre posseiros e grileiros é luta pela terra e luta por uma concepção de direito a terra. Conflitos desse tipo ocorreram no Paraná e em outros estados até anos recentes (Martins, 2002, p. 93).

A terra sempre foi alvo de muitas disputas, principalmente no Brasil, que desde o início do processo de sua exploração pelos portugueses no século XVI já possuía uma concentração de terras através das capitânicas hereditárias, principalmente na região Nordeste, com grandes fazendas, representando uma grande concentração de terras. Porém, nas regiões Centro-Oeste e Norte, muitas terras eram consideradas sem donos, e através do uso da força armada ou através de acordos cartoriais, muitas pessoas acabaram grilando terras e se apropriando indevidamente de parcelas de terras do território brasileiro.

³³ Antônio Joaquim de Moura Andrade, empresário e pecuarista brasileiro. Fundou as cidades de Andradina/SP e Nova Andradina/MS.

Muitas populações sofreram com o processo de grilagem de terras. Os indígenas são um grande exemplo, que foram expropriados de suas terras, de sua vivência, em detrimento da apropriação ilegal de parte de seus territórios, ribeirinho, quilombolas e outras populações marginalizadas também foram impactadas diretamente com a grilagem de terras que, atualmente é um tema de grande debate não só na academia, mas também nos movimentos sociais e em alguns casos nas plataformas políticas.

As histórias de vida que transpassam os deslocamentos populacionais, do contrário o processo migratório seria mera formalidade estatística, mas vivemos da realidade, do concreto e do abstrato, a migração possui a concretude da mudança e a abstração da esperança de uma nova vida (Seawright, 2023, p. 62).

As comunidades são compostas por pessoas e pessoas são traduzidas através do ardor memorial (Seawright, 2020, p. 17). Nas relações compostas nas teias sociais, sejam elas familiares, religiosas, afetivas, laborais, os vínculos se estabelecem e reestabelecem conforme nos encaixamos nessa teia que é a coletividade, com maior proximidade ou maior repulsa, dependendo do momento de nossas vidas.

As memórias estão presentes em diversas comunidades, a fronteira entre o dizível e o indizível. Separa uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem de uma sociedade majoritária que tenta se impor de diversas formas (Ricoeur, 1989, p. 08).

As relações de poder sempre estão nos processos de rememoração dos nordestinos. Entre os colaboradores deste projeto, a discussão sobre política sempre ocupou espaços, não somente nas falas durante as entrevistas, mas também após os diálogos, a pauta política sempre esteve em discussão.

O ano de 2022 foi um ano marcado pelas disputas eleitorais, eleições para deputado estadual, deputado federal, senador, governador e presidente, e num ambiente de grande polarização. Os entrevistados sempre se manifestaram a respeito de suas concepções políticas, falando desde o contexto municipal, das pessoas que vieram do Nordeste e se tornaram lideranças políticas, bem como também das eleições que iriam ocorrer em outubro de 2022.

A memória enquanto expressão viva das lembranças, é oxigenada, se faz e se refaz, e o fenômeno político surgiu com muita força nas entrevistas. Ao falarem sobre o Nordeste, alguns colaboradores, relataram que seus familiares que ainda moram no Nordeste, de como o mandato do Presidente Lula havia modificado a região com obras

e investimentos que modificaram o perfil econômico e social do lugar, as falas dos colaboradores Zé Miguel e Zeca Alexandre, mostravam que suas regiões de origem teriam uma predominância de votos para Lula nas eleições. Conforme constatei através dos dados oficiais do TSE no Segundo Turno das eleições presidenciais ocorridas em 30/10/2022, em Jardim/CE, Lula obteve 14.126 (85,25 % votos válidos) contra 2.444 (14,75 % votos válidos) do candidato Jair Bolsonaro, na cidade de Iguatú/CE, Lula obteve 46.013 (81,64 % votos válidos) contra 10.351 (18,36 % votos válidos) do candidato Jair Bolsonaro.

As entrevistas foram realizadas entre abril e junho de 2022, as eleições ocorreram em outubro, podemos considerar que os colaboradores estavam muito bem situados de como estava o cenário político em suas cidades de origem, que manifestaram grande preferência pelo candidato Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores), tendo em vista que a região Nordeste foi primordial para o vencimento do pleito pela chapa Lula-Alckmin, bem como da maioria dos governadores alinhados ao presidente Lula, foram eleitos na região Nordeste.

Ainda trabalhando com esse contexto histórico das eleições, nesse caso, as eleições presidenciais, após o resultado do primeiro turno, em que Lula obteve uma votação muito expressiva na região Nordeste. Surgem não somente nas redes sociais, bem como nas próprias relações cotidianas, o preconceito e o fenômeno da xenofobia contra a população nordestina, mostrando um “racismo que estava velado” e que é colocado agora explicitamente, pois envolve as relações de poder, mais propriamente os espaços de poder, espaços de decisão, de inclusão/exclusão. O preconceito que muitos dos colaboradores disseram não ter sofrido durante suas vidas, perceberam que havia de forma velada, mas que em um determinado contexto acabou sendo manifestado, mostrando que as tensões entre povos, etnias, fazem parte da constituição e da construção social do Brasil.

Esse reflexo da presença nordestina e de seus descendentes de origem nordestina também se manifesta em outros lugares, o próprio município de Vicentina/MS, também demonstrou uma votação expressiva para o candidato Lula no segundo turno das eleições de 2022, Lula obteve 2.583 votos (57,85% votos válidos) e Jair Bolsonaro obteve 1.882 (42,15 % votos válidos).

A utilização do sotaque foi retratada pelos colaboradores, alguns dizem ter sofrido preconceito pela forma de se expressar, devido o nordestino ter um sotaque diferenciado, alguns dos entrevistados relataram que muitas vezes as pessoas os

tratavam de forma sarcástica. O uso do sotaque é uma característica identitária tão presente que um dos artistas nordestinos mais conhecidos no Brasil, Luiz Gonzaga gravou uma música chamada ABC do Sertão.

Lá no meu sertão, pro caboco' ler
Tem que aprender um outro ABC
O J é ji, o L é lê
O S é si, mas o R tem nome de rê
O J é ji, o L é lê
O S é si, mas o R tem nome de rê
Até o Y, lá é pissilone
O M é mê, e o N é nê
O F é fê, o G chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê
A, B, C, D
P, Q, lê, mê
Nê, P, Q, rê
T, V e Z
Lá no meu sertão, pro caboco' ler
Tem que aprender um outro ABC
O J é ji, o L é lê
O S é si, mas o R tem nome de rê
O J é ji, o L é lê
O S é si, mas o R tem nome de rê
Até o Y, lá é pissilone
O M é mê, e o N é nê
O F é fê, o G chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê
A, B, C, D
P, Q, lê, mê
Nê, P, Q, rê
T, V e Z
Até o Y, lá é pissilone
O M é mê, e o N é nê

O F é fê, o G chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê

A, B, C, D

P, Q, lê, mê

Nê, P, Q, rê

T, V e Z

Compositores: Luiz Gonzaga / Ze Dantas³⁴ (Ano de lançamento, 1953)

Nas entrevistas com os colaboradores José Martins e Antônio Fernandes, eles descreveram a importância do sotaque na comunicação do nordestino, o “cearensês” como uma língua a parte utilizada pela população local, com significados e códigos próprios para a população do Ceará.

O Nordeste é uma região com grande riqueza cultural, com uma diversidade de artistas que fazem sucesso não somente na região nordeste, mas no Brasil e no mundo. Os artistas são citados nas falas de nossos colaboradores, que mostram a identidade nordestina, a sua construção, através de poesias, músicas, sátiras e outras formas de expressar a arte.

O colaborador Zé Vermelho, cita em sua narrativa ter conhecido e até possuir um grau de parentesco com o poeta Patativa do Assaré, por ser natural de Assaré/CE, seu José retrata muitos detalhes sobre o poeta Patativa, e até arrisca durante as entrevistas algumas rimas que foram escritas pelo poeta mais famoso de Assaré.

Não procurei averiguar a veracidade das informações com outras fontes, mas nos estudos sobre a biografia e vida de Patativa, a maioria das informações transmitidas oralmente pelo senhor Zé Vermelho estão dentro da realidade conforme análise da biografia do poeta Patativa do Assaré.

A presença feminina sempre presente nas narrativas dos colaboradores, se voltam a acontecimentos relacionados à esposa, a mãe, avó, sogra, filhas, mostrando a importância das mulheres em todo o processo migratório. O senhor Expedito ao recordar acontecimentos ainda na década de 1930, relembra que trabalhou como uma espécie de guarda-costas para a Dona Raimunda que posteriormente viria a ser sua esposa e com constituiria uma grande família. A colaboradora Josefa, lembra-se dos momentos difíceis e da lida que trabalhou na roça para ajudar no sustento da casa, enfrentava o serviço pesado, além de cuidar dos filhos e netos, lembra a infância no

³⁴ José de Sousa Dantas Filho (1921 – 1962) foi um compositor, poeta e folclorista brasileiro.

interior paulista e a posterior vinda para o Mato Grosso do Sul, depois se mudando para o Paraná para posteriormente voltar ao distrito de São José.

Trazendo à tona a memória, cabe lembrar a pressão bem-sucedida das historiadoras feministas a fim de realizar revisões de uma história que, centrada na noção de sujeito universal, manteve experiências de outros sujeitos, em particular das mulheres, em vastas áreas de invisibilidade (Facina e Soihet, 2004, p. 15).

As mulheres sempre estiveram presentes na memória afetiva das comunidades, o colaborador Antônio Fernandes, relata lembrar-se de sua mãe na infância, sempre como uma cuidadora da família, responsável pelos trabalhos de casa, alimentação, vestimentas, o cuidado realizado no cotidiano, na vida de seus irmãos e primos. O colaborador Otacílio rememora em suas lembranças que suas migrações aconteceram devido a saudade de sua esposa e devido a saudade de sua mãe, ocorreram em momentos distintos, mas o motivo de deslocar-se da região foi a saudade.

A saudade é um sentimento humano que é muito retratado em poesias, livros e músicas, ainda citando uma melodia muito conhecida na região do Nordeste, a música Lembrança de um beijo, consagrada na voz do cantor cearense Fagner, fez alusão ao sofrimento do sertanejo com a saudade.

Quando a saudade invade o coração da gente
Pega a veia onde corria um grande amor
Não tem conversa nem cachaça que dê jeito
Nem um amigo do peito que segure o chororô
Quando a saudade invade o coração da gente
Pega a veia onde corria um grande amor
Não tem conversa nem cachaça que dê jeito
Nem um amigo do peito que segure o chororô
Que segure o chororô
Que segure o chororô
Saudade já tem nome de mulher
Só pra fazer do homem o que bem quer
Saudade já tem nome de mulher
Só pra fazer do homem o que bem quer
O cabra pode ser valente e chorar
Ter mei' mundo de dinheiro e chorar

Ser forte que nem sertanejo e chorar
Só na lembrança de um beijo, chorar
O caba pode ser valente e chorar
Ter mei' mundo de dinheiro e chorar
Ser forte que nem sertanejo e chorar
Só na lembrança de um beijo, chorar

Composição: Accioly Neto³⁵ (Ano de lançamento, 1994)

Em um trecho da narrativa da entrevista o senhor Antônio Fernandes, popular Biba, fala da riqueza cultural que o Nordeste tem, sendo em suas palavras um celeiro de grandes artistas, Chico Anysio, Didi (Renato Aragão), Tom Cavalcante, Luiz Gonzaga, Fagner, Dominginhos, Zé Ramalho, Elba Ramalho e outros tantos. Já na entrevista com José Alexandre, popular Zeca Alexandre, o mesmo disse que o Nordeste é terra de reis, Luiz Gonzaga o rei do baião, Lampião o rei do Cangaço, ainda cita Pelé, o rei da bola, que é de Três Corações, que fica na divisa de Minas Gerais com o Nordeste.

Luiz Gonzaga, um dos nordestinos mais conhecidos, natural de Exu/PE, de onde o colaborador Otacílio também é natural, logo quando iniciamos a entrevista ele logo fala: - Sou da terra de Luiz Gonzaga. Tamanha a identificação que aquela população tem com o “rei do baião”, a memória coletiva imediatamente faz uma ligação entre tais elos. Gonzaga conquistou o Brasil cantando músicas que retratam o sertão, de pássaros, comidas e costumes do Nordeste, fez sucesso em São Paulo, e até no exterior, cantando forró pé de serra. Suas letras são até hoje regravadas por artistas regionais, e muito utilizadas no cotidiano dos migrantes e descendentes de nordestinos. Gonzaga perpassa as memórias individuais e do coletivo de muitas comunidades, entre elas, a dos migrantes nordestinos.

Dentro de uma perspectiva analítica, consegui compreender que dentro das redes há diferenças, existem também os preconceitos, em sua maioria contra as populações indígenas, que existe numa perspectiva coletiva, que o índio não gosta de trabalhar, vive à custa de doações, entre outros aspectos, que são muito difundidos no imaginário coletivo da sociedade. Também, o preconceito contra a população negra em alguns momentos, mesmo que de forma indireta, mostrando que as relações sociais são

³⁵ José Accioly Cavalcante Neto (1950 – 2000), mais conhecido como Accioly Neto foi um cantor e compositor de música popular brasileira.

moldadas por tensões e preconceitos são replicados nas esferas mais simples da sociedade.

O grupo de pessoas entrevistadas possui singularidades, dessemelhanças, mas não é a diferença que desconstrói a comunidade, ela está unida pelo vínculo da memória, porque há redes divergentes no interior dos grupos (Seawright, 2023, p. 16). Dentro da comunidade de destino as divergências existem, o que não deixa de caracterizar os laços existentes na teia social.

A comunidade de destino entrevistada tem traços próximos as relações entre as famílias, na qual há semelhanças e dessemelhanças no trabalho empírico que é realizado, é sempre possível notar esses arranjos presentes nas diversas comunidades, familiares, eclesiais, entre outras.

Uma percepção que tenho quanto pesquisador é que toda mudança acarreta desafios e dificuldades. As pessoas que se deslocam de um lugar para outro sofrem algum tipo de barreira, seja na fala, seja na adaptação ao clima, ao solo, na adaptação a água, a comida do lugar. A migração ocorre no sentido de sobrevivência, de sobreviver, de sobrepor as dificuldades, de transpor as barreiras, de eliminar traumas do pensamento, mesmo que em alguns momentos eles se mantenham como passados que não passam.

Após se estabelecerem em outro lugar, a compreensão de que as mudanças em suas vidas seriam significativas. Conseguir uma socialização é algo primordial para garantir a sobrevivência, pois com um novo espaço em que se tem um clima diferente, com hábitos diferentes, com uma alimentação diferente, adaptar a sua família não foi tarefa fácil, em contrapartida, a esperança de uma vida melhor e com mais oportunidades sempre esteve presente nas narrativas dos colaboradores, que proporcionar uma situação de maior conforto seria essencial para suas vidas.

O terceiro capítulo traz para o centro da discussão a história da cidade de Vicentina, local permeado por muitas particularidades e singularidades, marcada pela diversidade cultural, com uma cidade recheada de migrantes não só nordestinos, mas dos vários cantos do Brasil e do mundo, como japoneses por exemplo. A análise histórica permite compreender as nuances da cidade de Vicentina e como os migrantes nordestinos foram importantes no processo de organização e consolidação deste lugar, inicialmente subsede, depois distrito, para posteriormente chegar a ser um município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de trabalhar uma temática ampla e ao mesmo tempo única, uma oportunidade para crescimento profissional e principalmente acadêmico. As dificuldades e percalços encontrados no decorrer do caminho foram alicerces para a construção de um trabalho remodelado e com uma perspectiva de agregar conhecimento e revisitar a comunidade de destino. Uma devolutiva que contemple sua construção histórica, através da valorização da história oral de vida.

A comunidade de destino de migrantes nordestinos que foram entrevistados transita em outras comunidades, muitas vezes chamados de pioneiros, outros os consideram colonos, desbravadores, assentados. Nomenclaturas não faltam para designar essas pessoas que de uma forma ou de outra tiveram seus destinos entrelaçados no município de Vicentina, com origens próximas, mas diferentes, com trânsitos em momentos e lugares diferentes e que mesmo nem todos sabendo um sobre a vida do outro possuem uma relação dentro dessa comunidade.

A romantização da comunidade de destino não existiu, mesmo existindo narrativas romantizadas por parte dos colaboradores, a análise foi feita com extremo rigor dentro da metodologia proposta, e mesmo o pesquisador tendo suas origens também atreladas ao recorte espacial nordestino, não se deve deixar de atuar com a crítica científica que todo pesquisador deve se pautar.

Em uma comunidade que possui um leque abrangente de situações e de correlações, trabalhar suas dessemelhanças é o que oxigena a sua existência, pois através dos grandes debates que surgem as grandes ideias, e através das diferenças que compreendemos a costura da teia social em que está inserida a comunidade, através de seus colaboradores, redes e colônias.

Trabalhar com histórias de vida, com migrantes, com pessoas, é algo dinâmico e prazeroso. A história de vida contada, narrada por quem vivenciou tal fato é algo muito interessante, principalmente na perspectiva familiar, também a utilização dos objetos biográficos é muito valiosa na construção e na costura das histórias de vida. O nordestino é sujeito comum, narra suas alegrias e suas tristezas, na condição de migrante as suas histórias de vida se confundem com a de milhões de brasileiros que em algum momento de suas vidas teve que escolher ou aquele não teve a opção de escolher, e mesmo assim foram obrigados a mudar sua trajetória de vida, como um migrante dentro de seus próprios sonhos, onde quem vai, deixa saudade, quem fica, aguarda o

retorno. A migração aflora muitos sentimentos, que muitas vezes são difíceis de serem esquecidos, lembrados ou manifestados.

No primeiro capítulo desta dissertação, foram apresentados aspectos relacionados ao tema, a metodologia e ao espaço da pesquisa, fazendo com que o leitor possa estar situado de como a pesquisa foi realizada em relação ao método, parâmetros, trazendo cientificidade para disciplina histórica. A escolha da história oral como metodologia a ser utilizada, por trazer as singularidades com maior ênfase e entender as histórias de vida dentro de um processo maior que é o movimento migratório. Explicando de forma introdutória aspectos singulares da metodologia usada na história oral, trazendo o leitor para o entendimento da pesquisa.

No capítulo seguinte os colaboradores e suas histórias de vida foram apresentados. Foram dez colaboradores que apresentaram sua história de vida, contadas a partir da sua própria narrativa, na qual o pesquisador apenas atuou intermediando e também como colaborador nas memórias que foram trazidas através de suas falas. Entrevistas tão interessantes trazem o cotidiano das pessoas, alegrias, tristezas, sonhos, decepções, histórias de vida que se cruzam com muitas outras em todo o mundo. Os dez colaboradores, Expedito, José Martins, José Bernaldo, José Rodrigues, Idelfonso, João Possidônio, Josefa, José Alexandre, Antônio Fernandes, Otacílio, expuseram momentos importantes de suas vidas, com as lembranças de acontecimentos importantes e que ficaram marcados em suas memórias, e na memória coletiva da comunidade de destino.

No último capítulo realizo uma discussão sobre a cidade de Vicentina, com o processo de organização e ocupação do espaço onde hoje situa-se a cidade, bem como da importância das pessoas na consolidação deste lugar, a história como uma disciplina que estuda a ação das pessoas no tempo e no espaço. Discorri sobre alguns assuntos pertinentes que estão relacionados a cidade de Vicentina, como também da atuação dos migrantes nordestinos na cidade, foram abordadas no decorrer desta pesquisa. A música, a culinária, as festas, a religião e a religiosidade, a política, as relações com os outros povos, são fatores bastante importantes e que foram destacados nas análises dos desdobramentos das pesquisas e das entrevistas realizadas.

Os objetivos traçados, dentro da possibilidade foram alcançados, instigado por anseios pessoais, pois não há neutralidade na pesquisa. Todo pesquisador também possui uma relação com as pesquisas que estão a frente, no meu caso a familiar foi de grande valia, e respeitando os trâmites acadêmicos, metodologias, teorias, entre outros aspectos. Chegar ao fim de um percurso de quase três anos de pesquisa é algo muito

satisfatório, pelas amizades construídas, pelo conhecimento adquirido dentro e fora da academia. Entender o movimento migratório de nordestinos para a cidade de Vicentina corresponde, entre outros aspectos, compreender o processo de formação da sociedade vicentinense, da qual faço parte e estou também envolvido nessa construção.

Com uma análise sobre os desdobramentos da pesquisa, os migrantes vieram para Vicentina ou para o Sul do antigo Mato Grosso na época em busca de melhores condições de vida, com a esperança de dar um futuro melhor para suas famílias, esse deslocamento se deu especificamente decorrente das dificuldades encontradas na região nordeste, e são perceptíveis no decorrer do texto e das falas dos colaboradores no decorrer das entrevistas que foram realizadas. Os migrantes vieram como mão-de-obra para trabalhar em terras que viriam a ser suas através de doação, ou para trabalhar como empregados para outras pessoas. Mão-de-obra que foi primordial para o desenvolvimento das culturas agrárias como o algodão, amendoim, feijão e arroz, que por muitos anos foram importantes na economia regional. Em sua maioria, migrantes com baixa escolaridade. Alguns apenas sabem assinar o seu nome, outros com séries iniciais incompletas, apenas o colaborador José Martins Neto possui o terceiro grau. Em compensação apesar da pouca escolaridade formal, possuem uma sabedoria imensurável.

Nota-se por meio dos relatos que muitos personagens são mais controversos do que relatados pelas falas dos colaboradores, como exemplo o padre Cícero e o padre José Daniel, também possuíam facetas próximas de sujeitos autoritários em suas atitudes, com lideranças que tinham como sua palavra a última e incontestável, característica de vários políticos e também de líderes religiosos das mais variadas orientações religiosas. Contrapor tais visões não foi tarefa fácil, mas de extrema importância para o pesquisador no decorrer deste trabalho.

A paixão do nordestino e dos vicentinenses pela política também é muito nítida através da análise das entrevistas, em que o processo político é discutido pela população em seu cotidiano, com paixões e temores, a política é um dos temas mais instigados pelos colaboradores em suas narrativas, tendo sempre em algum instante atuado ou participado ativamente dos processos políticos regionais ou nacionais.

Por fim, o grande desafio foi a participação das mulheres, devido às redes que foram formadas, entender a presença feminina é de suma importância no processo migratório. Dei ênfase à presença das mulheres em um subtítulo que fala sobre a importância feminina na migração, mas tenho a consciência de que ainda ficou uma

lacuna a ser preenchida nesse aspecto. Talvez com mais entrevistadas mulheres, com mais histórias ou com uma maior abordagem sobre a importância feminina no movimento migratório. Em contrapartida, foi possível alcançar o objetivo de rememorar fatos que estão presentes na memória coletiva da sociedade, nesse aspecto na comunidade de destino que foi estudada, colaborando para um desfecho satisfatório para a pesquisa, que no decorrer dos últimos três anos dedicou uma parte de seu tempo em busca de respostas que muitas vezes são incompreensíveis para a maioria da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A Invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRADE, Claudete Soares de. *Aspectos da colonização contemporânea no antigo Sul de Mato Grosso: Vila Brasil e o sonho do migrante*. 2004. Monografia (Especialização em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

ANGELIN, Paulo Eduardo. *Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares*. Tese (Doutorado em Sociologia), São Carlos: Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, 2012.

ARANDA, Adnara Thais Bordan. *Uns partiram, outros ficaram: análise sócio-histórica do processo de colonização de Vicentina no antigo sul de mato grosso (1954 – 1987)*. 2018. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

BASSANEZI, Maria Silvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY C. B.; PEDRO, J. M. *Nova História das mulheres no Brasil*. 1ª ed., 3ª reimpressão, São Pulo: Contexto, 2018, p. 169-193

BELIZÁRIO, Maria Aletheia Stedile; SOUZA, Girlene Florencio de. *Padre Cícero: um legado de fé e devoção*. In: GONZAGA, Waldecir. FERREIRA, Antonio Luiz Catelan. ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (orgs.). *Um Padre e sua Fé: Cícero, História e Legado*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória – Ensaio de psicologia social*. 3º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CÁSSIA, Rita de. Políticas públicas no Nordeste do Brasil: a produção de enclaves e de desigualdades socioespaciais. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, n. 08, 2015, p. 11- 31.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRUZ, João Everton da. *Padre Cícero: uma referência de conselheiro no catolicismo popular sertanejo*. In: GONZAGA, Waldecir. FERREIRA, Antônio Luiz Catelan. ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de (orgs.). *Um Padre e sua Fé: Cícero, História e Legado*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021.

DELACROIX, Christian. *A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?* Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018. Título Original: L’histoire du temps présent, une histoire (vraiment) comme les autres?

FACINA, Adriana; SOHIET, Rachel. *Gênero e memória: algumas reflexões*. Revista Gênero, 2004, V. 5, n.1, p. 09-19.

FICO, Carlos. *História do Brasil contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais*. São Paulo: Contexto, 2015.

GARFIELD, Seth; COLLEGE, Bowdoin. *As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, nº 39, 2000, p. 15-42.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Identidade cultural e diáspora*. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 24, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____, HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

_____, RIBEIRO, Suzano L. Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

_____; SEAWRIGHT, Leandro Alonso. *Memórias e narrativas: história oral aplicada*. São Paulo, Editora Contexto: 2020.

MOREIRA, Vitória Sacramento. *Migrações Femininas e a Nova Lei de Migrações*. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 04, n. 04, 2018, p. 50-77.

NAGLIS, S.G.B. *Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND (1943-1960)*. 2007. 117f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. *História do Brasil república: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

NODARI, Eunice Sueli. *Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras*. *Esboços: História em Contextos Globais*, v. 10, n. 10, 2002, p. 29-51.

OLIVEIRA, B. *A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1937-1945)*. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Assis.

OSMAN, Samira Adel. *História oral nas fronteiras de imigração e refúgio*. In: GATTAZ, André; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro (orgs.). *História oral: a democracia das vozes*. São Paulo. Pontocom, 2019.

_____. *Oralidades*: revista de História oral / Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. -- Ano 1, n. 1 (jan./jun. 2007) -. -- São Paulo: NEHO, 2007.

PAES, Vanessa Generoso. *Trânsito de Identidades e Estratégias de Negociação Familiar*: deslocamentos populacionais entre a Bolívia e o Brasil. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PRADO, Luiz. Nordeste, um quebra-cabeça feito de fome, elites e interesses: Professores refletem sobre a ideia do Nordeste como unidade, mapeiam suas origens e os interesses envolvidos. *Jornal da USP [online]*, *Caderno Cultura*, 2019.

POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Tradução de Dora Rocha. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.03-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *A marca do passado*. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. Ouro Preto, v. 5, n. 10, p. 329–349, 2012. DOI:10.15848/hh.v0i10.456. <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/456>. Acesso em 8 set. 2023.

ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Tradução de Luiz Alberto Monjardim et al. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 93-101.

_____. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Trad. Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

SAMUEL, Raphael. *História Local e História Oral*. In: *Revista Brasileira de História*. Pp. 219-242. V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990.

SANTOS, Claudete Soares de Andrade. *Os colonos e a Igreja Católica no contexto da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (1940-1970)*. 2007. Dissertação (mestrado em História).

SANTOS, Marina de Souza. *Memórias, Trajetórias e Víveres: A experiência de ser nordestino em Dourados - MS (1940-2002)*. 2003. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia.

SMITH, Roberta de Carlo. *História oral, ensino de história e construção de identidades*. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História oral como experiência: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa*. Teresina: Cancioneiro, 2021.

SEAWRIGHT, Leandro Alonso. *Vidas Machucadas: história oral aplicada*. São Paulo, Editora Contexto: 2023.

SILVIA Maria Fávero Arend, Fábio Macedo. *Sobre a História do Tempo Presente: Entrevista com o historiador Henry Rousso*. *Tempo e Argumento*, 2009, 1 (1), pp.201-216. fahal-03974085f.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. “*Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração*”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.22, n. 44, 2002, pp. 341 – 364.

VILLA, Marco Antônio. *Quando eu vim-me embora: história da migração nordestina para São Paulo*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.